ANNA FREUD

O EGO E OS MECANISMOS DE DEFESA

BIBLIOTECA ARTMED
PSICANÁLISE

Aberastury, A. - Psicanálise da criança
Aberastury & Knobel - Adolescência normal
Bergeret, J. - Personalidade normal e patológica (3.ed.)
Bettelheim & Zelan - Psicanálise da alfabetização
Bleichmar & Bleichmar - A psicanálise depois de Freud: teoria e clínica
* **Corso & Corso** - Fadas no divã: a psicanálise nas histórias em quadrinho
Etchegoyen, R.H. - Fundamentos da técnica psicanalítica (2.ed.)
Freud, A. - O ego e os mecanismos de defesa
Freud Museum London - Diário de Sigmund Freud
Hannah, B. - Jung - vida e obra: uma memória biográfica
Kernberg, O.F. - Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões
Kernberg, O.F. - Ideologia, conflito e liderança em grupos e organizações
Kernberg, O.F. - Psicoterapia psicodinâmica de pacientes borderline
* **Person, Cooper & Gabbard** - Compêndio de Psicanálise
Winnicott, Shepherd & Davis - Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott
Winnicott, D.V. - O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional
Winnicott, D.V. - Pensando sobre crianças
Zimerman, D.E. - Bion - da teoria à prática: uma leitura didática (2.ed.)
Zimerman, D.E. - Fundamentos psicanalíticos - teoria, técnica, clínica: uma abordagem didática

Artmed® Editora S. A.
Av. Jerônimo de Ornelas, 670
90040-340 Porto Alegre, RS, Brasil
Fone (51) 3027-7000 Fax (51) 3027-7070
e-mail: artmed@artmed.com.br

O EGO E OS MECANISMOS DE DEFESA

Sumário

PARTE I

Teoria dos Mecanismos de Defesa

PARTE II

Exemplos da Evasão da "Dor" Objetiva e de Perigo Objetivo
Estágios Preliminares de Defesa

PARTE III

Exemplos de Dois Tipos de Defesa

PARTE IV

Defesa Motivada pelo Medo da Força das Pulsões Ilustrada pelos Fenômenos da Puberdade

parte

Teoria dos Mecanismos de Defesa

1 O Ego como Sede de Observação

DEFINIÇÃO DE PSICANÁLISE

Houve períodos no desenvolvimento da ciência psicanalítica em que o estudo teórico do ego individual foi nitidamente impopular. De uma maneira ou de outra, muitos analistas conceberam a idéia de que, na análise, o valor do trabalho científico e terapêutico realizado estava na proporção direta da profundidade das camadas psíquicas sobre as quais incidia a atenção. Sempre que o interesse era transferido das camadas psíquicas mais profundas para as mais superficiais - quer dizer, sempre que a pesquisa era desviada do id para o ego - via-se aí um princípio de deserção em relação à psicanálise como um todo. A opinião sustentada era de que o termo *psicanálise* devia ser reservado para as novas descobertas relativas à vida psíquica inconsciente, isto é, o estudo das moções pulsionais recalcadas, dos afetos e das fantasias. A psicanálise não tinha por que se interessar, propriamente, por problemas como o da adaptação de crianças e adultos ao mundo exterior, por conceitos de valor como os de saúde e doença, virtude e vício. Devia confinar suas investigações, exclusivamente, às fantasias infantis que foram transmitidas à idade adulta, às gratificações imaginárias e às punições concebidas em retribuição daquelas.

Semelhante definição de psicanálise encontra-se, não raras vezes, nos escritos analíticos e talvez se justifique pelo uso corrente que sempre tratou a psicanálise e a metapsicologia como termos sinônimos. Além disso, havia no passado uma certa justificação para tal atitude, visto poder-se afirmar que, desde os primeiros anos da nossa ciência, a sua teoria, construída como fora em uma base empírica, era predominantemente uma psicologia do inconsciente ou, como hoje diríamos, do id. Mas a definição perde imediata-

mente todas as pretensões de rigor e exatidão, quando a aplicamos à terapia psicanalítica. Desde o começo, a análise, como método terapêutico, preocupou-se com o ego e suas aberrações: a investigação do id e de seus processos de funcionamento foi sempre um meio, apenas, para se alcançar um fim. E o fim era invariavelmente o mesmo: a correção dessas anormalidades e a recuperação do ego, em sua integridade.

Quando os escritos de Freud, a partir de *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* e *Além do Princípio do Prazer,* tomaram uma nova direção, a reprovação geral da heterodoxia analítica deixou de visar ao estudo do ego e o interesse foi definitivamente voltado para as instâncias do ego. Desde então, o termo "metapsicologia" deixou certamente de abranger todo o campo da pesquisa psicanalítica. Atualmente, definiríamos a tarefa da análise da seguinte maneira: adquirir o máximo conhecimento possível de todas as três instâncias que acreditamos constituírem a personalidade psíquica e aprender quais são as suas relações mútuas com o mundo externo. O que significa: em relação ao ego, explorar o seu conteúdo, suas fronteiras e funções e apurar as influências no mundo externo, no id e no superego pelas quais foi moldado; e, em relação ao id, dar uma explicação das pulsões, isto é, do conteúdo do id e acompanhar as transformações por elas sofridas.

O ID, O EGO E O SUPEREGO NA AUTOPERCEPÇÃO

Todos sabemos que as três instâncias psíquicas variam imensamente em sua acessibilidade à observação. O nosso conhecimento do id - a que se dava antes o nome de inconsciente - só pode ser adquirido através de derivados que abram caminhos e se apresentem nos sistemas pré-consciente e consciente. Se, dentro do id, prevalecer um estado de calma e satisfação, de modo que não se verifique qualquer oportunidade para uma moção pulsional invadir o ego em busca de gratificação e aí produzir sentimentos de tensão e desprazer, nada poderemos aprender sobre o conteúdo do id. Segue-se, teoricamente, pelo menos, que o id não é acessível à observação, sob todas e quaisquer condições.

A situação é diferente, claro, no caso do superego. O seu conteúdo é, em sua maior parte, consciente e podemos, assim, alcançá-lo diretamente através da percepção endopsíquica. Não obstante, a nossa imagem do superego tende sempre a se tornar confusa e enevoada, quando existem relações harmoniosas entre ele e o ego. Dizemos, então, que os dois coincidem, isto é, em tais momentos o superego não é perceptível como instância separada, nem por parte do próprio sujeito, nem por um observador externo. Seus contornos só se tornam claros quando enfrenta o ego com hostilidade ou, pelo menos, com criticismo. O superego, tal como o id, passa a ser perceptível no estado que gera dentro do ego: por exemplo, quando a crítica suscita um sentimento de culpa.

O EGO COMO OBSERVADOR

Nesse caso, significa que o nosso campo adequado de observação é sempre o ego. Constitui, por assim dizer, o meio pelo qual tentamos obter uma imagem das outras duas instâncias.

Quando as relações entre as duas potências vizinhas - ego e id - são pacíficas, a primeira desempenha admiravelmente o seu papel de observadora da segunda. Várias moções pulsionais estão perpetuamente forçando sua introdução no ego, a partir do id, para ganharem acesso ao aparelho motor, por meio do qual obtêm gratificação. Nos casos favoráveis, o ego não faz objeções aos intrusos, mas coloca suas próprias energias à disposição, limitando-se, por sua vez, a perceber; assinala o desencadear da moção pulsional, o aumento de tensão e os sentimentos de "dor" que a acompanham e, finalmente, o alívio de tensão quando é obtida a gratificação. A observação de todo o processo propicia-nos uma imagem clara e sem distorções da moção pulsional que estiver em jogo, da quantidade de libido libertada no investimento e a finalidade a que visa. O ego, se consentir no impulso, não participará, de maneira alguma, dessa imagem.

Infelizmente, a transferência de moções pulsionais de uma instância para outra poderá ser o sinal para conflitos de toda a espécie, com o inevitável resultado de que a observação do id é interrompida. No seu trajeto para a gratificação, os impulsos do id têm de cruzar o território do ego, onde se encontram em uma atmosfera estranha. No id predominam os chamados "processos primários". Não há, dessa forma, uma síntese de idéias. Os afetos são suscetíveis de deslocamento, òs opostos não se excluem mutuamente - e podem até coincidir - e a condensação ocorre como questão rotineira. O princípio soberano que governa os processos psíquicos é o de obtenção de prazer. No ego, pelo contrário, a associação de idéias está sujeita a condições rigorosas, às quais aplicamos a expressão global de "processo secundário". Além disso, as moções pulsionais já não podem buscar com facilidade sua gratificação, sendo-lhes exigido que respeitem os imperativos da realidade e, mais do que isso, que se conformem às leis éticas e morais por cujo intermédio o superego procura controlar o comportamento do ego. Logo, esses impulsos correm o risco de provocar o desprazer de instâncias que lhes são essencialmente alheias. Estão expostos a críticas e rejeição, tendo de submeter-se a todas as espécies de modificações. As relações pacíficas entre as potências vizinhas estão no fim. As moções pulsionais continuam esforçando- se por conseguir seus fins, com a tenacidade e a energia que lhes é peculiar e efetuam incursões hostis no ego, na esperança de o derrubarem por um ataque de surpresa. O ego, por seu turno, torna-se desconfiado e trata de contra- atacar, invadindo o território do id. Seu propósito é colocar as pulsões permanentemente fora de ação, por meio de medidas defensivas apropriadas, designadas para garantir as próprias fronteiras.

A imagem desses processos, que nos é transmitida através da faculdade de observação do ego, é mais confusa, mas, simultaneamente, muito mais valiosa. Mostra-nos duas instâncias psíquicas em ação no mesmo instante. Deixamos de ver um impulso do id sem distorções mas, igualmente, um impulso do id modificado por certas medidas defensivas, por parte do ego. A tarefa do observador analítico é dividir a imagem, dado que representa, de fato, um compromisso entre as várias instâncias separadas, em suas parcelas componentes: o id, o ego e, talvez, o superego.

INCURSÕES DO ID E DO EGO, CONSIDERADAS COMO MATERIAL PARA OBSERVAÇÃO

Em tudo isso, somos impressionados pelo fato de que as incursões de um lado e de outro não são, de modo algum, igualmente valiosas, do ponto de vista da observação. Todas as medidas defensivas do ego contra o id são levadas a efeito silenciosa e invisivelmente. O máximo que podemos fazer, em qualquer caso, é reconstituí-las em retrospecto: não podemos realmente testemunhar a sua ação. Essa afirmação aplica-se, por exemplo, ao recalcamento bem-sucedido. O ego nada sabe a esse respeito. Nós só tomamos conhecimento do recalcamento quando se torna evidente que está faltando alguma coisa. Isso significa que, quando tentamos formar um juízo objetivo sobre determinado indivíduo, percebemos a ausência de certos impulsos do id, cujo aparecimento no ego seria de se esperar, em busca de gratificação. Se não emergirem, em momento algum, só poderemos então partir do princípio de que lhes foi negado permanentemente o acesso ao ego, isto é, que tais impulsos sucumbiram ao recalcamento. Mas isso nada nos explica sobre os processos de recalcamento propriamente ditos.

O mesmo se pode dizer, na verdade, a respeito da formação reativa bem-sucedida, que é uma das mais importantes medidas adotadas pelo ego, como proteção permanente contra o id. Tais formações aparecem, quase sem se anunciarem, no ego no decorrer da evolução infantil. Não podemos afirmar sempre que a atenção do ego estava previamente focalizada naquela dada moção pulsional contrária que a formação reativa substitui. Regra geral: o ego nada sabe sobre a rejeição do impulso ou sobre o conflito geral que resultou na implantação de uma nova característica. Os observadores analíticos poderiam facilmente tomá-lo como um desenvolvimento espontâneo do ego, se não fossem as indicações definidas de exagero obsessivo sugerirem que essa nova característica é da natureza de uma reação e oculta um conflito de longa duração. Também nesse caso a observação de determinado modo de defesa nada revela sobre o processo por meio do qual ela evoluiu.

Notamos que todas as informações importantes que possuímos foram adquiridas mediante o estudo de incursões no lado oposto, ou seja, do id no ego, por exemplo. A obscuridade de um recalcamento bem-sucedido só é

igualada pela transparência do processo repressivo quando o movimento é invertido, isto é, quando o material recalcado retorna, como se pode observar na neurose. Nesse caso, podemos apurar todos os estágios do conflito entre a moção pulsional e a defesa do ego. Do mesmo modo, a formação reativa pode ser mais bem estudada quando tais formações estão em processo de desintegração. Nesse caso, a incursão do id assume a forma de um reforço do investimento libidinal da primitiva moção pulsional que a formação reativa escondia. Isso habilita o impulso a forçar seu caminho para a consciência e, durante algum tempo, a moção pulsional e a formação reativa são visíveis, lado a lado, no ego. Em virtude de outra função do ego - a sua tendência para a síntese esse estado de coisas, que é particularmente favorável à observação analítica, dura apenas alguns momentos de cada vez. Então, surge um novo conflito entre o derivado do id e a atividade do ego. E um conflito que decide qual dos dois irá predominar e que espécie de compromisso será adotado. Se, por meio do reforço de seu investimento energético, a defesa estabelecida pelo ego for coroada de êxito, a força invasora do id é derrotada e a paz reina uma vez mais na psique - uma situação extremamente desfavorável às nossas observações.

2

A Aplicação da Técnica Analítica ao Estudo das Instâncias Psíquicas

No primeiro capítulo, descrevi as condições em que a observação psicanalítica dos processos psíquicos teve de ser conduzida. Nas páginas seguintes, proponho relatar o modo como a nossa técnica analítica, tal como evoluiu, se acomodou a essas condições.

TÉCNICA HIPNÓTICA NO PERÍODO PRÉ-ANALÍTICO

Na técnica hipnótica do período pré-analítico, o papel do ego era ainda inteiramente negativo. A finalidade do hipnotizador era chegar ao conteúdo do inconsciente e considerava o ego, meramente, um fator de perturbação em seu trabalho. Já se sabia que, por meio da hipnose, era possível eliminar ou, pelo menos, sobrepujar o ego do paciente. A nova característica, na técnica descrita em *Estudos sobre a Histeria,* era a seguinte: a de que o médico se aproveitasse da eliminação do ego para ganhar acesso ao inconsciente do paciente - agora conhecido como o id acesso este que estivera até então bloqueado pelo ego. Assim, o objetivo visado era a revelação do inconsciente; o ego era um fator de perturbação e a hipnose um meio de nos livrarmos dele, temporariamente. Quando um fragmento de material inconsciente vinha à superfície, na hipnose, o médico apresentava-o ao ego, e o efeito dessa introdução forçada do material na consciência era a eliminação do sintoma. Mas o ego não participava no processo terapêutico. Só tolerava o intruso na medida em que ele próprio estivesse sob a influência do médico que induzira à hipnose. Depois, revoltava-se e começava uma nova luta para defender-se contra o elemento do id que lhe fora imposto. Assim, o sucesso terapêutico, tão laboriosa-

mente obtido, era viciado. E acabou por se constatar que o triunfo máximo da técnica hipnótica - a completa eliminação do ego durante o período de investigação - era comprovadamente prejudicial à obtenção de resultados permanentes, sobrevindo por isso a desilusão quanto ao valor dessa técnica.

LIVRE ASSOCIAÇÃO

Mesmo na livre associação - o método que desde então passou a substituir a hipnose como auxiliar de pesquisa o papel do ego ainda é, inicialmente, negativo. É verdade que o ego do paciente deixou de ser eliminado por meios forçados. Ao contrário, *é* solicitado que se elimine a si próprio, que se abstenha de criticar as associações e que despreze as reivindicações da conexão lógica, as quais, em outras alturas, são consideradas legítimas. De fato, pede-se ao ego que se mantenha silencioso e o id é convidado a falar, prome- tendo-se a ele que seus derivados não encontrarão as dificuldades habituais, se emergirem na consciência. Nunca é prometido, claro, que, ao fazerem sua aparição no ego, irão alcançar seus objetivos pulsionais, sejam estes quais forem. A garantia só é válida para a sua tradução em idéias expressas por palavras: não lhes dá direito a obterem o controle do sistema motor, que é o seu verdadeiro propósito, ao emergirem. Com efeito, esse sistema é posto fora de ação, antecipadamente, pelas normas rigorosas da técnica analítica. Assim, temos de fazer um jogo duplo com as moções pulsionais do paciente, por um lado, encorajando-os a que se expressem e, por outro, recusando-se com firmeza a gratificação - um procedimento que, incidentalmente, dá origem a uma das numerosas dificuldades no manejo da técnica analítica.

Ainda hoje, muitos principiantes na análise têm a idéia de que é essencial conseguirem induzir seus pacientes, concreta e invariavelmente, a darem todas as suas associações, sem modificação ou inibição, isto é, a obedecerem implicitamente à regra fundamental da análise. Mas, mesmo que esse ideal fosse realizado, isso não representaria um progresso, pois significaria, afinal de contas, o ressurgimento da agora obsoleta situação de hipnose, que é a concentração unilateral, por parte do médico, no id. Felizmente, para a análise, uma tal docilidade no paciente é, na prática, impossível. A regra fundamental nunca pode ser seguida para além de um certo ponto. O ego conserva-se silencioso por algum tempo e os derivados do id utilizam essa pausa para forçar sua passagem até a consciência. O analista apressa-se a captar suas manifestações. Depois, o ego agita-se de novo, repudia a atitude de tolerância passiva que foi obrigado a assumir e, por meio de um ou outro de seus habituais mecanismos de defesa, intervém no caudal de associações. O paciente transgride a regra fundamental da análise ou, como dizemos, ergue “resistências”. Isso significa que a incursão do id deu lugar a um contra-ataque do ego ao id. A atenção do observador é desviada agora das associações para a resistência, isto é, do conteúdo do id para a atividade do ego. O analista tem uma oportunidade de

testemunhar, então, a entrada em ação, pelo ego, de uma daquelas medidas defensivas contra o id que já descrevi e que são obscuras, e compete-lhe agora fazer disso o objeto de sua investigação. Observa, então, que, com essa mudança de objeto, a situação na análise também mudou subitamente. Ao analisar o id, o analista é auxiliado pela tendência espontânea dos derivados do id para virem à superfície: seus esforços e os do material que tenta analisar têm uma direção semelhante. Na análise das operações defensivas do ego não existe, claro, essa comunidade de objetivo e rumo. Os elementos inconscientes no ego não têm propensão para tomar-se conscientes e em nada beneficiam, se o fizerem. Logo, qualquer peça de análise do ego é muito menos satisfatória do que a análise do id. Necessita proceder por rodeios, por vias de contorno, não pode seguir diretamente até ao fim a atividade do ego, a única possibilidade é reconstituí-la a partir de sua influência nas associações do paciente. Partindo da natureza do efeito produzido - quer seja omissão, inversão, deslocamento de significado, etc. -, esperamos descobrir que espécie de defesa o ego empregou nas suas intervenções. Portanto, a tarefa do analista é, antes de tudo, proceder ao reconhecimento dos mecanismos de defesa. Quando cumpri-la, realizará uma boa parte da tarefa de análise do ego. Sua tarefa seguinte é desfazer o que tiver sido feito pela defesa, isto é, descobrir e repor em seu lugar o que foi omitido por meio do recalcamento, corrigir os deslocamentos e devolver ao seu verdadeiro contexto o que tiver sido isolado. Assim que tiver restabelecido as ligações cortadas, dirige a sua atenção, uma vez mais, da análise do ego para a do id.

Vemos, pois, que o que nos interessa não é, simplesmente, a imposição por si só da regra fundamental da análise, mas a observação do conflito a que isso dá origem. Apenas quando a observação é focalizada ora no id, ora no ego, e a direção do interesse é dupla, prolongando-se para ambos os lados do ser humano que temos diante de nós, podemos então falar de *psicanálise,* em contraste com o método unilateral da hipnose.

Os demais métodos empregados na técnica analítica podem ser classificados sem dificuldade, de acordo com a direção, para um ou outro lado, da atenção do observador.

INTERPRETAÇÃO DE SONHOS

A situação, quando estamos interpretando os sonhos do nosso paciente e quando estamos ouvindo suas livres associações, é a mesma. O estado psíquico do sonhador pouco difere do estado do paciente durante a hora analítica. Quando obedece à regra fundamental da análise, suspende voluntariamente a função do ego; no sonho, essa suspensão ocorre automaticamente, sob a influência do sono. Faz-se com que o paciente se estenda em repouso no divã do analista, para que ele não tenha qualquer oportunidade de gratificar seus desejos pulsionais de ação; do mesmo modo, no sono, o sistema motor é colocado

em ponto morto. E o efeito da censura, a tradução de pensamentos oníricos latentes em conteúdo manifesto do sonho, com as distorções, as condensações, os deslocamentos, as inversões e as omissões que isso envolve, corresponde às distorções que têm lugar nas associações, sob a pressão de certa resistência. A interpretação dos sonhos ajuda-nos, portanto, em nossa investigação do id, à medida que consegue trazer à luz os pensamentos oníricos latentes (conteúdo do id), assim como na investigação das instâncias do ego e suas operações defensivas, à medida que nos habilita a reconstituir as medidas adotadas pelo censor, partindo dos seus efeitos sobre os pensamentos oníricos.

INTERPRETAÇÃO DE SÍMBOLOS

Um subproduto da interpretação de sonhos, a saber, a compreensão dos símbolos oníricos, contribui amplamente para o êxito do nosso estudo do id. Os símbolos são relações constantes e universalmente válidas entre determinados conteúdos do id e idéias específicas de palavras ou coisas. O conhecimento dessas relações habilita-nos a extrair inferências idôneas das manifestações conscientes, no tocante ao material inconsciente nelas subentendido, sem termos de inverter primeiro, laboriosamente, alguma medida que o ego tenha adotado em sua defesa. A técnica da tradução de símbolos é um encurtamento do caminho para a compreensão ou, mais precisamente, um meio para descer das camadas superiores da consciência até as camadas inferiores do inconsciente, sem parar nas camadas intermediárias de atividades anteriores do ego que possam ter forçado, em um tempo passado, um certo conteúdo do id a adotar uma forma específica do ego. O conhecimento da linguagem dos símbolos tem a mesma espécie de valor para a compreensão do id, que as fórmulas matemáticas têm para a solução de problemas típicos. Tais fórmulas podem ser usadas com vantagem. Não interessa se a pessoa ignora a maneira como foram originalmente obtidas. Mas, embora ajudem a solucionar os problemas, não contribuem para a nossa compreensão da matemática como tal. Do mesmo modo, ao traduzirmos os símbolos, poderemos revelar o conteúdo do id sem realmente alcançarmos qualquer compreensão psicológica mais profunda do indivíduo com quem estamos tratando.

PARAPRAXIAS

De tempos em tempos, obtemos ainda mais vislumbres do inconsciente de outro modo, naquelas irrupções do id que são conhecidas como parapraxias. Como se sabe, essas irrupções não se limitam à situação psicanalítica. Podem ocorrer em qualquer altura quando, em certas circunstâncias especiais, a vigilância do ego é afrouxada ou desviada e um impulso inconsciente (devido também a circunstâncias especiais) é subitamente reforçado. Tais parapraxias,

especialmente na forma de deslizes da língua e esquecimentos, podem, claro, acontecer na análise, quando iluminam, como a luz de um relâmpago, alguma parte do inconsciente que nós estávamos, talvez há muito tempo, esforçando-nos por interpretar analiticamente. Nos primórdios da técnica analítica, tais percalços inesperados eram acolhidos como se propiciassem uma prova quase irrefutável da existência do inconsciente, em pacientes que se mostravam propensos a serem impermeáveis à visão analítica. Assim, os analistas também ficavam satisfeitos por estarem aptos a demonstrar, mediante exemplos facilmente compreensíveis, a existência de vários mecanismos, tais como o deslocamento, a condensação e a omissão. Mas, de um modo geral, a importância dessas ocorrências fortuitas para a técnica analítica é diminuta em comparação às irrupções do id, deliberadamente introduzidas para apoiar o nosso trabalho analítico.

TRANSFERÊNCIA

A mesma distinção teórica entre observação do id, por um lado, e observação do ego, por outro, pode ser estabelecida no caso daquilo que constitui, talvez, o mais poderoso instrumento nas mãos do analista: a interpretação da transferência. Por transferência entendamos todos aqueles impulsos experimentados pelo paciente, em sua relação com o analista, que não são uma criação nova ou recente da situação analítica objetiva, mas têm sua origem em relações remotas (de fato, primordiais) com o objeto e são agora meramente revividos sob a influência da compulsão de repetição. Visto que esses impulsos são repetentes e não novas criações, revestem-se de valor incomparável como um meio de informação sobre as experiências afetivas passadas do paciente. Veremos que é possível distinguir diferentes tipos de fenômenos de transferência, segundo o grau de sua complexidade.

a) *Transferência de impulsos libidinais* - O primeiro tipo de transferência é extremamente simples. O paciente encontra-se perturbado em sua relação com o analista em virtude de emoções passionais, por exemplo, amor, ódio, ciúme, angústia, o que não parece justificar-se pelos fatos da situação real. O próprio paciente resiste a essas emoções e sente-se envergonhado, humilhado, etc., quando elas se manifestam contra a sua vontade. Com freqüência, só insistindo na regra fundamental da análise, conseguimos forçar uma passagem, através da qual essas emoções ganhem expressão consciente. No prosseguimento da investigação revela-se o verdadeiro caráter desses afetos: são irrupções do id. Têm sua origem em remotas constelações afetivas, tais como o complexo de Édipo e o complexo de castração, tornam-se compreensíveis e, na verdade, são justificadas, se as desligarmos da situação analítica e as inserirmos em uma situação afetiva infantil. Assim, quando repostas em

seu lugar apropriado, ajudam-nos a preencher uma lacuna amnésica no passado do paciente e dotam-nos com novas informações sobre a sua vida pulsional e afetiva infantil. Geralmente., o paciente mostra-se bastante disposto a colaborar conosco na interpretação, visto ele próprio sentir que o impulso afetivo transferido é um corpo estranho e intrusivo. Repondo-o em seu lugar no passado, o libertamos de um impulso no presente, que é alheio ao ego do paciente, habilitando-o assim a prosseguir no trabalho de análise. Convém notar que a interpretação desse primeiro tipo de transferência só nos ajuda na observação do id.

b) *Transferência de defesa* - O caso muda de figura quando passamos ao segundo tipo de transferência. A compulsão de repetição, que domina o paciente na situação analítica, estende-se não apenas aos impulsos anteriores do id, mas também às medidas anteriores defensivas contra as pulsões. Assim, ele não só transfere impulsos infantis e indeformados do id - que se tomaram alvo de uma censura por parte do ego adulto secundariamente e só depois que forçam seu caminho para a expressão consciente; transfere também os impulsos do id em todas aquelas maneiras de distorção que ganharam forma enquanto o paciente estava ainda na infância. Em casos extremos, pode acontecer de a própria moção pulsional nunca participar na transferência, mas apenas na defesa específica adotada pelo ego contra alguma atitude positiva ou negativa da libido, como a reação de fuga ou evasão de uma fixação positiva de amor, na homossexualidade latente feminina, ou a atitude submissa feminina-masoquista - para a qual Wilhelm Reich chamou a nossa atenção - em pacientes masculinos, cujas relações com seus pais tinham-se caracterizado, em tempos remotos, pela agressão. Em minha opinião, cometemos uma grande injustiça com os nossos pacientes, se descrevermos essas reações de defesa transferidas como “camuflagem” ou se dissermos que os pacientes “estão passando a perna no analista”, ou ludibriando-o de algum modo. E, na verdade, verificaremos ser difícil induzi-los, por uma férrea insistência na regra fundamental - isto é, pressionando-os para que sejam francos, a exporem o impulso do id que se esconde sob a defesa, tal como se manifestou na transferência. O paciente é, de fato, sincero e franco quando dá expressão ao impulso ou afeto da única maneira que ainda está ao seu alcance, ou seja, na medida defensiva distorcida. Penso que, em tal caso, o analista não deve omitir todos os estágios intermediários na transformação que a pulsão sofreu e esforçou-se, a todo o custo, por chegar diretamente à moção pulsional primitiva, contra a qual o ego estabeleceu sua defesa, introduzindo-o na consciência do paciente. O método mais correto será mudar o foco de atenção, na análise, transferindo-o em primeiro lugar da pulsão para o mecanismo específico de defesa, isto é, do id para o ego. Se conseguirmos reconstituir o percurso seguido pela pulsão em suas várias trans-

formações, o ganho na análise é duplo. O fenômeno de transferência que interpretamos cinde-se em duas partes, as quais têm ambas sua origem no passado: um elemento libidinal ou agressivo, que pertence ao id; e um mecanismo de defesa, que devemos atribuir ao ego - nos casos mais instrutivos, ao ego do mesmo período infantil em que o impulso do id surgiu pela primeira vez. Preenchemos uma lacuna na memória da vida pulsional do paciente - o que poderemos também fazer quando interpretamos o primeiro e simples tipo de transferência. Além disso, adquirimos informações que completam e preenchem as lacunas na história da evolução do seu ego ou, por outras palavras, a história das transformações pelas quais as pulsões passaram.

A interpretação do segundo tipo de transferência é mais fértil do que a do primeiro. Porém, ela é responsável pela maioria das dificuldades técnicas que surgem entre o analista e o paciente. Este não sente o segundo tipo de reação de transferência como um corpo estranho, o que não surpreende, se refletirmos sobre o grande papel que o ego desempenha - mesmo que seja o ego dos primeiros anos de vida - na produção dessa transferência. Não é fácil convencer o paciente sobre a natureza repetente desses fenômenos. A forma em que emergem na sua consciência é egossintônica. As distorções exigidas pela censura consumaram-se há muito tempo e o ego adulto não vê razão para estar de sentinela contra o aparecimento das mesmas nas livres associações do analisante. Por meio da racionalização, ele fecha os olhos, facilmente, às discrepâncias entre causa e efeito que são tão notórias para o observador e tornam evidente que a transferência não tem justificação objetiva. Quando as reações de transferência adquirem essa forma, não podemos confiar na colaboração voluntária do paciente, como acontece quando elas são do tipo primeiramente descrito. Sempre que a interpretação aborda os elementos desconhecidos do ego, suas atividades no passado, esse ego impõe-se totalmente ao trabalho de análise. Nesse caso, evidentemente, temos a situação que correntemente descrevemos pelo termo, não muito feliz, de “análise de caráter”, Do ponto de vista teórico, os fenômenos revelados pela interpretação da transferência cabem em dois grupos: o de conteúdos do id e o de atividades do ego. Em cada caso, eles foram introduzidos na consciência. Os resultados de interpretação durante a livre associação do paciente podem ser analogamente classificados: o caudal ininterrupto de associações projeta luz sobre o conteúdo do id; a ocorrência de uma resistência sobre os mecanismos de defesa empregados pelo ego. A única diferença é que as interpretações da transferência se relacionam exclusivamente com o passado e podem esclarecer, em um momento, períodos inteiros da vida pregressa do paciente, ao passo que os conteúdos do id revelados na livre associação não se relacionam a qualquer período particular. Além disso, as

operações defensivas do ego, manifestadas durante a hora analítica na forma de resistência à livre associação, podem pertencer também à sua vida presente.

c) *"Representar" na transferência* - Entretanto, outra importante contribuição para o nosso conhecimento do paciente é feita por uma terceira forma de transferência. Na interpretação dos sonhos, livre associação, interpretação de resistência e nas formas de transferência anteriormente descritas, o paciente, tal como o vemos, coloca-se sempre dentro da situação analítica, isto é, em um estado endopsíquico não-natural. A relação das duas instâncias, no tocante às respectivas forças, foi transtornada: a balança pende em favor do id, em um caso através da influência do sono e, no outro, através da observância da regra fundamental da análise. A força dos fatores do ego, quando os encontramos - quer na forma da censura do sonho, quer na da resistência às livres associações foi sempre debilitada. A influência de tais fatores diminuiu, sendo muitas vezes extremamente difícil imaginá- los em sua magnitude e vigor naturais. Todos conhecemos a acusação freqüentemente formulada contra os analistas - que talvez tenham um bom conhecimento do inconsciente de um paciente, mas são maus juízes de seu ego. Existe, provavelmente, uma certa dose de justificação nessa crítica, pois faltam ao analista oportunidades para observar a totalidade do ego do paciente em ação.
Ora, pode ocorrer uma intensificação da transferência, durante a qual, enquanto vigora, o paciente deixa de observar as normas rigorosas do tratamento analítico e começa a "representar", no comportamento de sua vida cotidiana, tanto as moções pulsionais como as reações defensivas que estão consubstanciadas em seus afetos transferidos. Isto é conhecido como "representação" na transferência - um processo em que, estritamente falando, as fronteiras da análise já foram transgredidas. É instrutiva, do ponto de vista do analista, à medida que a estrutura psíquica do paciente é assim revelada, automaticamente, em suas proporções naturais. Sempre que conseguimos interpretar essa "representação", podemos dividir as atividades de transferência em suas partes componentes. Dessa forma, podemos descobrira quantidade real de energia fornecida nesse dado momento pelas diferentes instâncias. Em contraste com as observações que fizemos durante as livres associações do paciente, essa situação revela-nos o montante absoluto e o relativo com que cada instância naturalmente contribuiu. Embora, a esse respeito, a interpretação da "representação" na transferência nos permita alguns valiosos vislumbres, os ganhos terapêuticos são gerai mente escassos. A apresentação do inconsciente na consciência e o exercício da influência terapêutica sobre as relações entre id, ego e superego dependem claramente da situação analítica, que é artificialmente produzida e ainda se assemelha à hipnose, à medida que a

atividade das instâncias do ego é cerceada. Enquanto o ego continuar funcionando livremente ou fazendo causa comum com o id, e simplesmente executando suas ordens, serão poucas as oportunidades para deslocamentos endopsíquicos e para que se exerça uma influência de fora. Logo, essa terceira forma de transferência, a que chamamos de "representar", é ainda mais difícil para o analista lidar com ela, do que a transferência dos vários modos de defesa. É natural que ele tente restringir ao máximo a "representação", por meio das interpretações analíticas que oferece e das proibições não-analíticas que impõe.

A RELAÇÃO ENTRE A ANÁLISE DO ID E A DO EGO

Descrevi, com uma considerável soma de pormenores, como os fenômenos de transferência estão abrangidos em três categorias: transferência de tendências libidinais, transferência de atitudes defensivas e "representar" na transferência. Meu propósito foi mostrar que as dificuldades técnicas de análises são relativamente menores, quando se trata de uma questão de levar os derivados do id para a consciência; e que são máximas, quando temos de enfrentar os elementos inconscientes no ego. Isso talvez seja mais bem expresso da seguinte maneira: a dificuldade não é inerente à nossa técnica analítica como tal; não está menos bem adaptada para fazer subir à consciência a parte inconsciente do ego do que para inculcar na consciência a parte inconsciente do id ou do superego. Ocorre apenas que nós, analistas, estamos menos familiarizados com as dificuldades da análise do ego do que com as da análise do id. A teoria analítica deixou de sustentar que o conceito de ego é idêntico ao de sistema de consciência perceptiva; quer dizer, percebemos que vastas porções das instâncias do ego são inconscientes e requerem o auxílio da análise, a fim de tomá-las conscientes. O resultado é que a análise do ego assumiu, aos nossos olhos, maior importância. Tudo o que se apresentar na análise, oriundo do ego, é material tão bom quanto um derivado do id. Não temos o direito de considerá-lo, simplesmente, uma interrupção na análise do id. Mas, é claro, tudo o que provém do ego é também uma resistência, em todos os sentidos da palavra: uma força dirigida contra a emergência do inconsciente e, por conseguinte, contra o trabalho do analista. E nossa ambição aprendermos a orientar a análise do ego de um paciente - ainda que tenha de ser levada a cabo contra a vontade desse ego -, pelo menos com a mesma firmeza com que conduzimos a análise do seu id.

UNILATERALIDADE NA TÉCNICA ANALÍTICA E AS DIFICULDADES DAÍ DECORRENTES

Sabemos, pelo que já foi dito, que se dedicarmos a nossa atenção às livres associações do nosso paciente, aos seus pensamentos oníricos latentes, à tra-

dução dos símbolos e ao conteúdo da transferência, quer fantasiada ou "representada", poderemos fazer progressos em nossa investigação do id, mas a análise é unilateral. Por outro lado, o estudo de resistências, da atividade da censura dos sonhos e dos vários modos transferidos de defesa contra as moções pulsionais e as fantasias, auxiliará a nossa investigação das atividades desconhecidas do ego e do superego. Mas esse método é igualmente unilateral. Se é verdade que apenas uma combinação das duas linhas de pesquisa, sem pendor para uma ou outra direção, pode produzir uma imagem completa da situação íntima do analisante, então deve também ser o caso de, se dermos preferência a qualquer um dos meios de investigação analítica, à custa de todos os outros, o resultado ser inevitavelmente uma imagem distorcida ou, pelo menos, incompleta da personalidade psíquica - um "travesti" da realidade.

Por exemplo, uma técnica que se limitasse de maneira excessivamente exclusiva a traduzir símbolos arriscar-se-ia a trazer à superfície material que consistiria, também exclusivamente demais, em conteúdos do id. Quem empregasse semelhante técnica estaria naturalmente inclinado a negligenciar ou, em todo o caso, a dar menos importância àqueles elementos inconscientes nas instâncias do ego que só podem apresentar-se na consciência por alguns outros meios à nossa disposição na análise. Poder-se-ia pretender justificar uma tal técnica dizendo não haver realmente necessidade de enveredar por uma via de contorno, passando pelo ego, quando era possível atingir diretamente a vida pulsional recalcada. Não obstante, os seus resultados ainda seriam incompletos. Apenas a análise das operações defensivas inconscientes do ego pode nos habilitar a reconstituir as transformações a que as pulsões foram submetidas. Sem o conhecimento das mesmas, poderemos descobrir, de fato, muita coisa sobre o conteúdo de desejos e fantasias pulsionais e recalcados, mas pouco ou nada aprenderemos sobre as vicissitudes por que passaram e os vários processos pelos quais participam na estrutura da personalidade.

Uma técnica que se inclinasse demais na outra direção, de modo que o primeiro plano fosse ocupado exclusivamente pela análise das resistências do paciente, seria também defeituosa em seus resultados, mas do lado oposto. Esse método nos daria uma imagem da estrutura global do ego do analisante, mas a profundidade e a integralidade da análise do seu id teriam de ser sacrificadas.

Os resultados de uma técnica que se concentrasse demais na transferência seriam semelhantes. Não há dúvida de que os pacientes, quando em estado de transferência intensificada que um tal método incentivaria, produzem material abundante das camadas mais profundas do id. Mas, ao fazê-lo, transgridem os limites da situação analítica. O ego deixa de conservar-se de fora, suas energias declinam, sua força reduz-se, sua atitude é a de observação objetiva, sem parte ativa no que está acontecendo. É ultrapassado, dominado, arrastado para a ação. Apesar de, sob o domínio da compulsão de repetição, comportar-se totalmente como um ego infantil, isso não altera o fato de estar atuando em lugar de estar analisando, Mas isso significa que semelhan-

te técnica, abraçada com grandes esperanças de se atingir um conhecimento mais profundo de nossos pacientes, pode redundar em todos aqueles desapontamentos, do ponto de vista terapêutico, que em bases teóricas deveríamos naturalmente esperar da representação na transferência.

A técnica de análise infantil, que eu própria advoguei, é também um bom exemplo dos perigos da unilateralidade. Se renunciarmos à livre associação, se fizermos um uso parcimonioso da interpretação de símbolos e se começarmos interpretando a transferência apenas em um estágio avançado do tratamento, três importantes vias para a descoberta do conteúdo do id e das atividades do ego serão fechadas para nós. Coloca-se então a pergunta, a que me proponho responder no próximo capítulo: como poderemos corrigir essas deficiências e, apesar de tudo, ultrapassar as camadas superficiais da vida psíquica?

As Operações Defensivas do Ego Consideradas como Objeto de Análise

3

A RELAÇÃO ENTRE O EGO E O MÉTODO ANALÍTICO

As enfadonhas e detalhadas discussões teóricas contidas no capítulo anterior podem ser resumidas, para fins práticos, em algumas frases simples. E tarefa do analista trazer à consciência o que está inconsciente, seja qual for a instância psíquica a que o material pertença. Ele dirige sua atenção, igual e objetivamente, para os elementos inconscientes de todas as três instâncias. Por outras palavras, quando o analista se dispõe a levar a fundo a obra de esclarecimento, situa-se em um ponto eqüidistante do id, ego e superego.

Infelizmente, porém, a clara objetividade dessa relação é limitada por várias circunstâncias. A ausência de preconceitos, por parte do analista, não é correspondida em termos de reciprocidade; as diferentes instâncias reagem aos seus esforços de várias maneiras. Sabemos que os impulsos do id não são propensos a manterem-se inconscientes. Tendem naturalmente a subir e estão perpetuamente lutando para abrir caminho até a consciência, obtendo assim gratificação ou, pelo menos, lançando derivados para a superfície da consciência. Como já mostrei, o trabalho do analista segue a mesma direção e reforça essa tendência ascendente. Assim, para os elementos recalcados no id, ele reveste-se do aspecto de um auxiliar e de um libertador.

Com o ego e o superego, o caso é diferente. À medida que as instâncias do ego esforçaram-se por restringir os impulsos do id, por métodos próprios, o analista surge em cena como um perturbador da paz reinante. No decorrer do seu trabalho, ele elimina recalcamentos que foram laboriosamente realizados e destrói formações de compromisso cujo efeito era, de fato, patológico, mas cuja forma era perfeitamente egossintônica. A finalidade do analista, ao trazer

o inconsciente para a consciência, e os esforços das instâncias do ego para controlarem a vida pulsional são antagônicos. Logo, exceto se a visão íntima do paciente a respeito da sua doença determinar as coisas de outro modo, as instâncias do ego encaram a finalidade do analista como uma ameaça.

Seguindo as diretrizes de exposição traçadas no capítulo anterior, descreveremos como tripla a relação entre o ego e o trabalho de análise. Ao exercer a faculdade de auto-observação, da qual apresentei alguns detalhes, o ego faz causa comum com o analista. Suas capacidades, nessa direção, encontram-se a serviço dele e transmitem-lhe uma imagem das outras instâncias, extraída daqueles derivados que penetrarem em seu território. O ego é antagonista do analista. Por outro lado, à medida que não merece confiança, é falível e tendencioso em sua auto-observação. Embora registre e transmita conscienciosamente certos fatos, falsifica e rejeita outros, impedindo que venham à luz - procedimento inteiramente contrário aos métodos de investigação analítica, que insiste em ver tudo o que emerge, sem discriminação. Finalmente, o ego é, ele próprio, o objeto de análise, à medida que as operações defensivas em que está perpetuamente empenhado são levadas a efeito inconscientemente e só podem ser trazidas conscientemente à custa de um considerável esforço, muito semelhante à atividade inconsciente de qualquer das moções pulsionais proibidas.

DEFESA CONTRA A PULSÃO MANIFESTANDO-SE COMO RESISTÊNCIA

No capítulo anterior, tentei estabelecer, para os fins do presente estudo, uma distinção teórica entre as análises do id e do ego, as quais, em nosso trabalho prático, estão inseparavelmente ligadas entre si. O resultado dessa tentativa é, simplesmente, corroborar de novo a conclusão a que a experiência nos levou. Isto é, na situação analítica, todo o material que nos ajuda a analisar o ego faz sua aparição na forma de resistência à análise do id. Os fatos são de tal modo evidentes que uma explicação parece quase supérflua. O ego torna-se ativo na análise, sempre que deseja, mediante uma contra-ação, impedir uma incursão pelo id. Como a finalidade do método analítico é habilitar os representantes ideativos de pulsões recalcadas a ingressarem na consciência, isto é, encorajar essas incursões do id, as operações defensivas do ego contra tais representantes assumem, automaticamente, o caráter de resistência ativa à análise. Assim, como o analista usa, além disso, a sua influência pessoal para assegurar a observância da regra fundamental - que habilita a emergência de tais idéias nas livres associações do paciente -, a defesa estabelecida pelo ego contra as pulsões adota a forma de oposição direta ao próprio analista. A hostilidade ao analista e um fortalecimento das medidas destinadas a impedir a emergência dos impulsos do id coincidem automaticamente. Quando, em certos momentos da análise, a defesa se retrai e os representantes pulsionais podem fazer sua aparição, sem obstáculos, sob a forma de livres associações, a relação entre o ego e o analista livra- se de perturbações oriundas dessa parte.

Existem, claro, muitas formas possíveis de resistência na análise, além desse tipo particular. A par das chamadas resistências do ego há, como se sabe, as resistências de transferência, que são constituídas de modo diferente, e também aquelas formas antagônicas, tão difíceis de superar na análise, que têm sua origem na compulsão de repetição. Assim, não podemos dizer que toda e qualquer resistência seja o resultado de uma medida defensiva por parte do ego.

Todas essas defesas contra o id, porém, se estabelecidas durante a análise, só podem ser localizadas e reveladas na forma de resistência ao trabalho do analista. A análise das resistências do ego propiciam-nos uma boa oportunidade para observar e levar para a consciência as operações defensivas inconscientes do ego, em plena ação.

DEFESA CONTRA AFETOS

Além daquelas que são fornecidas pelos entrechoques do ego e da pulsão, há outras oportunidades para uma observação acurada das atividades do primeiro. O ego está em conflito não só com aqueles derivados do id que tentam abrir caminho em seu território, a fim de ganharem acesso à consciência e obterem gratificação. Ele também se defende, não menos enérgica e ativamente, contra os afetos associados a essas moções pulsionais. Quando repudia as reivindicações da pulsão, sua primeira tarefa deve ser sempre a de chegar a termos com esses afetos. Amor, nostalgia, ciúme, mortificação, dor e pesar acompanham os desejos sexuais, o ódio, a cólera e o furor nos impulsos de agressão. Se quisermos que as exigências pulsionais a que estão associados sejam evitadas, esses afetos devem submeter-se a todas as várias medidas a que o ego recorre, em seus esforços para dominá-los. Isto é, eles devem sofrer metamorfoses. Sempre que ocorre a transformação de um afeto, seja na análise ou fora dela, o ego esteve em ação e temos uma oportunidade para estudar seu funcionamento. Sabemos que o destino de um afeto associado a uma exigência pulsional não é simplesmente idêntico ao do seu representante ideativo. Obviamente, porém, um ego só pode ter à sua disposição um número limitado de possíveis meios de defesa. Em determinados períodos da vida e de acordo com a sua própria estrutura específica, o ego individual seleciona ora um método de defesa, ora outro - pode ser recalcamento, deslocamento, inversão, etc. O ego pode ainda empregar qualquer um deles tanto em seu conflito com as pulsões como na defesa contra a libertação do afeto. Se soubermos como determinado paciente procura defender-se contra a emergência de suas moções pulsionais, isto é, qual a natureza das habituais resistências do seu ego, poderemos formar uma idéia sobre a sua atitude provável em relação aos seus próprios e indesejáveis afetos. Mas, se em outro paciente, certas formas de transformação afetiva apresentarem forte destaque, como a completa supressão da emoção, a negação, etc., não nos surpreenderá se ele adotar os mesmos méto

dos de defesa contra as suas moções pulsionais e suas associações livres. É o mesmo ego e, em todos os seus conflitos, mostra-se mais ou menos coerente no uso de todo e qualquer meio que tiver sob o seu controle.

FENÔMENOS DE DEFESA PERMANENTE

Outro terreno em que as operações defensivas do ego podem ser estudadas é o dos fenômenos a que Wilhelm Reich se refere, em seus comentários sobre "a análise consistente da resistência".[1] As atitudes corporais, como a rigidez; as peculiaridades pessoais, como um sorriso fixo; o comportamento hostil, irônico e arrogante - tudo isso são resíduos de processos defensivos muito vigorosos, no passado, que acabaram por dissociar-se de suas situações originais (conflitos com pulsões ou afetos) e evoluíram para traços caracterológicos permanentes, a "blindagem do caráter" *(Charakterpanzerung,* como Reich os denomina). Quando, na análise, conseguimos localizar a origem histórica desses resíduos, estes recuperam sua mobilidade e deixam de bloquear, por sua fixação, o nosso acesso às operações defensivas em que o ego está, nesse momento, ativamente empenhado. Como esses modos de defesa tornaram-se permanentes, não podemos agora colocar seu aparecimento e desaparecimento em relação com o aparecimento e desaparecimento das exigências pulsionais e afetos interiores, nem com a ocorrência e cessação de situações de tentação e estímulos afetivos exteriores. Portanto, a sua análise constitui um processo peculiarmente laborioso. Tenho a certeza de que estamos justificados em colocá-los apenas em primeiro plano quando não podemos apurar vestígio algum de um conflito presente entre ego, pulsão e afeto. E estou igualmente certa de que não existe justificação para se restringir a expressão "análise de resistência" à análise desses fenômenos particulares, pois deveria ser aplicável à de todas as resistências.

FORMAÇÃO DE SINTOMAS

A análise das resistências do ego, de suas medidas defensivas contra as pulsões e das transformações sofridas pelos afetos, revela e traz à consciência, em uma viva fluência, os mesmos métodos de defesa com que nos deparamos, em um estado de petrificação, quando analisamos a "blindagem permanente do caráter". Eles são encontrados, em maior escala e também em um estado de fixação, quando estudamos a formação dos sintomas neuróticos, porquanto o papel desempenhado pelo ego na formação desses compromissos, a que chamamos de sintomas, consiste no uso invariável de um método especial de defesa, quando confrontados por uma exigência pulsional particular, e na repetição do mesmo processo, exatamente, toda a vez que a exigência se repete em sua forma estereotipada. Sabemos que existe[2] uma ligação regular entre determinadas neuroses e modos especiais de defesa, por exemplo, entre a histeria e

o recalcamento, ou entre a neurose obsessiva e os processos de isolamento e anulação. Encontramos a mesma ligação constante entre a neurose e o mecanismo de defesa, quando estudamos os modos de defesa que um paciente emprega contra os seus afetos e a forma de resistência adotada pelo seu ego. A aütude de determinado indivíduo em face de suas livres associações na análise e a maneira como, quando entregue a si próprio, domina as exigências das suas pulsões e rechaça os afetos indesejáveis habilitam-nos a deduzir *a priori* a natureza da sua formação de sintomas. Por outro lado, o estudo destes últimos habilita-nos a inferir *a posteriori* a estrutura de suas resistências e de sua defesa contra as próprias pulsões e afetos. Estamos sumamente familiarizados com esse paralelismo, no caso de histeria e neurose obsessiva, em que é especialmente evidente entre a formação dos sintomas do paciente e a forma assumida pelas suas resistências. A formação de sintomas de pacientes histéricos, em seus conflitos com as pulsões, baseia-se primordialmente no recalcamento: eles excluem da consciência os representantes ideativos de seus impulsos sexuais. A forma de sua resistência à livre associação é análoga. As associações que colocam o ego na defensiva são simplesmente rejeitadas. Tudo o que o paciente sente é um vazio na consciência. Torna-se silencioso; quer dizer, a mesma interrupção que teve lugar em seus processos pulsionais, durante a formação dos seus sintomas, ocorre também no fluxo de suas associações. Por outro lado, apuramos que o modo de defesa adotado na formação de sintomas pelo ego de um neurótico obsessivo é o de isolamento. Remove, simplesmente, as moções pulsionais do respectivo contexto, enquanto as retém na consciência. Assim, a resistência de tais pacientes assume uma forma diferente. O paciente obsessivo não fica no silêncio. Ele fala mesmo quando se encontra em um estado de resistência. Mas corta todos os vínculos entre as suas associações e isola as idéias dos afetos quando fala, motivo pelo qual as suas associações parecem tão insignificantes, em pequena escala, quanto os seus sintomas obsessivos, em grande escala.

A TÉCNICA ANALÍTICA E A DEFESA CONTRA PULSÕES E AFETOS

Uma menina foi trazida para ser analisada em virtude de estados de angústia aguda que interferiam com sua vida cotidiana e a impediam de fre- qüentar regularmente a escola. Embora fosse me consultar atendendo o pedido de sua mãe, ela não mostrou qualquer relutância em falar-me de sua vida, tanto passada como presente. Sua atitude para comigo foi cordial e franca, mas notei que, em todas as suas comunicações, ela evitava cuidadosamente fazer alusão aos seus sintomas. Jamais fez menção de ataques de angústia que ocorreram entre as sessões analíticas. Se eu insistia em trazer os seus sintomas para a análise ou em dar interpretações de sua angústia, as quais se baseavam em indicações inconfundíveis de suas associações, a atitude amistosa da paciente mudava imediatamente. Em cada uma dessas ocasiões, o

resultado era uma rajada de comentários agressivos e trocistas. A tentativa de encontrar uma ligação entre a atitude da paciente e suas relações com a mãe foi um completo malogro. Tanto na consciência como no inconsciente, essas relações eram inteiramente diferentes. Nesses repetidos acessos de hostilidade e ridículo, a analista via-se perdida e a paciente, por algum tempo, manteve-se inacessível ao progresso da análise. Contudo, à medida que a análise se aprofundava, verificamos que esses afetos não representavam uma reação de transferência, na verdadeira acepção do termo, e não estavam relacionados, absolutamente, com a situação analítica. Indicavam a atitude habitual da paciente em relação a si própria, sempre que emoções de ternura, angústia ou nostalgia estavam prestes a emergir em sua vida afetiva. Quanto mais poderosamente o afeto se impunha à paciente, mais veementemente e de maneira mais cáustica ou mordaz se ridicularizava a si própria. A analista só de maneira secundária atraiu essas reações defensivas sobre si, uma vez que estava encorajando as exigências da angústia da paciente a serem exauridas na consciência. A interpretação do conteúdo da angústia, mesmo quando podia ser corretamente inferido de outras comunicações, não podia apresentar resultados enquanto toda e qualquer abordagem do afeto apenas senda para intensificar a reação defensiva da paciente. Era impossível tornar consciente esse conteúdo, enquanto não fosse trazido à consciência e, portanto, tornado inoperante, o método pelo qual a paciente se defendia contra os seus afetos, que era o de detração hostil - processo esse que se tornara automático em todos os setores de sua vida. Historicamente, esse modo de defesa mediante o ridículo e o desprezo explicava-se por sua identificação com seu falecido pai, que costumava pôr à prova o treino de autodomínio da filha pequena, fazendo observações trocistas, sempre que ela cedia a alguma explosão emocional. O método tornara-se estereotipado através de sua recordação do pai, a quem ela amara extremosamente. A técnica necessária para compreender esse caso era começar pela análise da defesa da paciente contra seus afetos e passar depois à elucidação de suas resistências na transferência. Então, e só então, seria possível proceder à análise da sua angústia, propriamente dita, bem como de seus antecedentes.

Do ponto de vista técnico, esse paralelismo entre a defesa de um paciente contra as suas pulsões e contra os seus afetos, entre a sua formação de sintomas e a sua resistência, é da maior importância, especialmente na análise infantil. O mais óbvio defeito na nossa técnica, quando analisamos crianças, é a ausência da livre associação. É muito difícil prescindirmos dela e não apenas por ser através das representações ideativas das pulsões de um paciente, emergentes nas suas associações livres, que mais aprendemos a respeito do seu id. Afinal de contas, há outros meios de obter informações sobre os impulsos do id. Os sonhos e as divagações das crianças, a atividade da sua fantasia nos jogos e nas brincadeiras, seus desenhos, etc., revelam suas tendências do id de uma forma muito mais indisfarçada e acessível do que é usual nos adultos e, na análise, podem quase ocupar o lugar da emergência

de derivados do id na livre associação. Mas, quando prescindimos da regra fundamental de análise, o conflito em torno da sua observância também desaparece e é desse conflito que derivamos o nosso conhecimento das resistências do ego, quando estamos analisando adultos - isto é, nosso conhecimento das operações defensivas do ego contra os derivados do id. Portanto, corre-se o risco de que a análise infantil produza um grande acervo informativo sobre o id, mas um escasso conhecimento do ego da criança.

Na técnica analítica através do brinquedo, proposta pela escola inglesa para a análise de crianças de tenra idade, a ausência de livre associação é compensada da maneira mais direta. Esses analistas sustentam que os jogos e os brinquedos de uma criança equivalem às associações dos adultos e, portanto, usam essas atividades lúdicas para fins de interpretação, exatamente da mesma maneira. O livre fluir de associações corresponde, na criança, ao desenvolvimento do seu jogo ou brinquedo, livre de perturbações. As interrupções e inibições lúdicas são igualadas às rupturas na livre associação. Segue-se que, se analisarmos a interrupção de um brinquedo infantil, descobriremos que isso representa uma medida defensiva por parte do ego, comparável à resistência na livre associação.

Se, por razões teóricas, como o fato de sentirmos certa hesitação em forçar a interpretação de símbolos até os seus limites extremos, não podemos aceitar essa completa equivalência entre livre associação adulta e atividade lúdica infantil, compete-nos então tentar descobrir novos métodos técnicos, na análise infantil, que nos ajudem em nossa investigação do ego. Creio que a análise das transformações sofridas pelos afetos da criança poderá preencher a lacuna. A vida afetiva da criança é menos complexa e mais transparente do que a dos adultos. Podemos observar nela o que é que suscita os afetos, seja dentro ou fora da situação analítica. Uma criança nota que a atenção é dada mais a outra do que a ela própria; nesse caso, ela sente-se inevitavelmente ciumenta e mortificada. Um desejo que ela há muito acalentava foi finalmente satisfeito - tal satisfação deve cenamente causar-lhe alegria. Espera ser punida - sente, então, angústia. Algum prazer prometido ou previsto é inopinadamente adiado ou recusado - o resultado será, por certo, um sentimento de decepção, de desapontamento. E assim por diante. Normalmente, esperamos que as crianças reajam a essas ocorrências particulares com esses afetos específicos. Mas, contrariamente à expectativa, a observação pode nos revelar um quadro muito diferente. Por exemplo, uma criança poderá mostrar indiferença quando procurávamos o seu desapontamento; satisfação exuberante quando esperávamos mortificação; ternura excessiva em lugar de ciúme. Em todos esses casos, algo aconteceu que perturbou o processo normal. O ego interveio e provocou uma transformação no afeto. A análise e a conscientização da forma específica dessa defesa contra o afeto - seja uma inversão, um deslocamento ou o completo recalcamento - ensinam-nos algo sobre a técnica particular adotada pelo ego da criança em questão e, tal como no caso da análise de resistências, habilitam- nos a inferir a sua atitude perante suas pulsões, assim como a natureza da sua

formação de sintomas. Portanto, é um fato de especial importância na análise infantil que, na observação dos processos afetivos, nos mantenhamos bastante independentes da cooperação voluntária da criança e da veracidade ou inveracidade do que ela nos conta. Os seus afetos atraiçoam-na contra a sua própria vontade.

Em seguida, apresento um exemplo ilustrativo do que acabo de dizer. Um certo menino costumava ter acessos de entusiasmo militar, sempre que havia ocasião para manifestações de angústia de castração: envergava um uniforme e equipava-se com uma espada de brinquedo e outras armas. Depois de o observar em várias ocasiões, deduzi que ele transferia a angústia para o seu oposto, isto é, para a agressividade. A partir desse momento, não tive dificuldades em deduzir que a angústia de castração estava subjacente em todos os seus acessos de comportamento agressivo. Além disso, não me surpreendeu descobrir que se tratava de um neurótico obsessivo, isto é, havia na sua vida pulsional uma tendência para converter os impulsos indesejáveis nos seus opostos. Uma menina parecia não apresentar reações de espécie alguma às situações de desapontamento. Tudo o que podia observar-se era um tremor em um canto da boca. Assim traía a capacidade do seu ego para livrar-se de processos psíquicos indesejáveis, substituindo-os por físicos. Nesse caso, não nos surpreenderia verificar que a paciente tendia para reagir histericamente no conflito com sua vida pulsional. Outra garota, ainda no período de latência, conseguira recalcar tão completamente sua inveja do pênis do irmãozinho mais novo - um afeto que dominava inteiramente sua vida - que até na análise era excepcionalmente difícil descobrir algum vestígio desse impulso. Tudo o que a analista podia observar era que, sempre que a paciente tinha uma ocasião para invejar ou estar ciumenta de seu irmão, começava realizando um curioso jogo imaginário, em que ela interpretava o papel de um mágico, com poderes para transformar, ou influenciar de algum outro modo, por meio de seus gestos, o mundo inteiro. Essa criança estava convertendo a inveja no seu oposto, em uma superinsistência de seus próprios poderes mágicos, por cujo intermédio evitava uma percepção íntima e dolorosa do que ela supunha ser sua inferioridade física. O seu ego utilizou o mecanismo de defesa da inversão, uma espécie de formação reativa contra o afeto, traindo ao mesmo tempo sua atitude obsessiva em relação à pulsão. Isto compreendido, foi fácil para a analista deduzir a presença da inveja do pênis sempre que o jogo do mágico se repetia. Vemos, pois, que o que adquirimos pela aplicação desse princípio é, simplesmente, uma espécie de técnica para a tradução das manifestações defensivas do ego e esse método corresponde, quase exatamente, à resolução das resistências do ego tal como ocorrem na livre associação. O nosso propósito é o mesmo que na análise das resistências. Quanto mais completamente conseguimos trazer à consciência tanto a resistência como a defesa contra os afetos, tornando-as assim inoperantes, mais rapidamente progredimos no sentido da compreensão do id.

NOTAS

*■ **"Konsequente Widerstand analyse", W. Reich, in** *Charakteranalyse, Technik und Grundlagen für studierende und praktizierende Analytiker,* **Viena, 1935.**

[2]- **Esse ponto foi notado em** *Inibições, Sintomas e Ansiedade;* **cf. também o Cap. IV onde este trecho é citado.**

Os Mecanismos de Defesa 4

A TEORIA PSICAIMALÍTICA E OS MECANISMOS DE DEFESA

A palavra “defesa”, que empreguei tão livremente nos três capítulos anteriores, é a mais antiga representante do ponto de vista dinâmico, na teoria psicanalítica. Surge pela primeira vez em 1894, no estudo de Freud As *Neuropsicoses de Defesa,* sendo empregada aí e em muitos de seus trabalhos subseqüentes (A *Etiologia da Histeria, Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa),* para descrever a luta do ego contra idéias ou afetos dolorosos ou insuportáveis. Mais tarde, a palavra foi abandonada e, com o decorrer do tempo, substituída por “recalcamento”. A relação entre as duas noções permanece, contudo, indeterminada. Em um apêndice a *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926), Freud reverteu ao antigo conceito de defesa, afirmando pensar que seria uma vantagem, indubitavelmente, usá-lo de novo, “desde que o empreguemos explicitamente como uma designação geral para todas as técnicas de que o ego se serve em conflitos que possam redundar em neurose, ao passo que retemos a palavra ‘recalcamento[1] para aquele método especial de defesa com que a linha de orientação assumida pelas nossas investigações nos tornou mais familiarizados, em primeira instância”.[1] Aqui temos a refutação direta da noção de que o recalcamento ocupa um lugar único entre os processos psíquicos, bem como a aceitação, na teoria psicanalítica, de outros processos que servem à mesma finalidade, isto é, “a proteção do ego contra as exigências pulsionais”. O significado do recalcamento é reduzido ao de “um método especial de defesa”.

Essa nova concepção do papel do recalcamento sugere uma investigação dos outros modos específicos de defesa e uma comparação entre os que foram até agora descobertos e descritos pelos investigadores psicanalíticos.

O mesmo apêndice a *Inibições, Sintomas e Ansiedade* contém a conjectura a que aludi no capítulo anterior, ou seja, que "novas investigações podem demonstrar a existência de uma ligação íntima entre formas especiais de defesa e determinadas doenças, como entre o recalcamento e a histeria". A regressão e a alteração reativa do ego (formação reativa) e o isolamento e o "desfazer" do que foi feito têm sido citados como técnicas defensivas empregadas na neurose obsessiva.

Estabelecida assim uma orientação, não é difícil completar a enumeração dos métodos defensivos do ego, tal como foram descritos nos outros trabalhos de Freud. Por exemplo, em *Certos Mecanismos Neuróücos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo,* a introjeção ou identificação e a projeção[2] encontram-se mencionadas como importantes métodos defensivos empregados pelo ego em afecções mórbidas desse tipo e são caracterizadas como "mecanismos neuróticos". Em sua obra sobre a teoria das pulsões,[3] Freud descreve os processos de inversão contra o ego e de reversão, aos quais designa como "vicissitudes da pulsão". Do ponto de vista do ego, esses dois últimos mecanismos também devem ser considerados na conta de métodos de defesa, pois toda e qualquer vicissitude a que as pulsões possam estar sujeitas tem sua origem em alguma atividade do ego. Não fosse a intervenção do ego ou daquelas forças externas que ele representa, todas as pulsões conheceriam um único destino: o da gratificação. A esses nove métodos de defesa, que são muito conhecidos na prática e foram exaustivamente descritos nos trabalhos teóricos de psicanálise (regressão, recalcamento, formação reativa, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão contra o ego e reversão), devemos acrescentar um décimo método, que pertence mais ao estudo da mente normal do que ao da neurose: a sublimação ou deslocamento dos anseios pulsionais.

Até onde os nossos conhecimentos atuais chegam, o ego possui esses dez métodos diferentes à sua disposição, em seus conflitos com os representantes pulsionais e os afetos. É tarefa que compete ao analista praticante descobrir até que ponto esses métodos provam ser eficazes nos processos de resistência do ego e de formação de sintomas que ele tem oportunidade de observar nos indivíduos.

UMA COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS PELOS DIFERENTES MECANISMOS EM CASOS INDIVIDUAIS

Tomarei como exemplo o caso de uma jovem mulher, empregada em uma instituição para crianças. Era filha intermediária de uma série de irmãos e irmãs. Durante toda a sua infância, sofreu veementemente inveja do pênis, relacionada com seus dois irmãos (um mais velho e um mais novo), e de ciúme, o qual era repetidamente excitado pelos sucessivos períodos de gravidez da mãe. Finalmente, a inveja e o ciúme combinaram-se em uma feroz hostilidade contra a mãe. Mas, como a fixação de amor da criança não era menos forte do que

seu ódio, um violento conflito defensivo com os seus impulsos negativos sucedeu a um período inicial de desenfreada indisciplina e agressividade infantil. Temia que a manifestação de seu ódio lhe fizesse perder o amor materno, do qual não suportava ser privada. Também temia que a mãe a punisse e se criticava, da maneira mais severa, por suas ânsias proibidas de vingança. Ao ingressar no período de latência, essa situação de angústia e o conflito de consciência tornaram-se cada vez mais agudos e o seu ego tentou dominar tais impulsos de várias maneiras. Com vontade de resolver o problema da ambivalência, ela deixou aflorar um lado de. seus sentimentos ambivalentes. A mãe continuou sendo um objeto de amor, mas, a partir daí, houve sempre na vida dessa paciente uma segunda pessoa importante do sexo feminino, a quem odiava violentamente. Isso facilitou a questão: seu ódio do objeto mais remoto não a atacava com um sentimento de culpa tão implacável quanto o que se manifestava, no caso da mãe. Mas, apesar disso, o ódio deslocado era ainda uma fonte de grande sofrimento. Com o decorrer do tempo, apurou-se que esse primeiro deslocamento era inadequado como meio para dominar a situação.

O ego da menina recorreu então a um segundo mecanismo. Inverteu o ódio para dentro dela própria, quando até aí se relacionara exclusivamente com outras pessoas. A criança torturava-se com auto-acusações e sentimentos de inferioridade. Durante toda a infância e adolescência, até atingir a idade adulta, fez sempre tudo o que podia para colocar-se em desvantagem e lesar seus próprios interesses, abdicando de seus desejos e submetendo-se às exigências que lhe eram impostas por outras pessoas. Em toda a sua aparência externa, tornara-se masoquista, uma vez que adotava esse método de defesa.

Também essa medida provou ser inadequada, como recurso para dominar a situação. A paciente entregou-se então a um processo de projeção. O ódio que sentira pelos objetos femininos de amor ou seus substitutos transformou- se na convicção de que ela própria era odiada, menosprezada ou perseguida por aqueles. 0 seu ego, assim, encontrou alívio em relação ao sentimento de culpa. A criança traquina e rebelde, que alimentava sentimentos pérfidos contra as pessoas à sua volta, sofreu a metamorfose, convertendo-se em vítima de crueldade, negligência e perseguição. Mas o uso desse mecanismo deixou em seu caráter um permanente cunho paranóide, que constituiu uma fonte de enormes dificuldades para a moça, tanto na juventude como na fase adulta.

A paciente já era muito crescida quando veio a ser analisada. Não era considerada doente por aqueles que a conheciam, mas seus sofrimentos eram agudos. Apesar de toda a energia que o ego prodigalizara em sua própria defesa, ela não conseguira, realmente, dominar sua angústia e seu sentimento de culpa. Em qualquer ocasião que sua inveja, seu ciúme ou ódio estivessem em perigo de ativação, ela recorria invariavelmente a todos os seus organismos de defesa. Mas os seus conflitos emocionais nunca chegaram a um ponto em que o seu ego pudesse ficar em repouso. Além disso, o resultado final de todos os seus esforços foi extremamente escasso. Conseguiu manter a fantasia de que amava a mãe, mas sentia-se repleta de ódio. Assim, despre

zava-se e desconfiava de si própria. Não conseguiu preservar o sentimento de ser amada, destruído que fora pelo mecanismo de projeção. Nem conseguiu escapar das punições de que tivera tanto medo na infância. Ao introjetar os impulsos agressivos, infligiu a si própria todo o sofrimento que anteriormente previra, sob a forma de castigos impostos pela mãe. Os três mecanismos que a paciente utilizou não puderam impedir o ego de permanecer em um estado de tensão e vigilância inquieto, nem o aliviaram das exageradas imposições que lhe eram feitas e dos sentimentos de tortura e aflição agudas que o flagelavam.

Comparemos esses processos com as relações correspondentes na histeria e na neurose obsessiva. Partiremos do princípio de que o problema é o mesmo, em cada caso: como dominar o ódio à mãe que se origina da inveja do pênis, A histeria resolve-o por meio do recalcamento. O ódio à mãe é obliterado da consciência e quaisquer derivados possíveis que tentem penetrar no ego são vigorosamente rechaçados. Os impulsos agressivos associados ao ódio e os impulsos sexuais associados à inveja do pênis podem ser transformados em sintomas corporais, se o paciente possuir capacidade de conversão e as condições somáticas forem favoráveis. Em outros casos, o ego protege-se contra a reativação do conflito original mediante o desenvolvimento de uma fobia e evitando as ocasiões problemáticas. Impõe restrições às suas atividades, fugindo assim a qualquer situação que pudesse acarretar um retorno dos impulsos recalcados.

Na neurose obsessiva, tal como na histeria, o ódio à mãe e a inveja do pênis são recalcados em primeiro lugar. Subseqüentemente, o ego garante-se contra o retorno desses impulsos, por meio de formações reativas. Uma criança que fora agressiva para com a mãe desenvolve uma excessiva ternura em relação a ela e preocupa-se com a sua segurança; inveja e ciúme transformam-se em desinteresse, abnegação e cuidados com os outros. Ao instituir cerimoniais obsessivos e várias medidas de precaução, a criança protege as pessoas amadas de qualquer surto de seus impulsos agressivos, ao passo que, por meio de um código moral de exagerada rigidez, mantém o controle da manifestação de seus impulsos sexuais.

Uma criança que domina os seus conflitos infantis da maneira histérica ou obsessiva, aqui descrita, apresenta um quadro mais patológico do que o paciente cujo caso consideramos em primeiro lugar. O recalcamento que teve lugar privou tais crianças do controle de uma parte de sua vida afetiva. A relação original com a mãe e os irmãos e a importante relação com a sua própria feminilidade foram subtraídas a uma maior assimilação consciente, tornando-se obsessivas e irrevogavelmente fixadas na alteração reativa sofrida pelo ego. Grande parte da atividade dessas crianças é consumida na manutenção de contra-investimentos, os quais são destinados, subseqüentemente, a assegurar o recalcamento. Essa perda de energia é evidente na inibição e na restrição de outras atividades vitais. Porém, o ego da criança que resolveu seus conflitos por meio do recalcamento, com todas as suas seqüelas pató-

gicas, está em paz. Sofre secundariamente, por meio das consequências da neurose que o recalcamento nela provocou. Mas, pelo menos, dentro dos limites da histeria conversiva ou da neurose obsessiva, circunscreveu e dominou sua angústia, eliminou o sentimento de culpa e gratificou suas idéias de punição. A diferença reside em que, se o ego empregar o recalcamento, a formação de sintomas alivia-o da tarefa de dominar os seus conflitos, ao passo que, se empregar os outros métodos defensivos, terá ainda de haver-se com o problema.

Na prática, o uso do recalcamento, distinto do de outros métodos defensivos, é menos comum do que uma combinação das duas técnicas em um só indivíduo. Isso está bem ilustrado pela história de uma paciente que também sofreu, nos primeiros anos da infância, de uma aguda inveja do pênis - no seu caso, em relação ao pai. As fantasias sexuais dessa fase atingiram o seu clímax no desejo de morder e arrancar o pênis paterno. Nesse ponto, o ego estabeleceu suas defesas. A chocante idéia foi recalcada. Foi substituída pela sua aposta - uma desindinação geral para morder, o que logo se converteu em uma dificuldade para comer e os concomitantes sentimentos histéricos de aversão e repugnância pela admissão de alimentos. Uma parte do impulso proibido - representada pela fantasia oral - estava agora dominada. Mas o conteúdo agressivo, isto é, o desejo de roubar o pai ou um substituto paterno, manteve-se na consciência por um tempo, até que, com o desenvolvimento do superego, o senso moral do ego repudia esse impulso. Mediante um mecanismo de deslocamento que examinarei mais detalhadamente adiante, o impulso de roubo foi transformado em uma espécie peculiar de satisfação e despretensiosismo. Vemos que os dois sucessivos métodos de defesa produziram um substrato de histeria e, nele sobreposta, uma modificação específica do ego, nao de caráter patológico em si mesma.

A impressão transmitida por esses exemplos é confirmada, quando examinamos em detalhe o efeito dos diferentes mecanismos de defesa em outros casos. Teoricamente, o recalcamento pode ser incluído no conceito genérico de defesa e colocado a par de outros métodos específicos. Não obstante, do ponto de vista da eficácia, ocupa uma posição ímpar em comparação aos restantes. Em termos de quantidade, realiza mais do que eles; quer dizer, é capaz de dominar poderosas moções pulsionais, em face das quais as outras medidas defensivas são bastante ineficazes. Atua uma única vez, embora o contra-investimento, efetuado para garantir o recalcamento, seja uma instituição permanente, que exige um dispêndio constante de energia. Os outros mecanismos, pelo contrário, têm de ser repetidamente postos em operação, sempre que se verifique um acesso de energia pulsíonal. Mas o recalcamento não é apenas o mecanismo mais eficaz, é também o mais perigoso. A dissociação do ego, acarretada pela retirada da consciência de todos os vestígios de vida pulsional e afetiva, poderá destruir a integridade da personalidade para sempre. Assim, o recalcamento passa a ser a base da formação de compromisso e da neurose. As conseqüências dos outros métodos defensi-

vos não são menos sérias. No entanto, ainda quando assumem uma forma aguda, se conservam mais dentro dos limites do normal. Manifestam-se em numerosas transformações, distorções e deformidades do ego, que, em parte, são o acompanhamento e, em parte, substitutos da neurose.

SUGESTÕES PARA UMA CLASSIFICAÇÃO CRONOLÓGICA

Mesmo quando oferecemos ao recalcamento uma excepcional posição entre os métodos de defesa do ego, isso não impede que possamos, em relação aos demais métodos, ter incluído sob uma só categoria uma quantidade de fenômenos heterogêneos. Métodos como o isolamento e a anulação se situam a par de genuínos processos pulsionais, tais como a regressão, a reversão e a inversão contra o ego. Alguns deles servem para dominar vastas quantidades de pulsão ou afeto, outros apenas quantidades diminutas. As considerações que determinam a escolha deste ou daquele mecanismo pelo ego mantêm-se duvidosas. Talvez o recalcamento seja predominantemente valioso no combate aos desejos sexuais, enquanto outros métodos poderão ser mais facilmente empregados contra forças pulsionais de uma espécie diferente, em particular, contra os impulsos agressivos. Ou pode ser que os outros métodos tenham apenas de completar o que o recalcamento deixou por fazer ou para lidar com tais idéias proibidas, à medida que retomem à consciência, quando e sempre que o recalcamento falha.[4] Ou, possivelmente, cada mecanismo de defesa é desenvolvido primeiro, a fim de dominar uma moção pulsional específica, estando portanto associado a uma fase particular do desenvolvimento infantil.[5]

O apêndice a *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, do qual já fiz citações mais de uma vez, contém uma resposta provisória a essas sugestões. “Pode bem ser que, antes de sua marcada separação em um ego e em um id, e antes da formação de um superego, o aparelho mental faça uso de diferentes métodos de defesa, distintos daqueles que emprega após terem sido atingidos esses níveis de organização”.[6] Isso pode ser desenvolvido da seguinte maneira: o recalcamento consiste na manutenção fora do ego consciente ou na sua expulsão de uma idéia ou afeto quaisquer. Não faz sentido falar de recalcamento onde o ego e o id ainda estiverem fundidos. Do mesmo modo, poderíamos supor que a projeção e a introjeção fossem métodos dependentes da diferenciação entre o ego e o mundo exterior. A expulsão de idéias ou afetos do ego e sua relegação para o mundo exterior só poderiam constituir alívio para o ego quando este tivesse aprendido a distinguir entre si próprio e esse mundo. Ou, ainda, não poderia afirmar-se que a introjeção do mundo exterior no ego tem o efeito de enriquecer este último, a menos que já existisse uma diferenciação nítida entre o que pertencia a um e o que pertencia a outro. Mas a situação não é assim tão simples, de maneira nenhuma. No caso de projeção e introjeção, os primórdios são muito mais obscuros.[7] A sublimação, isto é, o deslocamento da finalidade pulsional, em conformidade com valores sociais mais elevados, pressupõe a

aceitação ou. pelo menos, o conhecimento de tais valores; quer dizer, pressupõe a existência do superego. Nessa conformidade, os mecanismos de defesa pelo recalcamento e sublimação só relativamente tarde poderiam ser empregados no processo de desenvolvimento, ao passo que a posição no tempo, que atribuiremos à projeção e à introjeção, depende do ponto de vista teórico que seja adotado. Processos como a regressão, a reversão ou a inversão para dentro do ego são, provavelmente, independentes do estágio que a estrutura psíquica atingiu e tão antigos quanto as próprias pulsões; ou, pelo menos, tão antigos quanto o conflito entre as moções pulsionais e qualquer obstáculo que possam encontrar em seu caminho para a gratificação. Não nos surpreenderíamos se encontrássemos tais processos entre os mais remotos mecanismos de defesa empregados pelo ego.

Essa classificação cronológica proposta, porém, não concorda com a nossa experiência de que as mais antigas manifestações de neurose que observamos nas crianças de tenra idade são sintomas histéricos, de cuja ligação com o recalcamento não podemos duvidar. Por outro lado, os genuínos fenômenos masoquistas que resultam da inversão da pulsão para dentro do ego raramente se encontram nos primeiros anos da infância. Segundo a teoria da escola inglesa de análise, a introjeção e a projeção, que, em nosso entender, deviam ser atribuídas ao período posterior à diferenciação entre o ego e o mundo exterior, constituem os próprios processos mediante os quais a estrutura do ego é desenvolvida e sem os quais a diferenciação nunca ocorreria. Essas diferenças de opinião provam-nos que a cronologia dos processos psíquicos é ainda um dos terrenos mais obscuros da teoria analítica. Temos disso um bom exemplo na debatida questão sobre quando o superego individual realmente se forma. Portanto, uma classificação dos mecanismos de defesa, de acordo com a posição no tempo, inevitavelmente compartilha de todas as dúvidas e incertezas que ainda hoje afetam os pronunciamentos cronológicos em análise. Talvez seja melhor abandonarmos as tentativas para que possamos classificá-los; e, em vez disso, estudar em detalhe as situações que provocam as reações defensivas.

NOTAS

*■ *Inibições, Sintomas e Ansiedade.*

2■ **"Certos Mecanismos Neuróticos no Ciúme, Paranóia e Homossexualidade", em Obras Completas.**

3- **"Os Instintos e suas Vicissitudes", em Obras Completas.**

4- **Estou seguindo, nesse ponto, uma sugestão feita por Jeanne Lampl-de-Groot, durante um debate na Sociedade de Viena.**

5- **De acordo com uma sugestão de Helene Deutsch.**

6- **Loc. cit,, pp. 157-8.**

7' **Freud,** *Totem e Tabu, Obras Completas,* **vol. X. Comparar também com o ponto de vista defendido pela escola inglesa, à qual me refiro no final deste Capítulo.**

Orientação dos Processos de Defesa Segundo a Origem da Angústia e do Perigo

5

Os perigos pulsionais contra os quais o ego se defende são sempre os mesmos, mas suas razões para sentir que determinada irrupção de pulsão é perigosa podem variar.

MOTIVOS PARA A DEFESA CONTRA AS PULSÕES

a) *Angústia do Superego* nas *Neuroses de Adultos. A* situação defensiva com que estamos há mais tempo familiarizados na análise, e da qual o nosso conhecimento é mais completo, é aquela que forma a base da neurose em adultos. A posição, nesse caso, é que um desejo pulsional tenta penetrar na consciência e, com a ajuda do ego, obter gratificação. O ego não se oporia à admissão desse desejo, mas o superego protesta. O ego submete-se, pois, à instância superior e, obedientemente, trava combate contra a moção pulsional, com todas as conseqüências que tal luta acarreta. O ponto característico, nesse processo, é o ego, propriamente, não considerar perigoso o impulso contra o qual está lutando. O motivo que o instiga à defesa não é originalmente seu. A pulsão é considerada perigosa, porque o superego proíbe a sua gratificação e, se alcançar seu objetivo, certamente provocará grandes problemas entre o ego e o superego. Logo, o ego do neurótico adulto teme as pulsões porque teme o seu superego. Sua defesa é motivada pela angústia do superego. Enquanto a nossa atenção se confinar à defesa contra a pulsão, estabelecida pelos neuróticos adultos, consideraremos o superego uma

força temível. Entendemos que ele é o autor de todas as neuroses, É o fomentador de discórdias, o ‘‘mexeriqueiro” que impede o ego de entrar em entendimentos amistosos com as pulsões. Fixa um padrão ideal, segundo o qual a sexualidade está proibida e a agressão é declarada anti-social. Exige determinado grau de renúncia sexual e restrição da agressão, que é incompatível com a saúde mental. O ego é completamente despojado de sua independência e reduzido à posição de um instrumento para a execução dos desejos do superego. O resultado é tomar-se hostil à pulsão, sendo incapaz de qualquer fruição. O estudo da situação de defesa, tal como se revela na neurose dos adultos, impele-nos a prestar a maior atenção, em nosso trabalho terapêutico, à análise do superego. A diminuição no seu poderio, a modificação na sua severidade ou - como alguns chegarão mesmo a dizer - a sua total abolição significarão o desafogo do ego e o concomitante abrandamento do conflito neurótico, pelo menos em uma direção. Essa noção do superego como raiz de todos os males neuróticos inspira grandes esperanças de uma profilaxia das neuroses. Se a neurose é produzida pela austeridade do superego, então àqueles que têm de cuidar de crianças caberá apenas evitar tudo o que possa contribuir para a formação de um superego de excessivo rigor. Devem arranjar as coisas de modo que os seus métodos educativos, que são posteriormente internalizados pelo superego, sejam sempre suaves e brandos; o exemplo dos pais, de que o superego se apodera pelo processo de identificação, deve ser uma expressão de suas reais fraquezas humanas e de sua atitude tolerante em relação às pulsões, em vez de um arremedo de código moral excessivamente rigoroso, impossível de ser posto em prática. A agressividade da criança também deve ter uma saída no mundo exterior, para que não fique bloqueada e dirigida para dentro. Se isso acontecer, o superego ficará dotado de características cruéis. Se a educação for bem-sucedida nesse aspecto, podemos considerar que os seres humanos assim lançados na vida estejam livres de angústias, isentos de neuroses, capazes de desfrutarem a existência sem a dilaceração de conflitos internos. Mas, na prática, a esperança de erradicar a neurose da vida humana[1] é considerada ilusória pelos educadores. Ao passo que, do ponto de vista teórico, é destruída assim que damos o passo seguinte na pesquisa analítica,

b) *Angústia Objetiva na Neurose infantil* - O estudo da defesa na neurose infantil[2] ensina-nos que o superego não é, absolutamente, um fator indispensável na formação das neuroses. Os neuróticos adultos procuram evitar seus desejos sexuais e agressivos, a fim de não entrarem em conflito com o superego. As crianças de tenra idade tratam suas moções pulsionais da mesma maneira, a fim de não transgredirem as proibições de seus pais. O ego de uma criança, assim como o de um adulto, não combate as pulsões por vontade própria. Sua defesa não

é precipitada pelos seus sentimentos na matéria. Considera as pulsões perigosas, porque aqueles que criam e educam a criança lhe proibiram a gratificação das mesmas e uma irrupção pulsional acarreta restrições e a aplicação ou a ameaça de castigos. A angústia de castração produz nas crianças o mesmo resultado que a angústia da consciência provoca nos neuróticos adultos. O ego infantil teme as pulsões porque teme o mundo exterior. Sua defesa contra elas é motivada pelo medo do mundo exterior, isto é, pela angústia objetiva.

Quando descobrimos que a angústia objetiva faz com que o ego infantil desenvolva as mesmas fobias, neuroses obsessivas, sintomas histéricos e traços neuróticos que ocorrem nos adultos, em conseqüência da angústia do superego, o poder daquela instância decai, naturalmente, em nosso apreço. Percebemos que aquilo que lhe atribuímos devia ser, realmente, imputado à própria angústia. Na formação da neurose, parece ser indiferente apurar com o que é que a angústia está relacionada. O ponto crucial é que, quer se trate de medo do mundo exterior ou medo do superego, a angústia é que desencadeia sempre o processo defensivo. Os sintomas que penetram na consciência, como resultado final desse processo, não nos habilitam a determinar qual o tipo de angústia, no ego, que os produziu.

Se estudarmos essa segunda situação de defesa - a defesa contra as pulsões, a partir do motivo de angústia objetiva -, formaremos um alto conceito da influência que o mundo exterior exerce sobre as crianças. Nessa direção, alimentaremos esperanças, uma vez mais, quanto a uma profilaxia efetiva da neurose. Foi assinalado que as crianças sofrem, hoje em dia, de um grau de angústia objetiva totalmente desnecessário. Os castigos que elas temem que lhes sejam aplicados, se gratificarem suas pulsões, são em sua grande maioria completamente obsoletos no estágio atual da nossa civilização. A castração já não é praticada em revide por indulgências sexuais proibidas, nem os atos de agressão são punidos pela mutilação. Mas, apesar de tudo, ainda existe em nossos métodos educacionais a vaga semelhança com as bárbaras punições de épocas mais antigas. E o suficiente para suscitar algumas tênues apreensões e temores, resíduos transmitidos por herança. Os otimistas adotam o ponto de vista de que seria possível evitar essas remotas sugestões de ameaças de castração e de medidas de violência, até agora vagamente pressentidas, se não nos métodos disciplinares atualmente empregados, ao menos no comportamento, nos modos e na voz dos adultos. Os que sustentam essa opinião esperam que a ligação entre educação moderna e esses remotos temores de punição possa ser finalmente cortada. Certamente, dizem eles, a angústia objetiva da criança diminuiria, então, e uma mudança radical ocorreria na relação entre o seu ego e as suas pulsões, o que significaria a remoção final de grande parte do terreno em que a neurose infantil se alicerça.

c) *Angústia Pulsional (medo da força das pulsões*) - Contudo, tal como antes, a experiência psicanalítica destrói as perspectivas de uma profilaxia efetiva. O ego humano, por sua própria natureza, nunca é um solo promissor para a gratificação fácil e sem estorvos da pulsão. Quero dizer, com isso, que o ego só está em termos amistosos com as pulsões à medida que é mínima a sua diferenciação do id. Assim que evoluiu do processo primário para o secundário, do princípio de prazer para o princípio de realidade, passou a ser, como já mostrei, terreno estranho às pulsões. A sua desconfiança das exigências pulsionais está sempre presente, mas, em condições normais, dificilmente perceptível. Fica a perder de vista na muito mais tumultuosa guerra travada em seus domínios pelo superego e o mundo exterior contra os impulsos do id. Mas, se o ego se sente abandonado por essas potências superiores e protetoras, ou se as exigências das moções pulsionais se tornam excessivas, a sua hostilidade muda a pulsão e é intensificada até o ponto de angústia. "O que é que o ego teme, quer de um perigo externo, quer de um libidinal, não pode ser especificado: sabemos ser algo da natureza de uma destruição ou de uma extinção, mas não está determinado pela análise".[3] Robert Wälder descreve-o como "o perigo de que toda a organização do ego possa ser destruída"[4]. O efeito da angústia experimentada pelo ego em virtude da força das pulsões é o mesmo gerado pela angústia do superego ou a angústia objetiva, de que nos temos ocupado até aqui. Os mecanismos de defesa são postos em ação contra as pulsões, com todos os resultados conhecidos na formação de neuroses e de características neuróticas. Nas crianças, a defesa assim instigada pode ser mais bem estudada nos casos em que foram realizados grandes esforços, por meio da educação segundo diretrizes analíticas e pela análise terapêutica, para remover aquelas ocasiões de angústia objetiva e angústia de consciência, que, de outro modo, tendem a ocultá-la. Passada a infância, podemos observar essa defesa em plena força, sempre que um acesso súbito de energia pulsional ameaça perturbar o equilíbrio das instâncias psíquicas, como ocorre normalmente, devido a mudanças fisiológicas, na puberdade e no climatério, devido a razões patológicas no começo de um dos avanços que ocorrem periodicamente registrados na psicose.

OUTROS MOTIVOS PARA A DEFESA CONTRA A PULSÃO

A esses três motivos poderosos para a defesa contra a pulsão (angústia do superego, angústia objetiva e angústia devido à força das pulsões, devemos adicionar aqueles que, na vida adulta, se originam da necessidade de síntese por parte do ego. O ego adulto requer uma espécie de harmonia entre os seus impulsos, surgindo assim uma série de conflitos, dos quais Alexander

nos deu uma descrição completa.[5] São conflitos entre tendências opostas, tais como homossexualidade e heterossexualidade, passividade e atividade, etc. Qual dos dois impulsos opostos é rechaçado ou admitido, ou a que compromisso se chega entre eles? Isso também é determinado, no caso individual, pelo montante de energia aplicado no investimento de cada um deles.

Os dois primeiros motivos de defesa que estudamos até aqui (angústia do superego e angústia objetiva) possuem, aliás, uma fonte em comum. Se a pulsão pudesse obter a gratificação, apesar da oposição pelo superego ou pelo mundo exterior, o resultado seria, em primeiro lugar, prazer, de fato; mas, secundariamente, "dor", quer em conseqüência do sentimento de culpa emanando do inconsciente, quer pela punição infligida pelo mundo exterior. Logo, quando a gratificação pulsional é rechaçada, por um ou outro desses motivos, a defesa é levada a cabo de acordo com o princípio de realidade. Sua principal finalidade é evitar essa dor secundária.

MOTIVOS PARA A DEFESA CONTRA OS AFETOS

Precisamente as mesmas razões que incentivam a defesa do ego contra as pulsões estão subentendidas em sua defesa contra os afetos. Sempre que procura defender-se contra as moções pulsionais, a partir de um dos motivos que indiquei, é obrigado a rechaçar também os afetos associados ao processo pulsional. A natureza dos afetos em questão é imaterial: podem ser agradáveis, dolorosos ou perigosos para o ego. Não faz qualquer diferença, pois ao ego nunca é consentido experimentá-los exatamente como são. Se um afeto está associado a um processo pulsional proibido, seu destino está antecipadamente decidido. Basta o fato de ele estar assim associado para colocar o ego de prevenção contra o mesmo.

Até agora, as razões para a defesa contra o afeto residem, muito simplesmente, no conflito entre o ego e a pulsão. Contudo, existe outra e mais primitiva relação entre o ego e os afetos que não tem correspondência na do ego com as pulsões. Primariamente, a gratificação pulsional é sempre algo agradável. Mas um afeto pode ser primariamente agradável ou doloroso, segundo a sua natureza. Se o ego nada tiver a objetar-lhe, em determinado processo pulsional, e por conseguinte não rechaçar um afeto nessa base, a sua atitude será inteiramente definida pelo princípio de prazer: acolherá os afetos agradáveis e defender-se-á dos dolorosos. Com efeito, mesmo que, em virtude do recalcamento de uma pulsão, o ego seja impelido pela angústia e por um sentimento de culpa a defender-se contra o afeto acompanhante, é possível ainda observar vestígios de seleção, em concordância com o princípio de prazer. E, com muito mais razões, estará pronto a rechaçar os afetos associados a impulsos sexuais proibidos, no caso de esses afetos implicarem sofrimento: por exemplo, dor, nostalgia, mágoa. Por outro lado, poderá resistir mais tempo a uma proibição no caso de afetos positivos, simplesmente

porque são agradáveis, ou pode ser algumas vezes persuadido a tolerá-los por um curto período, quando fazem uma súbita irrupção na consciência.

Essa simples defesa contra afetos primariamente dolorosos corresponde à defesa contra os estímulos primariamente dolorosos que invadem o ego, oriundos do mundo exterior. Veremos adiante que os métodos empregados pelas crianças, nessas formas primitivas de defesa, que são simplesmente governadas pelo princípio de prazer, são eles próprios mais primitivos em caráter.

VERIFICAÇÃO DAS NOSSAS CONCLUSÕES NA PRÁTICA ANALÍTICA

Os fatos que têm de ser laboriosamente reunidos e relacionados em uma exposição teórica podem, felizmente, ser trazidos à luz e demonstrados sem maiores dificuldades nas análises dos nossos pacientes. Sempre que, por meio da análise, invertemos um processo defensivo, descobrimos os diferentes fatores que contribuíram para produzi-lo. Podemos calcular o montante de energia despendida no estabelecimento de recalcamentos pelo vigor da resistência com que nos defrontamos ao querer removê-los. Do mesmo modo, podemos deduzir o motivo que incentivou a defesa de um paciente contra uma moção pulsional, a partir de sua disposição mental, quando reintroduzimos esse impulso na consciência. Se anularmos uma defesa neurótica estabelecida à instância do superego, o analisante tem um sentimento de culpa, isto é, experimenta uma angústia de superego. Se, por outro lado, a defesa foi montada sob a pressão do mundo exterior, experimenta angústia objetiva. Se, quando analisarmos uma criança, revivermos os afetos dolorosos que ela rechaçara, ela sentirá a mesma "dor" intensa de quando forçou o seu ego a recorrer a medidas defensivas. Finalmente, se interviermos em um processo defensivo que foi motivado pelo temor causado no paciente pelo vigor de suas pulsões, ocorrerá precisamente aquilo que o seu ego tentou evitar: os derivados do id, até então suprimidos, penetram no território do ego e encontram pouca oposição.

CONSIDERAÇÕES CONCERNENTES À TERAPIA PSICANALÍTICA

Este exame dos processos defensivos oferece-nos uma idéia muito clara dos possíveis pontos de ataque para a terapia analítica, Na análise, os processos defensivos são invertidos. É forçada uma passagem para a consciência dos impulsos ou afetos pulsionais que tinham sido anteriormente repelidos, deixando-se, então, ao ego e ao superego o encargo de chegarem a um acordo com eles em melhores bases. O prognóstico para a solução de conflitos psíquicos é mais favorável quando o motivo para a defesa contra a pulsão foi a angústia do superego. Nesse caso, o conflito é genuinamente endopsíquico e pode-se chegar a um acordo entre as diferentes instâncias, especialmente se o superego se tornou mais acessível à razão, através da análise das identi-

ficações em que se baseia e da agressividade que chamou a si. Sendo assim reduzido o seu medo do superego, o ego não precisa mais recorrer a métodos defensivos, com conseqüências patológicas.

Mas, mesmo quando a defesa, na neurose infantil, foi motivada por angústia objetiva, a terapia analítica ainda tem boas perspectivas de êxito. O método mais simples - e o que está menos em concordância com os princípios de análise - é o analista, uma vez invertido o processo defensivo na própria mente da criança, tentar influenciar de tal modo a realidade (isto é, os responsáveis pela criação e educação da criança), que a angústia objetiva seja reduzida e daí resulte o ego adotar uma atitude menos severa em relação às pulsões e não ter de realizar tão grandes esforços para rechaçá-las. Em outros casos, a análise mostra-nos que as várias angústias que conduziram à defesa pertencem a uma situação real que já se passou há muito tempo. O ego reconhece já não haver qualquer razão para temê-la. Ou, ainda, o que parece ser angústia objetiva prova ter sua origem em noções exageradas, cruas e distorcidas da realidade, baseadas em situações primitivas que já foram reais, mas deixaram de existir há muito. A análise desmascara essa "angústia objetiva" e mostra que se trata de um produto de fantasia contra o qual não vale a pena empreender operações defensivas.

Quando o ego toma suas medidas defensivas contra um afeto, a fim de evitar a "dor", algo mais é requerido, além da análise, para anulá-las, se quisermos que o resultado seja permanente. A criança deve aprender a tolerar quantidades cada vez maiores de "dor", sem recorrer imediatamente aos seus mecanismos de defesa. Contudo, deve-se reconhecer que, teoricamente, compete mais à educação do que à análise ensinar essa lição à criança.

Os únicos estados patológicos que não reagem favoravelmente à análise são os que se baseiam em uma defesa instigada pelo medo, no paciente, do vigor de suas pulsões. Em tal caso, há o perigo de que eliminemos as medidas defensivas do ego, sem estarmos em condições de ir imediatamente em seu auxílio. Na análise, sempre tranquilizamos o paciente, que tem medo de admitir os impulsos do seu id na consciência, dizendo-lhe que, uma vez que tais impulsos sejam conscientes, eles passam a ser menos perigosos e mais passíveis de controle do que quando eram inconscientes. A única situação em que essa promessa pode ser comprovadamente ilusória é naquela em que a defesa foi efetuada por causa de o paciente temer a força de suas pulsões. Essa luta extremamente feroz do ego para evitar ser afogado no id - por exemplo, quando a psicose entra em uma de suas crises periódicas para pior - constitui, essencialmente, um problema de relações quantitativas. Tudo o que o ego pede, em tal conflito, é ser reforçado. A medida que a análise pode fornecer esse reforço, ao levar o conteúdo inconsciente do id para a consciência, também aqui se reveste de efeito, terapêutico. Mas, à medida que a transposição de atividades inconscientes do ego para a consciência tem o efeito de revelar os processos defensivos e torna-los inoperantes, o resultado da análise *é* enfraquecer o ego ainda mais e fazer progredir o processo patológico.

NOTAS

'• O expoente mais intransigente desse ponto de vista é Wilhelm Reich. Mas há muitos que compartilham dessa opinião.

[2]- *Inibições, Sintomas e Ansiedade,* pp. 52s.

[3]' *O Ego e 0 Id,* p. 85. Cf. também *Inibições, Sintomas e Ansiedade,* onde somos advertidos sobre o perigo de superestimar o papel desempenhado no recalcamento pelo superego, sendo sublinhada a importância dos fatores quantitativos, como um grau excessivo de estimulação.

[4i] R. Wälder, "Das Prinzip der Mehrfachen Funktion", *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse,* vol, XVI, 1930, pp. 287 ss.

[5] F. Alexander, "Über das Verhältnis von Struktur - zu Triebkonflikten", internationale *Zeitschrift für Psychoanalyse,* vol. XX, 1934, pp. 33 ss.

parte

Exemplos da Evasão da "Dor" Objetiva e de Perigo Objetivo

Estágios Preliminares de Defesa

6

Negação em Fantasia

Todos os métodos defensivos até hoje descobertos pela análise servem a uma finalidade única: auxiliar o ego na luta com a sua vida pulsional. São motivados pelos três principais tipos de angústia a que o ego está exposto - angústia pulsional, angústia objetiva e angústia da consciência. Além disso, a mera luta de impulsos conflitantes é suficiente para pôr em movimento os mecanismos de defesa.

A investigação psicanalítica dos problemas de defesa desenvolveu-se da seguinte maneira: principiando com os conflitos entre o id e as instâncias do ego (exemplificados na histeria, neurose obsessiva, etc.), passou a ocupar-se da luta entre o ego e o superego (na melancolia) e dedicou-se depois ao estudo dos conflitos entre o ego e o mundo exterior (cf. a fobia infantil dos animais, examinada em *Inibições, Sintomas e Ansiedade).* Em todas essas situações de conflito o ego procura repudiar uma parte do seu próprio id. Assim, a instância que estabelece a defesa e a força invasora que é repelida é sempre a mesma; os fatores variáveis são os motivos que impelem o ego a recorrer às medidas defensivas. Fundamentalmente, todas essas medidas têm por finalidade garantir a segurança do ego e poupá-lo à experiência da "dor".

Ora, o ego não se defende unicamente contra a "dor" oriunda de dentro. No mesmo e remoto período em que trava conhecimento com os perigosos estímulos pulsionais internos, experimenta igualmente a "dor", que tem sua origem no mundo externo. O ego está em íntimo contato com esse mundo, do qual aufere seus objetos de amor e deriva aquelas impressões que são registradas pela percepção e assimiladas pela inteligência. Quanto maior for a importância do mundo exterior como fonte de prazer e interesse, maiores são as oportunidades para experimentar a "dor" oriunda desse setor. O ego

de uma criança de tenra idade vive ainda de acordo com o princípio de prazer. Muito tempo decorrerá até que esteja treinado a suportar a "dor'. Durante esse período, o indivíduo é ainda muito débil para opor-se ativamente ao mundo exterior, para defender-se dele mediante o uso da força física ou para modificá-lo de acordo com a sua própria vontade. Em geral, a criança é fisicamente impotente para fugir e seu entendimento ainda está limitado demais para ver o inevitável à luz da razão e submeter-se a ele. Nesse período de imaturidade e dependência, o ego, além de esforçar-se por dominar os estímulos pulsionais, tenta por todos os meios ao seu alcance defender-se contra a dor objetiva e os perigos que o ameaçam.

Baseando-se a teoria da psicanálise na investigação das neuroses, é natural que a observação analítica tenha concentrado todas as suas atenções, primeiramente, na luta íntima entre as pulsões e o ego, da qual os sintomas neuróticos são a conseqüência. Os esforços do ego infantil para evitar a "dor", através da resistência direta às impressões externas, pertencem à esfera da psicologia normal. Suas conseqüências podem ser da maior importância para a formação do ego e do caráter, mas não são patogênicas. Quando se faz referência à essa função particular do ego nos trabalhos clínico-analíticos, nunca é tratada como objeto principal de investigação mas, tão-somente, como um produto subsidiário da observação.

Revertamos ao caso de fobia animal do pequeno Hans. Aqui temos um exemplo clínico de processos defensivos simultâneos, dirigidos respectivamente para dentro e para o exterior. A neurose desse menino[1] baseava-se em impulsos associados, muito normalmente, ao complexo de Édipo. Amava sua mãe e, por ciúme, adotara uma atitude agressiva em relação ao pai, que, secundariamente, conflitou com a terna afeição que sentia por ele. Esses impulsos agressivos provocaram no pequeno Hans a angústia de castração - que experimentou como angústia objetiva e assim os vários mecanismos de defesa contra as pulsões foram postos em ação. Os métodos empregados pela sua neurose foram o *deslocamento* - de seu pai para o animal causador de angústia -ea *inversão* de sua própria ameaça ao pai, quer dizer, a transformação dessa ameaça em angústia causada pelo medo dele próprio ser ameaçado pelo pai. Finalmente, para completar a distorção do quadro real, houve a *regressão* ao nível oral: a idéia de ser mordido. Os mecanismos empregados preencheram perfeitamente a finalidade de repelir as moções pulsionais. O proibido amor libidinal por sua mãe e a agressividade perigosa em relação ao pai desapareceram da consciência. A sua angústia de castração, em relação ao pai, foi vinculada ao sintoma de um medo de cavalos, mas de acordo com o mecanismo da fobia. Os ataques de angústia eram evitados por meio de uma inibição neurótica: o pequeno Hans renunciou a sair de casa.

Na análise do pequeno Hans, esses mecanismos de defesa tinham de ser invertidos. As suas moções pulsionais foram liberadas de distorção e a sua angústia foi dissociada da idéia de cavalos e restituída ao seu objeto real - o pai - após o que foi discutida, sofreada e provado que carecia de fundamen-

tos objetivos. Sua tema dedicação à mãe ficou então livre para ser revivida e receber uma expressão no comportamento consciente, visto que sua angústia de castração desaparecera agora e os seus sentimentos filiais em relação à mãe tinham deixado de ser perigosos. Além disso, dissipada a angústia, não havia necessidade da regressão para a qual o pequeno Hans fora impelido, podendo atingir de novo o nível fálico do desenvolvimento libidinal. A neurose da criança estava curada.

A mesma coisa aconteceu com as vicissitudes dos processos defensivos dirigidos contra as pulsões. Mas, mesmo depois da interpretação analítica ter habilitado a vida pulsional do pequeno Hans a retomar seu curso normal, os seus processos psíquicos estiveram ainda, por algum tempo, sujeitos a perturbações. Ele era constantemente confrontado por dois fatos objetivos, com os quais não era ainda capaz de reconciliar-se. Seu próprio corpo [em particular, o seu pênisj era, evidentemente, menor do que o de seu pai, pelo que este era ainda tido na conta de um rival, contra quem não podia ter esperanças de levar a melhor. Assim, manteve uma razão objetiva para inveja e ciúme. Além disso, esses afetos ampliaram-se à mãe e à irmã: invejava-as porque, quando sua mãe atendia às necessidades físicas do bebê, as duas compartilhavam de um prazer, enquanto ele próprio desempenhava o papel de um mero espectador. Dificilmente poderíamos esperar que um menino de 5 anos tenha consciência suficiente e visão íntima razoável para resignar-se a essas frustrações objetivas, possivelmente consolando-se com promessas de gratificação em alguma data futura muito remota ou, de qualquer modo, aceitando essa “dor”, tal como aceitou, por fim, os fatos de sua vida pulsional infantil, assim que conscientemente os reconheceu.

Da pormenorizada descrição da história do pequeno Hans, dada em *Análise de uma Fobia em um Menino de 5 Anos*, ficamos sabendo que o resultado dessas frustrações objetivas foi, de fato, muito diferente. No final de sua análise, Hans relatou duas divagações: a fantasia de que tinha muitos filhos de quem cuidar e a quem lavar no banheiro; e, logo depois, a fantasia do bombeiro que removeu as nádegas e o pênis de Hans com um par de tenazes, para lhe colocar outros maiores e mais bonitos. O analista (que era o pai de Hans) não teve dificuldade em reconhecer nessas fantasias a satisfação dos dois desejos que nunca foram preenchidos na realidade. Hans tinha agora - pelo menos na imaginação - um órgão genital idêntico ao do pai e também filhos com quem podia fazer o mesmo que sua mãe fazia com a irmãzinha dele.

Mesmo antes de produzir essas fantasias, o pequeno Hans perdera a sua agorafobia e, com essa nova conquista mental, pôde finalmente recuperar seu bom humor. As fantasias ajudaram-no a reconciliar-se com a realidade, tal como a sua neurose o habilitara a chegar a um acordo com as suas moções pulsionais. Notamos que a visão consciente do inevitável não desempenhou aqui papel algum. Hans *negou a realidade por meio de sua fantasia;* transformou-a de modo a ajustar-se às suas próprias finalidades e satisfazer seus próprios desejos; depois, e só depois, pôde ele aceitá-la.

O nosso estudo dos processos defensivos revelados na análise do pequeno. Hans sugeria que o destino final de sua neurose ficara decidido desde o momento em que ele deslocara a sua angústia e agressividade do pai para os cavalos. Mas essa impressão é ilusória. Tal substituição de um objeto humano por um animal não é, em si, um processo neurótico. Ele ocorre freqüentemente no desenvolvimento normal das crianças e, quando sucede, os resultados variam grandemente.

Por exemplo, um menino de 7 anos a quem analisei costumava divertir- se com a seguinte fantasia: possuía um leão domesticado que aterrorizava todo mundo e só gostava dele. Respondia quando o chamava e seguia-o como um cachorrinho, para onde quer que fosse. Cuidava do leão, alimentava-o e cuidava de seu conforto em geral, fazendo-lhe a cama, todas as noites, em seu próprio quarto. Como é usual nas divagações transmitidas de dia para dia, a principal fantasia tornou-se a base de uma série de episódios agradáveis. Por exemplo, houve uma divagação em que o menino foi a um baile de máscaras e disse às pessoas que o leão, que ele levara consigo, era apenas um amigo disfarçado. Isto era mentira, pois o “amigo disfarçado” era realmente o seu leão. Deliciava-o imaginar como as pessoas ficariam aterrorizadas se adivinhassem o seu segredo. Ao mesmo tempo, achava que não havia razões concretas para a inquietação das pessoas, pois o leão era inofensivo, desde que ele o mantivesse sob seu controle.

Pela análise do menino, foi fácil deduzir que o leão era um substituto paterno. Tal como o pequeno Hans, ele odiava e temia o pai como um verdadeiro rival nas relações com a mãe. Em ambas as crianças a agressividade foi transformada em angústia e o afeto foi deslocado do pai para um animal. Mas os respectivos métodos subsequentes para lidar com os afetos diferiram. Hans usou o seu medo dos cavalos como base para a sua neurose; isto é, impôs a si próprio a renúncia aos desejos puisionais, internalizou todo o conflito e, de acordo com o mecanismo da fobia, evitou as situações de tentação. O meu paciente arranjou as coisas de um modo mais confortável para ele. À semelhança de Hans, na fantasia a respeito do bombeiro, ele simplesmente negou um fato doloroso e, na sua fantasia do leão, converteu-o em um oposto agradável. Chamava de amigo o animal-angústia e a força deste, em vez de constituir uma fonte de terror, estava agora a seu serviço. A única indicação de que, no passado, o leão fora um objeto-angústia estava na angústia das outras pessoas, tal como descrita nos episódios imaginários.[2]

Eis outro caso de fantasia-animal, produzida por um paciente de 10 anos. Em certo período de sua vida de rapaz, os animais desempenharam um papel muito importante. Passava horas seguidas em divagações em que eles figuravam e até conservava relatos escritos de seus episódios imaginários. Nessa fantasia, o menino era dono de um gigantesco circo e também doma- dor de leões. Os animais de maior ferocidade, que em liberdade seriam inimigos mortais, foram treinados para conviverem amigavelmente. O meu peque-

no paciente domesticou essas feras, isto é, ensinou-as a não se atacarem mutuamente nem a atacarem seres humanos. Quando as domesticava, jamais usou chicote, circulando desarmado entre os animais.

Todos os episódios em que os animais figuraram giravam em torno da seguinte história. Certo dia, durante um espetáculo em que todos participavam, um ladrão que estava sentado no meio do público disparou um tiro de pistola contra ele, Imediatamente, os animais se juntaram para protegê-lo e arrastaram o ladrão para fora da multidão, tendo o maior cuidado em não magoar qualquer outra pessoa. O resto da fantasia dizia respeito à maneira como os animais - sempre por dedicação ao pequeno amo - puniram o ladrão. Mantiveram-no prisioneiro, enterraram-no e, triunfantemente, fizeram uma torre enorme sobre ele com seus próprios corpos. Depois, levaram-no para o covil, onde teve de permanecer três anos. Antes de o libertarem, finalmente, uma grande fila de elefantes surrou-o com as trombas, o último deles ameaçando-o, de dedo no ar (!), e advertindo-o de que nunca mais voltasse a fazer aquilo. O ladrão prometeu. "Ele nunca mais voltará a fazer, enquanto eu estiver com os meus animais." Após a descrição de tudo o que os animais infligiram ao ladrão, houve um curioso pós-escrito a essa fantasia, contendo a garantia de que os animais alimentaram muito bem o ladrão, enquanto foi seu prisioneiro, pelo que o homem não chegou a enfraquecer.

Na fantasia do meu paciente de 7 anos, a respeito do leão, tivemos uma vaga indicação da maneira como foi solucionada a atitude ambivalente em relação ao pai, A fantasia do circo vai consideravelmente mais longe a esse respeito. Pelo mesmo processo de inversão, o pai temido da realidade é transformado nas feras protetoras da fantasia, mas o perigoso objeto-pai reaparece na figura do ladrão. Na história sobre o leão, ficava incerto contra quem o substituto paterno estava realmente protegendo a criança, cuja propriedade do leão apenas o elevava, de um modo geral, no conceito das outras pessoas. Mas, na fantasia do circo, é evidente que a força do pai, consubstanciada nas feras, servia como proteção contra o próprio pai. Uma vez mais, a ênfase dada à anterior ferocidade dos animais indica que, no passado, eles foram objeto de angústia. Sua força e destreza, suas trombas e o dedo espetado no ar estavam obviamente associados, na realidade, à figura do pai. A criança dava grande importância a esses atributos: em sua fantasia, retirou-os do pai, a quem invejava e, tendo-os ele próprio assumido, apossou-se do melhor que havia naquele. Assim, os papéis de ambos foram invertidos. O pai foi advertido "para não voltar a fazer aquilo" e teve de pedir perdão. Um ponto notável é que a promessa de segurança, que, fmalménte, os animais o obrigaram a fazer ao menino, ficou dependendo deste continuar a ser o dono dos animais. No pós-escrito sobre a alimentação do ladrão, o outro lado da relação ambivalente com o pai acabou, finalmente, por triunfar. Evidentemente, o divagador sentiu-se na obrigação de se tranqüilizar a esse respeito: apesar de todos os atos agressivos, não havia necessidade de temer pela vida do pai.

Os temas que aparecem nas divagações desses dois rapazes não lhes são, de modo algum, peculiares: são temas universais nas histórias infantis.[3] Recordo, a este respeito, a história que encontramos no folclore e contos maravilhosos, a respeito do caçador e os animais, Um caçador fora injustamente despedido por um rei mau, por causa de um delito trivial, e expulso de sua casa na floresta. Quando chegou a hora de partir, deu um último passeio pela floresta, com tristeza e cólera em seu coração. Encontrou, sucessivamente, um leão, um tigre, uma pantera, um urso, etc. Em cada ocasião, apontou a arma para a fera e, a cada vez, para seu espanto, o animal começou a falar e a implorar-lhe que poupasse sua vida..

Lieber Jäger, lass mich leben,
Ich will dir auch zwei Junge geben!'

O caçador concordava sempre com o negócio e continuou seu caminho, acompanhado pelos filhotes que lhe foram presenteados. Acabou reunindo um enorme séqüito de pequenas feras e, dando-se conta de que dispunha agora de um formidável exército para lutar por ele, marchou sobre a capital e investiu contra o castelo do rei. Aterrorizado, com medo de que o caçador soltasse os animais para se lançarem sobre ele, o rei corrigiu o mal que fizera ao caçador e, mais do que isso, impelido pela angústia, ofereceu-lhe metade do seu reino e concedeu-lhe a mão da princesa em casamento.

E óbvio que o caçador da história representa um filho em conflito com o pai, A luta entre ambos é decidida de um modo peculiar e circunloquial. O caçador abstém-se de concretizar sua vingança nas feras adultas que representam o primeiro substituto paterno. A título de recompensa, são-lhe oferecidos os filhotes que consubstanciam a força desses animais adultos. Com sua recém-adquirida força, ele vence o pai e compele-o a dar-lhe uma esposa. Uma vez mais, a situação real é invertida: um filho vigoroso enfrenta um pai que, assustado por essa demonstração de força, se rende e realiza todos os desejos do filho. Os métodos empregados na história maravilhosa são precisamente os mesmos da fantasia do circo do meu paciente.

Além das histórias sobre animais, encontramos nos contos para crianças outra réplica às fantasias com o leão do meu pequeno paciente. Em muitos livros infantis - talvez os exemplos mais flagrantes sejam as histórias de *Little Lord Fauntieroy*[4] e *The Little Colonel*[5] -, há um menino ou menina que, contrariamente a todas as expectativas, consegue "amansar" um velho rabugento e irascível, muito poderoso ou muito rico e de quem toda a gente tem medo. Só a criança é capaz de comover o seu coração e conseguir o seu afeto, embora deteste todas as outras pessoas. Finalmente, o velho, a quem ninguém pode controlar e que também não pode controlar-se a si próprio, acaba

***N. de T. Querido caçador, deixa-me viver, E eu te darei dois filhotes!**

submetendo-se à influência e domínio da criança e é até induzido a praticar toda a espécie de boas ações a favor de outras pessoas.

Essas histórias, tal como as fantasias com animais, adquirem seu caráter agradável através da completa inversão da situação real. A criança aparece não só como a pessoa que possui e controla a poderosa figura de pai (o leão) - e que, por isso, é superior a todos os que a rodeiam mas também é a educadora, a que transforma gradualmente o Mal em Bem. Os meus leitores recordar-se-ão de que o leão, na primeira fantasia, foi treinado para não atacar seres humanos e que os animais do domador do circo aprenderam primeiro, e acima de tudo, a controlar seus impulsos agressivos entre eles e contra a espécie humana. Nessas histórias infantis, a angústia em relação ao pai foi deslocada de modo análogo ao das fantasias com animais. Denuncia-se na angústia de outras pessoas, a quem a criança tranqüiliza, mas essa angústia indireta é uma fonte adicional de prazer.

Nas duas fantasias do pequeno Hans e nas fantasias com animais, dos meus pacientes, o método pelo qual a “dor” e a angústia objetivas são evitadas é muito simples. O ego da criança recusa-se a tomar conhecimento de certa realidade desagradável. Primeiro, volta-lhe as costas, nega-a e, em imaginação, inverte os fatos indesejáveis. Assim, o pai “mau” passa a ser, na fantasia, o animal protetor, ao passo que a criança impotente se converte no senhor de poderosos substitutos paternos. Se a transformação for bem-suce- dída e, através das fantasias que a criança constrói, ela se tornar insensível à realidade em questão, o ego será poupado à angústia e não precisará recorrer a medidas defensivas contra as suas moções pulsionais, nem à formação de neurose.

Esse mecanismo pertence a uma fase normal no desenvolvimento do ego infantil. Se ele se repetir em fases ulteriores da vida, no entanto, indica um estágio avançado de doença psíquica. Em certos estados agudos de confusão psicótica, o ego do paciente comporta-se ante a realidade precisamente dessa maneira. Sob a influência de um choque, como a súbita perda de um objeto de amor, nega os fatos e substitui a realidade insuportável por alguma ilusão agradável.

Quando comparamos as fantasias das crianças com as ilusões psicóticas, começamos a perceber por que motivo o ego humano não pode fazer um uso mais amplo do mecanismo - simultaneamente tão simples e tão superlativamente eficaz - de negação da existência de fontes objetivas de angústia e “dor”. A capacidade do ego de negação da realidade é inteiramente incoerente com outra função altamente apreciada pelo ego: a sua capacidade para reconhecer e comprovar criticamente a realidade dos objetos. Nos primeiros anos da infância, essa incoerência não tem ainda um efeito perturbador. No pequeno Hans, o dono do leão, e no dono do circo, a função de comprovação da realidade manteve-se inalterada, intacta. É claro que eles não acreditavam, realmente, na existência dos seus animais, nem na sua própria superioridade em relação aos pais. íntelectualmente, estavam muito bem capacita-

dos para fazer a distinção entre fantasia e fato. Mas na esfera do afeto, cancelaram os dolorosos fatos objetivos e desempenharam um hiper-investimento da fantasia, na qual esses fatos foram invertidos para que o prazer que deriva da imaginação triunfasse sobre a “dor” objetiva.

E difícil dizer quando o ego perde o poder de superar consideráveis quantidades de “dor” objetiva por meio da fantasia. Sabemos que, mesmo na vida adulta, as divagações podem ainda desempenhar uma função, ampliando por vezes as fronteiras de uma realidade demasiado estreita e, outras vezes, invertendo completamente a situação real. Na vida adulta, porém, uma divagação é quase da mesma natureza de um passatempo ou diversão, uma espécie de subproduto com um investimento libidinal muito reduzido. No máximo, ela serve para dominar quantidades insignificantes de desconforto ou para dar ao sujeito um alívio ilusório para alguma “dor” secundária. Parece que a importância original da divagação, como um meio de defesa contra a angústia objetiva, se perde quando o período inicial da infância atinge o seu termo. Em primeiro lugar, conjecturamos que a faculdade de comprovação da realidade está objetivamente reforçada, pelo que pode manter-se firme, mesmo na esfera dos afetos. Depois, também sabemos que, na vida ulterior, a necessidade de síntese, por parte do ego, torna impossível a coexistência com opostos; talvez a dedicação do ego maduro à realidade também seja, de um modo geral, mais forte do que no ego infantil, pelo que, da própria natureza do caso, a fantasia deixa de ser tão altamente apreciada como nos primeiros anos. De qualquer modo, é certo que, na vida adulta, a gratificação através da fantasia deixa de ser inofensiva. Logo que maiores quantidades de investimento estão envolvidas, a fantasia e a realidade se tomam incompatíveis - tem de ser uma coisa ou outra. Também sabemos que a irrupção de um impulso do id no ego, obtendo aí sua gratificação por meio da alucinação, significa, em um adulto, doença psicótica. Um ego que tenta eximir-se à angústia, evitar a renúncia à pulsão e evitar a neurose, negando a realidade, está forçando extraordinariamente esse mecanismo. Se isso acontece durante o período de latência, desenvolver-se-ão algumas características anormais, como foi o caso das histórias dos dois rapazes que citei. Se acontece na vida adulta, as relações do ego com a realidade serão profundamente abaladas.[6]

Ainda não sabemos predsamente, por enquanto, o que ocorre no ego adulto quando escolhe a gratificação delirante e renuncia à função de comprovação da realidade. Desliga-se do mundo exterior e cessa inteiramente de registrar os estímulos externos. Na vida pulsional, tal insensibilidade aos estímulos internos só pode ser adquirida de um modo - pelo mecanismo de recalcamento.

NOTAS

[1] **Cf. a descrição em Inibições, Sintomas e Ansiedade.**

[2] **Berta Bomstein relata as fantasias de um menino de 7 anos, em que os bons animais se tomavam maus, de um modo semelhante. Todas as noites a criança colocava seus animais de brinquedo em redor da cama como deuses tutelares, mas imaginava que, durante a noite, eles faziam causa comum com um monstro que a queria atacar.**

[3] **Lembramo-nos aqui do tema dos "animais amigos dos heróis", que ocorre em mitos e tem sido discutido por escritores da psicanálise, embora em outros contextos. Cf. O. Rank,** *Der Mythos von der Geburt des Helden, Schriften zur Angewandten Seelenkunde, Heft 5, S. 87 ff.*

[4] **Alice Hodgson Burnett. (É a história popular O** *Pequeno Lorde***.)**

[5] **Annie Fellowes Johnston.**

[6] **Recordarei aos meus leitores que, recentemente, a relação do mecanismo de negação com a doença psíquica e com a formação do caráter foi discutida por muitos autores. Helene Deutsch ocupa-se do significado desse processo defensivo na gênese da hipomania crônica ("Zur Psychologie der Manish-depressiven Zustände, Insbesondere der chronischen Hypomanie",** *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse,* **vol. XIX, 1933, principalmentc p. 371). Bertram D. Lewin descreve como esse mesmo mecanismo é empregado pelo recém-formado ego- prazer do paciente hipomaníaco ("Analyse und Struktur Einer Passageren Hypomanie",** *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse,* **vol. XX, 1934, p. 83). Anny Angel assinala a conexão entre negação e otimismo ("Einige Bemerkungen über den Optimismus",** *Internationale Zeitschriftrfür Psychoanalyse,* **vol. XX, 1934).**

7

Negação em Palavras e Atos

Durante alguns anos, o ego infantil está em condições de livrar-se de fatos indesejáveis mediante a negação dos mesmos, enquanto mantiver intacta a sua faculdade de comprovação da realidade. Faz o maior uso possível desse poder, não se limitando exciusivamente à esfera das idéias e da fantasia, visto que não pensa apenas: também representa. Utiliza todos os gêneros de objetos externos para dramatizar a sua inversão das situações reais. A negação da realidade também é, evidentemente, um dos muitos motivos subjacentes nas brincadeiras das crianças, em geral, e nos jogos de personificação, em particular.

Recordo-me de um livrinho de versos, de um autor inglês, em que a justaposição da fantasia e do fato, na vida do seu herói infantil, *é* descrita de um modo particularmente delicioso. Refiro-me a *When We Were Very Young,* por A.A. Milne. No quarto desse menino de 3 anos há quatro cadeiras. Quando se senta na primeira, ele *é* um explorador, subindo o Amazonas de noite. Na segunda cadeira, é um leão, assustando a sua babá com rugidos. Na terceira, é um capitão, governando seu barco mar afora. Mas, na quarta, *tenta fingir* que é, simplesmente, ele próprio, apenas um menino pequeno. Não é difícil perceber a intenção do autor: os elementos para a construção de um agradável mundo de fantasia estão ao alcance da criança, mas sua tarefa e sua conquista são o reconhecimento e a assimilação dos fatos da realidade.

É curioso que os adultos sejam tão propensos a utilizar esse mesmo mecanismo, com a maior facilidade, em seu relacionamento com as crianças. Muito do prazer que dão às crianças deriva dessa espécie de negação da realidade. E uma coisa muito comum dizer a uma criança ainda pequena: “Mas que rapagão ele é” e declarar, contrariamente aos fatos óbvios, que é tão forte

"como o Pai", tão esperto "quanto a Mãe", valente "como um soldado" e "robusto" como o seu "irmão mais velho". E natural que, quando as pessoas querem confortar uma criança, recorram a essas inversões dos fatos reais. Os adultos asseguram-lhe, quando ela se machucou, que "já passou" ou que "não foi nada"; que certa comida que ela detesta "é uma delícia"; e, quando ela está triste porque alguém partiu, lhe dizemos que essa pessoa "vai voltar logo". Algumas crianças, realmente, adotam essas fórmulas consoladoras e empregam uma frase estereotipada para descrever o que é doloroso. Por exemplo, uma menina de 2 anos costumava, sempre que a mãe saía do quarto, anunciar o fato com um murmúrio mecânico: "Mamãe volta já". Outra criança (inglesa) costumava gritar em voz lamentosa, sempre que tinha de tomar um remédio amargo: "gosta, gosta" - fragmento de uma frase usada pela sua babá para encorajá-la a pensar que as gotas tinham bom paladar.

Muitos dos presentes oferecidos às crianças por visitantes adultos fomentam a mesma ilusão. Uma bolsinha ou uma pequena sombrinha tem o intuito de ajudar a menina a "parecer uma senhora". Uma bengala, um uniforme e armas de brinquedo, de vários gêneros, habilitam um menino pequeno a macaquear um homem. Na verdade, até as bonecas, além de serem úteis para todas as outras espécies de jogos, criam a ficção da maternidade, ao passo que os trens de ferro, motores e jogos de armar servem não apenas para satisfazer aos vários desejos e propiciar oportunidades de sublimação, mas também geram nas mentes infantis a agradável fantasia de que podem construir o mundo. Nesse ponto, passamos do estudo dos processos de defesa e evitação, propriamente ditos, para o das condições em que a criança "representa". É tema que tem sido exaustivamente examinado e discutido de diversos ângulos pela psicologia acadêmica.

Tudo isso sugere outra razão, em teoria, para o conflito perene entre os diferentes métodos de educação infantil (Froebel *versus* Montessori.) A verdadeira questão é saber até que ponto a tarefa educativa deve induzir as crianças, mesmo as de mais tenra idade, a dedicarem todos os seus esforços à assimilação da realidade e até que ponto é admissível encorajá-las a desviarem-se da realidade e construírem um mundo de fantasia.

Quando os adultos consentem em participar nas ficções por cujo intermédio as crianças transformam uma realidade dolorosa no seu oposto, fazem-no invariavelmente de acordo com certas e rigorosas condições. Espera- se que as crianças mantenham as representações de suas fantasias dentro de limites bem-definidos. Uma criança que acabou de ser um cavalo ou um elefante, andando por todo o lado de gatinhas, miando ou roncando, deve estar preparada para, de um instante para outro, ocupar seu lugar na mesa, ficar quieta e bem comportada. O domador de leões tem de preparar-se para obedecer à sua babá e o explorador ou pirata tem de submeter-se a ser despachado para a cama justamente quando as coisas mais interessantes começam a acontecer no mundo dos adultos. A atitude indulgente das pessoas crescidas em relação ao mecanismo de negação da criança desaparece no momento em

que ela não faça, sem demora nem encrenca, a pronta transição da fantasia para a realidade, ou tente moldar seu comportamento real de acordo com suas fantasias - em termos mais exatos, o momento em que sua atividade na fantasia deixe de ser um jogo e se converta em um automatismo ou em uma obsessão.

Uma menina, a quem tive oportunidade de observar, não era capaz de conformar-se com a diferença entre os sexos. Tinha um irmão mais velho e um mais novo e a comparação entre ela própria e os dois rapazes era uma constante fonte de "dor" aguda, que a impeliu, de algum modo, a defender-se contra a mesma ou a "eliminá-la". Ao mesmo tempo, o exibicionismo desempenhou um considerável papel no desenvolvimento de sua vida pulsional e, assim, sua inveja e seu desejo de um pênis assumiram a forma de um desejo de ter, como seus irmãos, algo a exibir. Sabemos, pelo que sucede no caso de outras crianças, que existem vários processos por meio dos quais ela poderia satisfazer esse desejo. Por exemplo, a ânsia de exibir alguma coisa poderia ser deslocada dos órgãos genitais para o resto de seu bonito corpo. Ou poderia desenvolver um interesse especial por belos vestidos e tornar-se "vaidosa". Ou, ainda, poderia destacar-se em exercícios físicos e ginástica, como substitutos para a acrobacia dos genitais de seus irmãos. O caminho que ela realmente escolheu foi mais curto. Negou o fato de que não possuía um pênis e assim evitou o problema de ter de encontrar um substituto. A partir desse momento, sofreu uma espécie de compulsão para exibir o órgão inexistente. Na esfera física, essa compulsão tomou a forma de, ocasionalmente, levantar as saias e exibir-se. O significado disso era: "Vejam que bela coisa me deram!" Em sua vida cotidiana, pedia a outras pessoas, em todas as oportunidades concebíveis, que fossem admirar em dado local alguma coisa que nunca aí estava.[1] "Venham ver a porção de ovos que as galinhas puseram!" "Escutem, chegou o carro do tio!" Na realidade, nenhum ovo tinha sido posto, nem havia qualquer vestígio do carro que todo mundo ficava ansiosamente esperando, No princípio, os adultos acolhiam essas brincadeiras com risos e aplausos, mas os súbitos e repetidos desapontamentos assim infligidos acabaram por levar os irmãos a prantos caudalosos. O comportamento dela, nessa altura, poder-se-ia considerar na linha fronteiriça entre representação lúdica e obsessão.

Vemos o mesmo processo, ainda mais nitidamente, no caso do doma- dor de leões, de 7 anos, do capítulo precedente. Como sua análise mostrou, suas fantasias representavam não apenas uma compensação para resíduos de "dor" e intranqüilidade, mas também uma tentativa para dominar a totalidade de sua aguda angústia de castração. O hábito de negação desenvolveu- se nele até não poder mais acompanhar o progresso de seus anseios para transformar os objetos de angústia em seres amistosos que o protegessem ou lhe obedecessem. Redobrou de esforços; aumentou a tendência para diminuir e menosprezar tudo aquilo que o aterrorizava. Tudo o que suscitava a sua angústia tomava-se objeto de ridículo e, como todas as coisas à sua volta

eram causas de angústia, o mundo inteiro assumiu um aspecto absurdo. Sua reação à constante pressão da angústia de castração era uma não menos constante fonte de gozações. No começo, isso impressionava as pessoas como simples pendor brincalhão, mas o seu caráter obsessivo foi denunciado pelo fato de ele nunca estar livre de angústias, exceto quando zombava, e também porque, ao tentar abordar o mundo exterior com um espírito mais sério, pagou-o com acessos de angústia.

Regra geral, nada vemos de anormal no menino que quer ser um homem grande e brinca de "fazer de conta que é o Papai", tendo arranjado um chapéu e uma bengala do pai para esse efeito. De qualquer modo, é uma figura com que todos nós estamos familiarizados. Fiquei sabendo que costumava ser esse o jogo favorito de uma das crianças minhas pacientes, a qual, quando a conheci, ficava em um estado de mau humor extremo, sempre que via um homem excepcionalmente alto ou robusto. Tinha o hábito de pôr um chapéu do pai e passear com ele. Enquanto ninguém interferisse, o menino senüa-se contente e feiiz. Do mesmo modo, durante umas férias de verão, circulou por um e outro lado com uma mochila de campista, cheia, às costas. A diferença entre ele e o rapaz que brinca de ser um homem grande é, simplesmente, que o jogo do meu pequeno paciente era sincero, visto que, quando o obrigavam a tirar o chapéu dentro de casa ou quando ia para a cama, reagia com intranqüiiidade e mau humor.

Ao ser-lhe oferecido um boné de pala, que tinha uma aparência "adulta", o rapaz repetiu o padrão de comportamento originalmente associado com o chapéu de seu pai. Usava o boné para onde quer que fosse, apertando-o convulsivamente nas mãos, se não lhe fosse consentido pô-lo na cabeça. Evidentemente, constatava a todo o instante que queria usar as mãos para outros fins. Em uma dessas ocasiões, quando olhava ansiosamente à sua volta, em busca de um lugar onde pudesse colocar o boné, as possibilidades do bolso traseiro das calças se revelaram de súbito. Sem mais hesitações, enfiou o boné pela abertura e assim ficou com as mãos livres, concluindo para seu grande alívio que, desse modo, nunca mais se separaria do seu tesouro. De maneira clara, o objeto chegara ao lugar a que, de acordo com seu significado simbólico, sempre pertencera: estava na proximidade imediata dos órgãos genitais.

No que precede, descrevi muitas vezes, por falta de melhor palavra, o comportamento dessas crianças como obsessivo. Para o observador superficial, reveste-se, com efeito, de uma grande semelhança com os sintomas da neurose obsessiva. Contudo, se examinarmos as ações das crianças mais detalhadamente, verificaremos que não são obsessivas, na acepção rigorosa do termo. A estrutura é inteiramente diferente das que conhecemos como características dos sintomas neuróticos, em geral. É verdade que, tal como na formação dos últimos, o processo que conduz a tais sintomas começa com uma frustração ou decepção objetiva, mas o conflito subseqüente não é internalizado: conserva seus vínculos com o mundo exterior. A medida defensiva a que o ego recorre não é dirigida contra a vida pulsional, mas visa

diretamente ao mundo exterior que provoca e inflige a frustração. Tal como no conflito neurótico, a percepção de um estímulo pulsional proibido é repudiada por meio do recalcamento, assim o ego infantil recorre à negação, a fim de não tomar conhecimento de alguma impressão dolorosa vinda de fora. Na neurose obsessiva, o recalcamento é garantido por meio de uma formação reativa que contém o inverso da moção pulsional recalcada (simpatia em vez de crueldade, timidez em lugar de exibicionismo). De modo semelhante, nas situações infantis que descrevi, a negação da realidade está concluída e confirmada quando, em suas fantasias, palavras e comportamento, a criança inverte os fatos reais, A manutenção de formações reativas obsessivas exige o dispêndio constante de energia, aquilo a que chamamos de contra-investimento. Um tal dispêndio é necessário para que o ego da criança possa manter e dramatizar suas fantasias agradáveis. A masculinidade dos irmãos da menina, cujo caso citei, constantemente desfilava diante dos olhos dela, que respondia, com igual regularidade, garantindo: “Eu também tenho uma coisa para mostrar". A inveja do rapazinho com o boné era continuamente excitada pelos homens que ele via à sua volta, pelo que os defrontava persistentemente com o chapéu, o boné ou o saco de campista que ele considerava provas tangíveis de sua própria masculinidade. Qualquer interferência externa com essa espécie de comportamento produzia o mesmo resultado que se observa quando as atividades genuinamente obsessivas são assim obstruídas. O equilíbrio, laboriosamente preservado, entre a tendência que é rechaçada e a força defensora, é perturbado. O estímulo externo que foi negado ou o estímulo pulsional que foi recalcado procura abrir caminho para a consciência e gera no ego sentimentos de angústia e “dor”.

O método defensivo de negação por palavras e atos está sujeito às mesmas restrições no tempo que examinamos no capítulo anterior, a respeito da negação em fantasia.[2] Só pode ser empregado enquanto lhe for possível coexistir com a capacidade de comprovação da realidade, sem perturbá-la. A organização do ego maduro torna-se unificada através da síntese e esse método de negação é então descartado, só se reatando se a relação com a realidade tiver sido gravemente perturbada e a função de comprovação da realidade, suspensa. Nas ilusões psicóticas, Opor exemplo, um pedaço de madeira poderá representar objetos de amor pelos quais o paciente anseia ou que perdeu, tal como as crianças usam coisas similares para se protegerem.[3] A única exceção possível, na neurose, é o “talismã” dos neuróticos obsessivos, mas não estou interessada em vincular-me a uma opinião sobre se a propriedade a que tais pacientes se agarram tão convulsivamente representa uma proteção contra impulsos proibidos interiores ou contra perigosas forças exteriores, ou se combina, talvez, ambos os tipos de defesa.

O método de negação em palavras e atos está sujeito a uma segunda restrição, que não se aplica à negação em fantasia. Em suas fantasias, uma criança é suprema. Enquanto não as contar a ninguém, não há qualquer motivo para que alguém interfira. Por outro lado, a dramatização de fantasias em pala-

vras e atos requer a existência de um palco no mundo exterior. Assim, o emprego desse mecanismo está condicionado extemamente pela medida em que as pessoas que rodeiam a criança concordem ou não com a sua dramatização, assim como está condicionado intemamente pelo grau de compatibilidade com a função de comprovação da realidade. No caso do rapaz com o boné, por exemplo, o sucesso de seus esforços defensivos dependia inteiramente de ele ser autorizado a usar o boné dentro de casa, na escola e no *playground.* As pessoas, em geral, por outro lado, ajuízam da normalidade ou anormalidade de tais mecanismos protetores, não pela estrutura interior da medida defensiva, mas pelo grau de sua notoriedade. Enquanto a obsessão do rapaz assumisse a forma de circular de chapéu na cabeça, tinha um "sintoma". Era encarado como uma criança excêntrica e estava sempre em perigo de ser privado da coisa que o protegia da angústia. Em um período ulterior de sua vida, o desejo de proteção torna-se menos notado. Põe de lado o seu saco de campismo e o seu boné e contenta-se agora em levar uma caneta-tinteiro no bolso. A partir dessa altura é considerado normal. Adaptara o seu mecanismo, de modo a ajustar-se ao meio circundante ou, pelo menos, ocultou-o e não lhe permitiu que conflitasse com os requisitos de outras pessoas. Mas isso não significa que tenha havido qualquer mudança na situação interior de angústia. Para a negação de sua angústia de castração, dependia de um modo não menos obsessivo de levar consigo a sua caneta-tinteiro e, se acontecia perdê-la ou não a ter consigo, sofria ataques de angústia e "dor", exatamente como sofrera antes.

O destino da angústia é determinado, por vezes, pela indulgência de outras pessoas a respeito de tais medidas protetoras. Pode ser que a angústia pare nesse ponto e fique vinculada ao "sintoma" original. Mas se a tentativa de defesa fracassar, poderá haver maior desenvolvimento que leve diretamente a um conflito interno, à viragem da luta defensiva contra a vida pulsional; e, por conseguinte, a uma autêntica elaboração neurótica. Seria perigoso, porém, tentar evitar as neuroses infantis, aquiescendo na negação da realidade por parte da criança. Quando empregado em excesso, é um mecanismo que produz no ego excrescências, excentricidades e idiossincrasias, das quais, uma vez ultrapassado, finalmente, o período de negação primitiva, é difícil a pessoa livrar-se.

NOTAS

[L] **Comparar a noção do "pênis-desejo" das meninas, de S. Radó, que este autor descreve como a reprodução alucinatória do órgão masculino que elas viram (Die** *Kastrationsangst des Weibes,* **Internationaler Psychoanalytischer Verlag, Viena, 1934).**

[2]- **A "personificação" nos brinquedos infantis, que não tentarei analisar aqui em detalhe, situa-se a meio caminho entre a "negação em palavras e atos" e a "negação em fantasia".**

[3]■ **Comparar a noção de escotomização, de R. Laforgue ("Überlegungen zum Begriff der Verdrängung[1]',** *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse,* **vol. Xiy 1928, pp. 371ss.**

8

Restrição do Ego

A nossa comparação dos mecanismos de negação e recalcamento, de formação de fantasia e formação reativa revelou um paralelismo nos métodos adotados pelo ego para evitar a “dor” de origem externa e de origem interna. Encontramos o mesmo paralelismo quando estudamos outro e mais simples mecanismo de defesa. O método de negação, no qual se baseia a fantasia de inversão dos fatos reais nos seus opostos, é empregado em situações em que é impossível evitar uma impressão dolorosa externa. Quando a criança é um pouco mais velha, sua maior liberdade de movimentos físicos e maior capacidade de ação física habilitam o seu ego a esquivar-se a tais estímulos e ela já não tem necessidade de realizar uma operação psíquica tão complicada como a de negação. Em vez de perceber a impressão dolorosa e, subseqüentemente, cancelá-la mediante a retirada do respectivo investimento, está ao alcance do ego recusar o encontro, pura e simplesmente, com a situação perigosa externa. Pode fugir-lhe e, assim, no mais verdadeiro sentido da palavra, “evitar" as ocasiões de “dor”. O mecanismo de evitação é tão primitivo e natural, e está, além disso, tão inseparavelmente associado ao desenvolvimento normal do ego, que não é fácil, para os propósitos de discussão teórica, desligá-lo do seu contexto usual e observá-lo isoladamente.

Quando eu estava analisando o menino que apresentei no capítulo anterior como “o rapaz do boné”, pude observar como a sua evitação da “dor” evoluía segundo essas diretrizes. Certo dia, quando ele estava em minha casa, descobriu um livro de estampas para colorir que o atraiu muito. Começou entusiasticamente a cobrir as páginas com lápis de cor e ficou satisfeito quando eu fiz o mesmo. Subitamente, porém, relanceou o que eu estava fazendo, parou e ficou notoriamente perturbado. No instante seguinte, lar-

gou o lápis, empurrou os instrumentos (que até aí guardara ciosamente a seu lado) para onde eu estava, levantou-se e disse: “Continue você. Eu prefiro ficar vendo”. Obviamente, quando olhou para o meu desenho, achou-o mais bonito, mais habilmente colorido ou, de um modo ou de outro, mais perfeito do que o seu. E essa comparação chocou-o. Decidiu imediatamente que não continuaria competindo comigo, visto que os resultados lhe eram desagradáveis. Dessa forma, abandonou uma atividade que, momentos antes, lhe estava dando prazer. Adotou o papel de espectador, que nada faz e assim não pode ter seu desempenho comparado com o de outrem. Ao impor-se essa restrição, a criança evitou uma repetição da impressão desagradável.

Esse incidente não foi isolado. Um jogo comigo que ele não ganhou, um desenho de estampar (decalcomania) que não ficou tão bom quanto o meu - de fato, qualquer coisa que ele não pudesse fazer tão perfeitamente quanto eu era o suficiente para gerar a mesma e súbita mudança de estado de espírito. Perdia todo o prazer no que estava fazendo, renunciava à atividade e, de um modo aparentemente automático, deixava de interessar-se por ela. Por outro lado, ficava obcecado por ocupações em que se sentisse superior a mim, gastando nelas um tempo infinito. Foi natural que, ao ir pela primeira vez à escola, se comportasse tal como fazia comigo. Recusou-se terminantemente a participar, com outras crianças, em qualquer brincadeira, jogo ou lição em que não estivesse completamente seguro de si. Ia circulando entre as outras crianças e “observando” o que cada uma fazia. O seu método de dominar a “dor", invertendo-a em algo agradável, sofrera uma mudança. Restringiu o funcionamento do seu ego e retraiu-se, em detrimento do seu próprio desenvolvimento, renunciando a qualquer situação externa que pudesse dar origem ao tipo de “dor” que ele mais temia. Só quando estava na companhia de crianças muito mais novas do que ele se livrava dessas restrições e se interessava ativamente por suas proezas.

Nas pré-escolas e escolas orientados segundo diretrizes modernas, onde é dado menos relevo ao ensino em classe do que ao trabalho individual e autodeterminado, as crianças do tipo do meu rapazinho do boné não são raras. Os professores dizem-nos que uma nova categoria intermediária de crianças surgiu entre os grupos conhecidos das que são inteligentes, interessadas e diligentes, por um lado, e das que são intelectualmente menos brilhantes, a quem é difícil interessar e induzir a trabalhar, e que esse novo tipo não pode, à primeira vista, ser colocado em qualquer das categorias usuais de alunos com inibições na aprendizagem. Embora essas crianças sejam distintamente inteligentes e dotadas de um bom desenvolvimento, e embora sejam populares entre os companheiros, não podem ser induzidas a participar nos jogos e lições regulares. Apesar de o fato de o método usado na escola evitar escrupulosamente as críticas e as acusações, elas comportam-se como se estivessem intimidadas. A mera comparação de suas realizações com as de outras crianças priva o trabalho por elas efetuado de todo o valor, a seus próprios olhos, Se não conseguem realizar uma dada tarefa ou um jogo cons-

trutivo, mostram uma relutância permanente em repetir a tentativa. Assim, mantêm-se inativas e renitentes a vincularem-se a qualquer lugar ou ocupação, contentando-se em observar o trabalho das outras. Secundariamente, sua ociosidade tem um efeito anti-social, visto que, estando aborrecidas, começam a discutir e brigar com as crianças que estão absorvidas em seus trabalhos ou brincadeiras.

O contraste entre as boas aptidões e o desempenho decepcionante dessas crianças sugere que elas estão neuroticamente inibidas e que a perturbação de que sofrem se baseia em conteúdos e processos que nos são familiares através da análise de inibições genuínas. O quadro, em ambos os casos, mostra-nos a mesma relação com o passado. Em nenhum dos dois o sintoma se relaciona com o seu objeto real e sim com um substituto, no presente, para um certo e dominante interesse no passado. Por exemplo, quando uma criança está inibida em raciocinar ou fazer contas, um adulro em falar ou um músico em tocar, a verdadeira atividade evitada não é a de lidar mentalmente com as idéias ou números, pronunciar palavras, fazer passar o arco pelas cordas ou tocar as teclas de um piano. Tais atividades, por parte do ego, são inofensivas em si mesmas; mas ficaram relacionadas com atividades sexuais passadas e que o sujeito rechaçou. São estas que as primeiras representam agora e, ao terem ficado “sexualizadas”, converteram-se elas próprias no objeto das operações defensivas do ego. Do mesmo modo, quando as crianças se defendem contra a “dor” que sentem ao comparar suas próprias realizações com as de outros, o sentimento em questão é meramente substitutivo. Ver a realização superior de outra pessoa significa [ou, pelo menos, assim era no meu paciente) estar vendo órgãos genitais maiores do que os seus e é isso que lhe provoca a inveja. Também quando são encorajadas a competirem com seus colegas e companheiros, isso sugere a desesperada rivalidade da fase de Édipo ou a desagradável percepção da diferença entre os sexos.

Contudo, há um aspecto em que as duas espécies de perturbação diferem. As crianças que insistem em desempenhar o papel de espectadores recuperam sua capacidade de trabalho se as condições em que tiverem de atuar forem modificadas. As genuínas inibições, por outro lado, não variam e as mudanças no meio ambiente dificilmente afetam-nas. Uma menina do primeiro tipo foi obrigada, por razões externas, a ficar por algum tempo afastada da escola primária, onde tinha o hábito de ficar “observando” as outras. Passou a receber aulas particulares e imediatamente dominou, na forma de brinquedo, lições que para ela tinham sido um livro fechado enquanto estivera com outras crianças. Conheço um exemplo semelhante de completa reviravolta em outra menina de 7 anos. Como estava atrasada na escola, recebia aulas em casa. Nessas lições caseiras, o seu comportamento era normal e não havia sintomas de qualquer inibição, mas era inteiramente incapaz de apresentar esses bons resultados na escola, onde as lições seguiam exatamente as mesmas diretrizes. Assim, essas duas meninas eram capazes de aprender, desde que não estivesse em jogo a comparação de suas provas com as de

outras crianças, tal como no caso do rapaz a quem analisei, que era capaz de participar dos jogos dos mais novos, mas não dos companheiros de sua idade ou mais velhos. Na aparência externa, tais crianças comportam-se como se as atividades em questão estivessem sujeitas a uma proibição tanto interna como externa. Na realidade, porém, o controle é automático e tem lugar assim que determinada atividade redunda em uma impressão desagradável. A situação psíquica dessas crianças é semelhante à que o estudo da feminilidade demonstrou ser característica das meninas, em determinado momento culminante de seu desenvolvimento.[1] Independentemente de qualquer medo de punição ou angústia da consciência, uma menina, em certo período de sua vida, renuncia à masturbação clitoridiana, assim restringindo seus anseios masculinos. Seu amor-próprio é mortificado quando ela se compara com rapazes, que estão mais bem equipados para a masturbação e ela não quer ser constantemente relembrada de suas desvantagens ao insistir em tal prática.

Seria um erro supor que tais restrições só são impostas ao ego para evitar a “dor” resultante de uma constatação de inferioridade em relação a terceiros, isto é, resultante de desapontamento e desencorajamento. Na análise de um rapaz de 10 anos, observei a ocorrência dessa restrição de atividade, como sintoma transitório, a fim de evitar a imediata angústia objetiva. Mas essa criança tinha uma razão oposta para a sua angústia. Durante certa fase, em sua análise, tornou-se um brilhante jogador de futebol. Suas proezas eram reconhecidas pelos rapazes crescidos de sua escola e, para sua grande delícia, eles consentiam-lhe que participasse em seus jogos, embora fosse muito mais novo do que os seus companheiros. Não tardou muito para que me contasse o seguinte sonho: estava jogando futebol e um dos rapazes mais crescidos chutou a bola com tamanha força que o meu paciente teve de saltar, para não ser atingido por ela. Despertou com sensação de angústia. A interpretação do sonho mostrou que o seu orgulho por estar associado aos rapazes mais velhos cedo se convertera em angústia. Temia que eles ficassem ciumentos do seu jogo e se tornassem agressivos. A situação que ele próprio criara, por ser tão bom no jogo, e que, no começo, constituíra um motivo de prazer, passara a ser agora uma fonte de angústia. O mesmo tema reapareceu pouco depois, em uma fantasia que teve quando ia meter-se na cama para dormir. Pensou ver os outros rapazes tentando arrancar-lhe os pés com uma bola enorme. Esta vinha disparada na direção dele, que só teve tempo de saltar com os pés juntos para cima da cama, a fim de salvá-los. Já tínhamos apurado, na análise desse menino, que os pés tinham para ele um significado muito especial. Pelo caminho indireto das impressões olfativas e das idéias de rigidez e impotência ou claudicação, tinham acabado por representar o pênis. O sonho e a fantasia refreavam a sua paixão pelos jogos. Seu rendimento declinou e cedo perdeu a admiração que granjeara na escola. O significado dessa renúncia foi: “Não é preciso que me arranquem os pés, visto que, de qualquer modo, agora já não presto para jogar”.

Mas o processo não terminou com a restrição do seu ego em uma direção, Quando renunciou aos jogos, desenvolveu subitamente um aspecto bastante diferente de suas aptidões: uma inclinação que sempre tivera para a literatura e para escrever composições de sua própria autoria. Costumava ler-me poemas, alguns dos quais compostos por ele. Trouxe-me contos que escrevera quando rinha apenas 7 anos, confiando-me seus ambiciosos planos para uma carreira literária. O futebolista transformou-se em um autor literário. Durante uma das sessões analíticas desse período, fez um gráfico para mostrar a sua atitude em relação às várias profissões e aos passatempos masculinos. No meio, havia um grande ponto muito carregado, que representava a literatura. Em um círculo à sua volta, estavam as diversas ciências, enquanto as profissões práticas eram indicadas por pontos mais afastados. Em um dos cantos superiores da página, perto do corte, havia um ponto minúsculo. Ele representava o esporte, que há bem pouco tempo ainda ocupara um tão importante lugar em suas preocupações. O minúsculo ponto queria assim indicar a suprema hostilidade que ele sentia atualmente pelos jogos. Foi instrutivo ver como, em pouco tempo, por um processo semelhante à racionalização, a sua avaliação consciente das várias atividades fora influenciada pela angústia. Suas realizações literárias, nesse período, foram realmente espantosas. Quando deixou de ser bom nos jogos, fez-se uma lacuna no funcionamento do seu ego, a qual foi preenchida por uma superabundância de produção em outro sentido. Como era de esperar, a análise mostrou que uma reativação da sua rivalidade com o pai era responsável por sua aguda angústia, quando pensava que os rapazes mais crescidos poderiam vingar-se nele.

Uma menina de 10 anos foi ao seu primeiro baile, cheia de agradáveis expectativas. Imaginava-se em seu novo vestido, seus novos sapatos, que ela escolhera com tanto esmero, e se enamorou à primeira vista do rapaz mais simpático e mais distinto que estava na festa. Aconteceu que, embora ele fosse inteiramente um estranho, tinha o mesmo sobrenome dela. Em torno desse fato, a menina teceu uma fantasia em que havia um vínculo secreto entre ambos. Ela fez várias tentativas de aproximação, mas não encontrou qualquer incitamento. Na verdade, enquanto dançavam, o rapaz troçou dela, por sua falta de jeito. Essa decepção foi, simultaneamente, um choque e uma humilhação. Desde então, ela evitou festas e bailes, perdeu o interesse em vestidos e não se dava ao trabalho de aprender a dançar. Por algum tempo, sentiu certo prazer em observar as outras crianças dançar. Olhava-as com semblante grave e recusava qualquer convite para aderir ao baile. Gradualmente, acabou olhando todo esse aspecto de sua vida com suma hostilidade. Mas, tal como o pequeno jogador de futebol, compensou-se por essa restrição no seu ego. Renunciando aos interesses femininos, decidiu-se a ganhar destaque intelectualmente. E, dessa maneira indireta, granjeou finalmente o respeito de uma série de rapazes de sua própria idade. Transpareceu mais tarde, na análise, que o vexame por ela sofrido com o rapaz que tinha o

mesmo sobrenome significara, para ela, a repetição de uma experiência traumática dos primeiros anos da infância. O elemento na situação a que o seu ego fugira não era angústia ou sentimento de culpa, como nos casos anteriores que citei, mas a intensa “dor” causada pela competição malsucedida.

Retornemos agora à diferença entre inibição e restrição do ego. Uma pessoa que sofre de uma inibição neurótica está defendendo-se contra a tradução em ação de determinada moção pulsional proibida, isto é, contra a libertação de “dor” através de algum perigo interno. Mesmo quando, como nas fobias, a angústia e a defesa parecem estar relacionadas com o mundo exterior, o neurótico está realmente com medo de seus próprios processos internos. Evita caminhar nas ruas, a fim de não se expor às tentações que anteriormente o assaltavam. Conserva-se fora do caminho de seu animal- angústia, para se proteger, não contra o próprio animal, mas contra as tendências agressivas dentro de si próprio, que um encontro com o animal poderia suscitar, e contra as suas consequências. Na restrição do ego, por outro lado, as impressões externas desagradáveis, no presente, são rechaçadas, porque poderiam resultar na revivescência de impressões semelhantes do passado. Revertendo à nossa comparação entre os mecanismos de recalcamento e negação, diremos que a diferença entre inibição e restrição do ego é que, na primeira, o ego defende-se contra seus próprios processos internos; e, na segunda, contra os estímulos externos.

Dessa distinção fundamental decorrem outras diferenças entre essas duas situações psíquicas. Subentendido em toda e qualquer atividade neuroti- camente inibida, está um desejo pulsional. A obstinação com que cada impulso separado do id insiste em alcançar sua meta transforma o simples processo de inibição em um sintoma neurótico fixo, o qual representa um conflito perpétuo entre o desejo do id e a defesa estabelecida pelo ego. O paciente exaure sua energia na luta. Os impulsos do id aderem, com pequenas modificações, ao desejo de calcular, de falar em público, de tocar violino ou o que for, enquanto, ao mesmo tempo, o ego impede ou, pelo menos, obstrui, com igual persistência, a execução do desejo do paciente.

Quando a restrição do ego ocorre em conseqüência da angústia objetiva ou da “dor", não existe tal fixação para a atividade interrompida. Nesse caso, a ênfase recai, não sobre a própria atividade, mas sobre a “dor” ou o prazer que produz. Em sua busca do prazer e em seus esforços para evitar a “dor”, o ego faz o uso que lhe agrade de todas as suas aptidões. Abandona as atividades que libertam “dor” ou angústia e não tem mais desejos de se dedicar a elas. Esferas de interesse são totalmente abandonadas. Quando a experiência do ego for adversa, lançará todas as suas energias em empreendimentos de um caráten-inteíramente oposto. Temos exemplos disso no pequeno jogador de futebol, que abraçou a literatura, e na pequena dançarina, cujo desapontamento a levou a tornar-se uma aluna distinta. Evidentemente, nesses casos, o ego não cria capacidades; utiliza, meramente, aquelas que já possui.

Como método para evitar a “dor”, a restrição do ego, à semelhança das várias formas de negação, não se inclui no capítulo da psicologia da neurose, pois é um estágio normal na evolução do ego. Quando o ego é jovem e plástico, sua retirada de um campo de atividade é por vezes compensada pela excelência em outro, em que passa a concentrar-se. Mas, quando se tornou rígido ou já adquiriu uma intolerância à “dor”, pelo que se fixa obsessivamente no método de fuga, tal retirada é punida por um desenvolvimento defeituoso. Ao abandonar uma posição após outra, torna-se unilateral, perde demasiados interesses e só pode apresentar realizações medíocres.

Na teoria de educação, a importância da determinação do ego infantil em evitar a “dor” não tem sido suficientemente apreciada e isso contribuiu para o fracasso de uma série de experiências educacionais, em anos recentes. O moderno método é o de conferir ao ego infantil em desenvolvimento maior liberdade de ação; sobretudo, permitir-lhe que escolha livremente suas atividades e interesses. A idéia é que, assim, o ego se desenvolverá melhor e a sublimação será realizada, em suas várias formas. Mas as crianças, no período de latência, poderão dar maior importância à evitação da angústia e da “dor” do que à gratificação, direta ou indireta, da pulsão. Em muitos casos, se lhes faltar uma orientação externa, sua escolha de ocupação é determinada, não por seus dotes particulares e capacidade de sublimação, mas pela esperança em garantirem-se, o mais depressa possível, contra a angústia e a “dor”. Para a surpresa dos educadores, o resultado dessa liberdade de escolha é, em tais casos, não o desabrochar da personalidade, mas o empobrecimento do ego.

Tais medidas de defesa contra a “dor” e o perigo objetivos, como as três que usei como exemplos ilustrativos neste capítulo, representam a profilaxia da neurose do ego infantil - uma profilaxia que este leva a cabo com certos riscos. A fim de evitar o sofrimento, contém o desenvolvimento da angústia e inflige deformidade a si próprio. Além disso, as medidas protetoras que adota - quer seja a fuga das proezas físicas para as realizações intelectuais, ou a determinação fixa de uma mulher de situar-se em pé de igualdade com os homens, ou a restrição da atividade ao relacionamento com pessoas mais fracas do que o próprio sujeito - estão expostas, na vida ulterior, a todas as espécies de agressões externas. O indivíduo poderá ter de mudar o seu modo de vida por causa de algum desastre, como a perda de um objeto de amor, doença, pobreza ou guerra. Então, o ego se encontrará mais uma vez confrontado pelas situações de angústia originais. A perda da proteção habitual contra a angústia poderá, como a frustração de alguma gratificação pulsional habitual, ser a causa imediata de uma neurose.

As crianças estão ainda tão dependentes de outras pessoas que tais ocasiões para a formação de neuroses podem ser fornecidas ou removidas como os adultos acharem mais conveniente. Uma criança que nada aprende em uma escola onde se pratica o método livre, mas passa o tempo todo observando ou desenhando, torna-se “inibida" sob um regime mais rigoroso. A

insistência rígida, por parte de outras pessoas, em determinada atividade desagradável poderá causar na criança uma fixação. Mas o fato de ela não poder evitar a "dor" a força a procurar à sua volta novos meios para dominá- la, Por outro lado, até uma inibição ou sintoma totalmente desenvolvido pode ser modificado, se for prestada uma proteção externa. A mãe cuja angústia é despertada e cujo orgulho é mortificado, quando percebe a anormalidade de seu filho, o protegerá e o poupará dos encontros com situações externas desagradáveis. Mas isso significa que a atitude dela em relação aos sintomas da criança é predsamente a do paciente fóbico em face de seus ataques de angústia: ao restringir artificialmente a liberdade de ação da criança, a mãe habilita-a a evadir ou evitar o sofrimento. Esse esforço conjunto de mãe e filho, para salvaguardar o filho da angústia e da "dor", explica provavelmente a ausência de sintomas, que é uma característica tão comum na neurose infantil. Em tais casos, é impossível formar um juízo objetivo sobre a extensão dos sintomas da criança, até que ela seja privada da sua proteção.

NOTA

[L] **Freud, Movas** *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise,* **Obras Completas, vol. XXII.**

parte

Exemplos de Dois Tipos de Defesa

9

Identificação com o Agressor

É comparativamente fácil descobrir os mecanismos de defesa a que o ego habitualmente recorre, desde que cada um seja separadamente empregado e em conflito com apenas determinado perigo específico. Quando constatamos a negação, sabemos que se trata da reação a um perigo externo; quando o recalcamento ocorre, o ego está lutando com estímulos pulsionais. A forte semelhança exterior entre inibição e restrição do ego torna menos certo se esses processos fazem parte de um conflito externo ou interno. A questão é ainda mais intricada quando as medidas defensivas se combinam ou quando o mesmo mecanismo é empregado algumas vezes contra uma força interna, outras contra uma externa. Temos um excelente exemplo ilustrativo de ambas complicações no processo de identificação. Sendo um dos fatores no desenvolvimento do superego, contribui para o domínio da pulsão. Mas, como espero mostrar em seguida, há ocasiões em que se combina com outros mecanismos para formar uma das mais poderosas armas do ego em seus tratos com os objetos externos que provocam angústia.

August Aichhorn relata que, quando foi conselheiro de um Comitê de Orientação Infantil, lhe chegou o caso de um menino, em uma escola primária, que lhe foi levado por causa do hábito de fazer caretas. O professor queixou- se de que o comportamento do menino, quando censurado ou repreendido, era bastante anormal. Nessas ocasiões, fazia caretas que levavam a classe toda a estourar de riso. A opinião do professor era que o menino estava conscientemente troçando dele ou, então, os esgares faciais deviam ser causados por algum tique nervoso. Seu relatório foi prontamente corroborado, pois o menino começou fazendo caretas durante a consulta. Mas quando o professor, o aluno e o psicólogo estavam juntos, a situação ficou explicada.

Observando os dois atentamente, Aichhorn viu que as caretas do menino eram simplesmente uma caricatura da expressão zangada do professor. Quando tinha de suportar uma reprimenda do professor, o aluno tentava dominar sua angústia imitando-o involuntariamente. O menino identificava-se com a ira do professor e copiava sua expressão quando falava, embora a imitação não fosse reconhecida. Através de suas caretas, assimilava-se ao objetivo externo que temia, ou identificava-se com o mesmo.

Os leitores recordarão o caso da menina que tentava, por meio de gestos mágicos, eliminar a mortificação associada à sua inveja do pênis. Essa criança estava propositada e conscientemente empregando um mecanismo a que o menino recorria de modo involuntário. Em casa, ela tinha medo de atravessar o vestíbulo no escuro, pois temia encontrar fantasmas. Subitamente, porém, deparou-se com um recurso que a habilitava â fazê-lo; atravessava o vestíbulo correndo e fazendo toda a espécie de gestos peculiares enquanto corria. Pouco tempo depois, contou triunfantemente ao seu irmãozinho pequeno o segredo de como superara a sua angústia: “Não é preciso estar com medo no vestíbulo”, disse ela, “basta você fingir que é o fantasma que poderia encontrá-lo.” Isto demonstra que seus gestos mágicos representavam os motivos que ela imaginava serem feitos pelos fantasmas.

Poderíamos inclinan-nos a considerar essa espécie de conduta como uma idiossincrasia nas duas crianças cujos casos citei. Mas, na realidade, é um dos modos mais naturais e comuns de comportamento por parte do ego primitivo, sendo, desde há muito tempo, conhecido de todos que estudam os métodos primitivos de invocar e exorcizar os espíritos e das cerimônias religiosas primitivas. Além disso, há muitos jogos infantis em que, através da metamorfose do sujeito em um objeto aterrador, a angústia é convertida em uma segurança agradável. Aí está outro ângulo pelo qual se pode fazer o estudo dos jogos de personificação que as crianças tanto gostam de praticar.

Ora, a imitação física de um antagonista representa a assimilação de uma experiência composta de angústia. Sabemos, pela observação, que os outros elementos componentes também têm de ser dominados.

O paciente de 6 anos, a quem tenho aludido muitas vezes, teve de fazer uma série de visitas a um dentista. No princípio, tudo correu pelo melhor: o tratamento não lhe doía e se mostrou triunfante, troçando da idéia de que alguém pudesse ter medo do dentista. Mas surgiu o momento em que o meu pequeno paciente chegou à minha casa extremamente mal-humorado. O dentista acabara de lhe causar dor. Mostrou-se então rabugento, inamistoso e desabafou seus sentimentos nos objetos da minha sala de consulta. Sua primeira vítima foi um objeto de borracha vulcanizada. Queria que eu lhe desse o objeto e, quando recusei, apanhou um canivete e tentou cortá-lo ao meio. A seguir, cobiçou um grande novelo de barbante. Também queria que eu lhe desse e me descreveu, com palavras animadas e convincentes, como o barbante faria uma boa trela para os seus animais. Quando me recusei a entregar o novelo todo, apanhou novamente o canivete e cortou um grande pedaço

do barbante. Mas não o usou; pelo contrário, minutos depois, começou cortando o pedaço em pequenos fragmentos. Finalmente, lançou tudo fora, voltou sua atenção para alguns lápis, quebrando-lhes as pontas e afiando-as de novo. Não seria correto dizer que ele estava brincando de "dentista". A criança estava se identificando não com a pessoa do agressor, mas com a sua agressão.

Em outra ocasião, esse menino apresentou-se a mim logo depois de ter sofrido um ligeiro acidente. Participara em um jogo ao ar livre, no recreio da escola, e fora esbarrar em cheio contra o punho do mestre de ginástica, que este, por mero acaso, tinha levantado para a frente. O lábio do meu pequeno paciente sangrava e sua face estava manchada de lágrimas, procurando esconder ambos os fatos com a mão, erguida diante do rosto como uma cortina. Esforcei-me por confortá-lo e tranqüilizá-lo. Estava acabrunhado quando me deixou, mas, no dia seguinte, apareceu-me muito empertigado e completamente armado e equipado. Trazia na cabeça um capacete militar, uma espada de brinquedo à cinta e uma pistola na mão. Quando viu a minha surpresa por sua transformação, disse simplesmente: "Queria apenas ter essas coisas comigo, quando estiver brincando com você". Contudo, não brincou. Ele se sentou e escreveu uma carta para a mãe: "Querida Mamãe, por favor, por favor, por favor, mande-me o canivete que me prometeu e não espere até a Páscoa!". Também nesse caso não podemos afirmar que, a fim de dominar a experiência de angústia do dia anterior, o menino estivesse personificando o professor com quem se chocara. Nem, nesse exemplo, estava imitando a agressão daquele. As armas e o capacete, sendo atributos de masculinidade, simbolizavam evidentemente a força do professor, tal como os atributos do pai nas fantasias com animais; ajudavam a criança a identificar-se com a masculinidade do adulto e, assim, a defender-se contra a mortificação narcisista ou os acidentes reais.

Os exemplos que citei até agora ilustram um processo com que estamos muito familiarizados. Uma criança introjeta certa característica de um objeto causador de angústia e, assim, assimila uma experiência de angústia que acabou de sofrer. Nesse caso, o mecanismo de identificação ou introjeção combina-se com um segundo e importante mecanismo. Ao personificar o agressor, ao assumir seus atributos ou imitar sua agressão, a criança transforma-se de pessoa ameaçada na pessoa que ameaça. Em *Além do Princípio do Prazer,* o significado dessa mudança do papel passivo para o ativo, como um meio de assimilar experiências desagradáveis ou traumáticas na infância, é examinado em detalhe. "Se um médico examina a garganta de uma criança ou realiza uma operação de pouca monta, a alarmante experiência será certamente o tema do próximo jogo, mas neste o prazer obtido de outra fonte não pode ser ignorado. Ao transitar da passividade da experiência para a atividade da brincadeira, a criança aplica aos seus companheiros de jogo a ocorrência desagradável que recaiu nela e, assim, se desforra por procuração."[1] O que é válido para o jogo é igualmente verdadeiro para outros comportamentos in

fantis. No caso do menino que fazia caretas e da menina que fazia passes de mágica, não está muito claro o que aconteceu finalmente à ameaça com que se identificavam. Mas no mau humor do outro menino, a agressão recebida do dentista e do professor de ginástica foi dirigida contra o mundo em geral.

Esse processo de transformação impressiona-nos como algo mais curioso ainda, quando a angústia não se relaciona com algum acontecimento do passado, mas com alguma coisa esperada no futuro. Contei algures o caso de um menino que tinha o hábito de fazer repicar furiosamente a sineta do infantário onde vivia. Assim que a porta se abria, repreendia em altos gritos a empregada por demorar tanto tempo e não ouvir a sineta. No intervalo entre tocar a sineta e cair em um acesso de fúria, dominava-o a angústia de que seria reprovado por sua falta de respeito, ao tocar tão ruidosamente. Ralhava com a empregada antes que ela tivesse tempo de censurá-lo por sua conduta. A veemência com que ele a repreendia - uma medida profilática - indicava a intensidade de sua própria angústia. A agressividade de que se investia era dirigida contra aquela pessoa de quem ele esperava a agressão e não contra algum substituto. A inversão dos papéis de atacante e atacado era, nesse caso, levada à sua conclusão lógica.

Jenny Wälder deu-nos uma imagem sugestiva desse processo, em um menino de 5 anos que ela tratou.[2] Quando sua análise estava prestes a tocar no material associado à masturbação e às concomitantes fantasias, esse garoto, que era geralmente tímido e inibido, tornou-se ferozmente agressivo. Sua atitude habitualmente passiva desapareceu e não ficou qualquer vestígio de suas características femininas. Durante a hora analítica, ele fingia ser um leão rugidor e atacava a analista. Andava com uma vara e se fazia de "Krampus"[3]; isto é, deitava-se com ela nas escadas, tanto em sua casa como no gabinete de consulta. A avó e a mãe queixavam-se de que ele tentara atingi-las no rosto. A inquietação da mãe atingiu o auge quando o menino deu para brandir as facas da cozinha. A análise mostrou que a agressividade da criança não podia ser interpretada como indicação de que se removera alguma inibição nas suas moções pulsionais. A libertação de suas tendências masculinas ainda estava muito longe. A criança sofria simplesmente de angústia. A entrada na consciência e a necessária confissão de suas passadas e recentes atividades sexuais suscitaram nele a expectativa de punição. De acordo com a sua experiência, as pessoas crescidas zangavam-se quando descobriam que uma criança se entregava a tais práticas. Gritavam-lhe, davam-lhe um par de bofetões ou batiam-lhe com uma vara; talvez lhe cortassem até alguma parte com um canivete. Quando o pequeno paciente assumiu o pape! ativo, rugindo como um leão e estendendo-se no chão com uma vara e um canivete, estava dramatizando e antecipando-se ao castigo que temia. Introjetara a agressão dos adultos, a cujos olhos se sentia culpado. E, assim, ao transformar o papel passivo em ativo, dirigia sua própria agressividade contra essas mesmas pessoas. Todas as vezes que se encontrava prestes a comunicar o que ele considerava material perigoso, sua agressividade aumentava. Mas, diretamente,

seus pensamentos e sentimentos proibidos acabaram por transparecer e, logo que foram examinados e interpretados, a criança não sentiu mais necessidade do seu “Krampus”, com a respectiva vara punidora, da qual nunca se separava, tendo deixado-a com o analista. Sua compulsão para agredir outras pessoas desapareceu, ao mesmo tempo que a sua expectativa ansiosa de ser ele próprio agredido.

Na “identificação com o agressor”, reconhecemos um estágio de modo nenhum invulgar no desenvolvimento normal do superego. Quando os dois meninos, cujos casos acabo de descrever, se identificaram com as ameaças de punição das pessoas mais velhas, estavam dando um importante passo no sentido da formação da instância do superego; com efeito, estavam inter- nalizando as críticas de outras pessoas ao seu comportamento. Quando uma criança repete constantemente esse processo de internalização e introjeta as qualidades dos que são responsáveis pela sua criação, tornando suas as características e as opiniões dessas pessoas, está fornecendo o tempo todo material a partir do qual o superego poderá adquirir forma. Mas, nesse ponto, as crianças não estão muito convencidas quanto ao reconhecimento dessa instância. A crítica internalizada não é ainda transformada, imediatamente, em autocrítica. Como vimos, nos exemplos que forneci, é dissociada da atividade repreensível da própria criança e dirigida para o mundo exterior. Mediante um novo processo defensivo, a identificação com o agressor é sucedida por um ataque ativo ao mundo exterior.

Damos agora um exemplo mais complicado, que talvez sirva para elucidar esse novo avanço no processo defensivo. Um certo rapaz, quando o seu complexo de Edipo estava no auge, empregou esse mecanismo para dominar a sua fixação na mãe. Suas felizes relações com ela eram perturbadas por acessos de ressentimento. Ralhava com ela, veementemente, com toda a espécie de desculpas. Mas uma acusação misteriosa repetia-se invariavelmente: queixava-se com persistência da curiosidade da mãe. É fácil perceber o primeiro passo na eliminação dos afetos proibidos. Em sua fantasia, a mãe conhecia os seus sentimentos libidinais em relação a ela e rejeitava indignadamente suas tentativas de aproximação. A indignação materna era ativamente reproduzida em seus próprios acessos de ressentimento contra ela. Em contraste com o paciente de Jenny Wälder, porém, não a censurava em bases genéricas, mas no terreno específico da curiosidade. A análise mostrou que essa curiosidade era um elemento, não na vida pulsional da mãe, mas na do próprio rapaz. De todas as pulsões componentes de suas relações com a mãe, o impulso escoptofílico era o mais difícil de dominar. Assumia, pois, a indignação da mãe e, em troca, atribuía-lhe sua própria curiosidade.

Em certas fases de resistência, uma jovem paciente costumava censurar amargamente o analista por ser demasiado discreto. Queixava-se de que o analista era reservado, que a atormentava com perguntas sobre questões pessoais e se sentia infeliz quando não recebia qualquer resposta. Depois, as censuras paravam, para recomeçarem pouco depois e sempre do mesmo modo

estereotipado e aparentemente automático. Também, nesse caso, surpreendemos duas fases no processo psíquico. De tempos em tempos, em virtude de uma certa inibição, que a impedia de exprimir-se, a própria paciente suprimia, conscientemente, algum material muito íntimo. Sabia estar assim violando a regra fundamental da análise e esperava que o analista a repreendesse. Introjetou a repreensão fantasiada e, adotando o papel ativo, aplicou a acusação ao analista. As suas fases de agressão coincidiam exatamente, no tempo, com suas fases de secretismo. Criticava o analista pela própria falta de que ela era a culpada. Seu próprio comportamento reservado era percebido como uma conduta repreensível da parte do analista.

Outra jovem paciente costumava ter, periodicamente, acessos de violenta agressividade. Eu própria, os seus pais, e outras pessoas menos intimamente relacionadas com ela, éramos, quase por igual, os objetos de seu ressentimento. Havia duas coisas, em particular, de que ela se queixava constantemente. Primeiro, durante essas fases, ela sentia sempre que as pessoas estavam escondendo algum segredo que todos sabiam, menos ela; e atormentava-a o desejo de descobrir o que era. Em segundo lugar, sentia-se profundamente desapontada pelos defeitos e omissões de todos os seus amigos. Tal como no último caso que citei, os períodos em que a paciente retinha material coincidiam com aqueles em que se queixava do secretismo do analista, também as fases agressivas dessa paciente se estabeleciam automaticamente, sempre que as suas fantasias recalcadas de masturbação, de que ela própria não se dava conta, estavam prestes a emergir na consciência. Suas censuras aos objetos de amor correspondiam às censuras que esperava por parte deles, em virtude de sua própria masturbação na infância. Identificava- se inteiramente com essa condenação e desviava-a para o mundo externo. O segredo que todos escondiam dela era o segredo de sua própria masturbação, que ela escondia não só dos outros como de si própria. Também nesse caso, a agressividade da paciente correspondia à das outras pessoas e o "segredo" destas era um reflexo de seu próprio recalcamento.

Esses três exemplos deram-nos uma idéia da origem dessa fase no desenvolvimento da função do superego. Mesmo quando o criticismo externo foi introjetado, a ameaça de punição e a ofensa cometida ainda não foram associadas na mente da paciente. No momento em que a crítica é internalizada, a ofensa é externalizada. Isso significa que o mecanismo de identificação com o agressor é suplementado por outra medida defensiva, ou seja, a projeção da culpa.

Um ego que, com a ajuda do mecanismo de defesa da projeção, evolui nesse sentido, introjeta as autoridades a cuja crítica está exposto e incorpora-as no superego. Está então apto a projetar seus impulsos proibidos para o exterior. A sua intolerância das outras pessoas é anterior à sua severidade para consigo mesmo. Aprende o que é considerado censurável, mas protege- se, mediante esse mecanismo de defesa, da desagradável autocrítica. A veemente indignação pelas malfeitorias de qualquer outra pessoa é precursora e

substituta dos sentimentos de própria culpa. Sua indignação cresce automaticamente quando a percepção de sua própria culpa está iminente. Esse estágio no desenvolvimento do superego é uma espécie de fase preliminar de moralidade. A verdadeira moralidade começa quando o criticismo internalizado, agora consubstanciado no padrão imposto pelo superego, coincide com a percepção pelo ego de suas próprias faltas. A partir desse momento, a severidade do superego volta-se para dentro e não para fora e o sujeito toma- se menos intolerante em relação às outras pessoas. Mas, assim que atingiu esse estágio em seu desenvolvimento, o ego tem de suportar a "dor" mais aguda, ocasionada pela autocrítica e o sentimento de culpa.

E possível que certo número de pessoas fique preso no estágio intermediário da evolução do superego e nunca complete, inteiramente, a inter- nalização do processo crítico. Embora percebendo a própria culpa, continuam sendo peculiarmente agressivas em suas atitudes para com outras pessoas. Em tais casos, o comportamento do superego em relação a outros é tão implacável quanto o do superego em relação ao ego do próprio paciente, nos casos de melancolia. Talvez quando a evolução do superego sofra essa inibição, seja dada uma indicação sobre os começos abortivos do desenvolvimento de estados melancólicos.

A "identificação com o agressor" representa, por um lado, uma fase preliminar do desenvolvimento do superego e, por outro, um estágio intermediário no desenvolvimento da paranóia. Assemelha-se ao primeiro no mecanismo de identificação, e, ao segundo, no da projeção. Ao mesmo tempo, identificação e projeção são atividades normais do ego e os seus resultados variam grandemente, de acordo com o material sobre o qual se aplicam.

A combinação particular de introjeção e projeção, a que demos o nome de "identificação com o agressor", só pode ser considerada normal enquanto o ego a empregar em seu conflito com a autoridade, isto é, em seus esforços para lidar com os objetos de angústia. É um processo defensivo, que deixa de ser inócuo e se torna patológico, quando transportado para a vida de amor. Quando um marido desloca para a mulher seus próprios impulsos de infidelidade, e depois a recrimina apaixonadamente como esposa infiel, está realmente introjetando as censuras dela e projetando uma parte do seu próprio id."[1] Contudo, a sua intenção é proteger-se, não contra uma agressão exterior, mas contra a fragmentação de sua fixação libidinal positiva nela por forças perturbadoras dentro dele próprio. Nesta conformidade, o resultado é diferente. Em vez de uma atitude agressiva em relação a alguns atacantes externos anteriores, o paciente contrai uma fixação obsessiva na sua esposa, sob a forma de ciúme projetado.

Quando o mecanismo de projeção é empregado como uma defesa contra os impulsos de amor homossexuais, combina-se ainda com outros mecanismos. A inversão (nesse caso, a inversão de amor em ódio) completa o que a introjeção e a projeção principiaram e o resultado é o desenvolvimento de delírios paranóides. Em um caso ou em outro - defesa contra impulsos de

amor heterossexuais ou homossexuais - a projeção deixou de ser arbitrária. A escolha pelo ego de um alojamento para os seus próprios impulsos inconscientes é determinada pelo material percebido *(Wahrnehmungsmaterial*), "pelo qual os impulsos inconscientes do parceiro são igualmente denunciados".[5]

Do ponto de vista teórico, a análise do processo de "identificação com o agressor" ajuda-nos a diferenciar os vários modos pelos quais os mecanismos específicos de defesa são empregados. Na prática, habilita-nos a distinguir, na transferência, os ataques de angústia dos acessos explosivos de agressão. Quando a análise leva até a consciência do paciente os impulsos autênticos, inconscientes e agressivos, o afeto bloqueado buscará alívio através da ab- reação na transferência. Mas, se a sua agressão for devida ao fato de se identificar com o que supõe ser as nossas críticas, de modo algum será afetada por "dar-lhe expressão prática" e "ab-reagi-la". Enquanto os impulsos inconscientes forem proibidos, aumenta e desaparece (como no caso do menino que confessou sua masturbação] somente quando o medo da punição e do superego tiver sido dissipado.

NOTAS

[1] *Além do Princípio do Prazer,* **pp, 15s.**

[2]**- De acordo com uma comunicação verbal, feita no Seminário de Viena sobre o tratamento de crianças.**

[3]**' Um diabo que acompanhava o Papai Noel e punia as crianças mal comportadas.** [4] **Cf.** *Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo,* **Freud,** *Obras Completas,* **vol XVIII.**

[5]**- Loc. cit., p. 233.**

Uma Forma de Altruísmo

10

0 efeito do mecanismo de projeção é romper a ligação entre os representantes ideativos das moções pulsionais perigosas e ò ego. Nesse aspecto, se parece bastante com o procésso de recalcamento. Outros, processos defensivos, tais como o deslocamento, a inversão ou reversão desses impulsos para o ego, afetam o próprio processo pulsional: o recalcamento e a projeção impedem apenas que seja percebido. No recalcamento, a idéia objetável é lançada de novo no id, ao passo que, na projeção, é deslocada para o mundo externo. Outro ponto em que a projeção se assemelha ao recalcamento *é* por não estar associada a qualquer situação de angústia, mas pode igualmente ser motivada pela angústia objetiva, pela angústia do superego e a angústia pulsional. Os autores da escola inglesa de psicanálise acham que, nos primeiros meses de vida, antes de qualquer recalcamento ter ocorrido, o bebê já projeta seus primeiros impulsos agressivos e que esse processo é de crucial importância para a imagem que a criança forma do mundo à sua volta e para a maneira como a sua personalidade se desenvolve.

Em todo o caso, o uso do mecanismo de projeção é muito natural para o ego das crianças, em todo o período inicial da infância. Empregam-no como um meio para repudiar suas próprias atividades e desejos, quando estes se tornam perigosos, e para atribuir a responsabilidade pelos mesmos a algum agente externo. Uma “criança estranha”, um animal ou até objetos inanimados são todos igualmente úteis ao ego infantil, para fins de se desfazer de suas próprias faltas. Para ele, é normal livrar-se constantemente dos impulsos e dos desejos proibidos dessa maneira, endossando-os por completo a outras pessoas. Se esses desejos acarretam punição pelas autoridades, o ego põe em evidência, como bodes expiatórios, as pessoas em quem projetou tais desejos. Se,

por outro lado, a projeção foi suscitada por um sentimento de culpa, a crítica ao ego passa a ser aos outros. Em um ou outro caso, dissocia-se dos seus representantes e é excessivamente intolerante em seus juízos sobre aqueles.

O mecanismo de projeção perturba as nossas relações humanas quando projetamos o nosso próprio ciúme e atribuímos a outras pessoas os nossos próprios atos agressivos. Mas pode funcionar também de outro modo, habilitando-nos a formar valiosos vínculos positivos e a consolidarmos as nossas relações mútuas. Essa forma normal e menos conspícua de projeção poderia ser descrita como "rendição altruísta"[1] das nossas moções pulsionais em favor de outras pessoas.

Damos, em seguida, um exemplo do que queremos explicar.

Uma jovem preceptora contou em sua análise que, quando criança, era dominada por duas idéias: queria ter belos vestidos e muitos filhos. Em suas fantasias, era quase obsessivamente absorvida pela imagem da satisfação completa desses dois desejos. Mas havia muitas coisas que ela também exigia: queria ter e fazer tudo o que suas companheiras muito mais velhas tinham e faziam - na verdade, queria fazer tudo melhor do que elas e ser admirada por seus talentos. Seu constante grito de "Eu também!" era um incômodo para as mais velhas. Era característico dos seus desejos serem ao mesmo tempo urgentes e insaciáveis.

O que principalmente impressionava nessa paciente, como adulta, era o seu caráter despretensioso e a modéstia das suas exigências na vida. Quando começou a ser analisada, era solteira e sem filhos, suas roupas eram um tanto surradas e discretas. Mostrou poucos sinais de inveja ou ambição e só competia com outras pessoas se fosse forçada a isso por circunstâncias externas. A primeira impressão era de que, como sucede freqüentemente, ela evoluíra exatamente na direção oposta àquela que a sua infância nos levaria a esperar, e de que os seus desejos tinham sido recalcados e substituídos, na consciência, por formações reativas (discrição em vez de um anseio de admiração, singeleza em vez de ambição). Seria de esperar que apurássemos ser o recalcamento causado por uma proibição de sexualidade, ampliando-se de seus impulsos exibicionistas e do desejo de ter filhos à totalidade de sua vida pulsional.

Mas havia características em seu comportamento, na altura em que a conheci, que contradiziam essa impressão. Quando sua vida foi examinada em maior detalhe, tornou-se claro que os seus desejos originais eram afirmados de um modo que dificilmente parecia viável, se um recalcamento tivesse ocorrido. O repúdio de sua própria sexualidade não a impedia de tomar um interesse afetivo pela vida de amor de suas amigas e colegas. Era uma entusiástica casamenteira e muitos casos amorosos lhe foram confiados. Embora não se preocupasse com suas próprias roupas, mostrava um vivo interesse pela maneira de vestir de suas amigas. Não tendo filhos, era dedicada às crianças de outras pessoas, como indica a própria escolha da profissão de preceptora. Poder-se-ia dizer que exibia um grau invulgar de preocupação a respeito de suas amigas trajarem bonitos vestidos, serem admiradas e terem

filhos. Parecia que sua própria vida fora esvaziada de interesses e desejos. Até o início da análise, era uma vida quase totalmente despida de acontecimentos. Em lugar de esforçar-se por realizar algumas finalidades próprias, gastava toda a sua energia em simpatizar com as experiências e os problemas das pessoas de quem cuidava. Vivia na vida de outras pessoas, em lugar de ter qualquer experiência própria.

A análise de suas relações infantis com a mãe e o pai revelou claramente a natureza da transformação íntima que ocorrera. Sua renúncia precoce à pulsão resultara na formação de um superego excepcionalmente severo, o que tornou impossível gratificar seus próprios desejos. O seu desejo de pênis, com seus surtos na forma de ambiciosas fantasias masculinas, foi proibido, assim como o seu desejo feminino de filhos e o desejo de exibir-se, nua ou em belos vestidos, diante do pai e conquistar a sua admiração. Mas esses impulsos não foram recalcados: encontrou uma substituição no mundo externo para servir de repositório para cada um desses impulsos. A vaidade de suas amigas como que forneceu uma base para a projeção de sua própria vaidade, enquanto seus desejos libidinais e suas fantasias ambiciosas eram igualmente depositados no mundo externo. Projetou suas moções pulsionais proibidas em outras pessoas, tal como fizeram os pacientes cujos casos citei no capítulo anterior. A única diferença residia no modo como esses impulsos foram subseqüentemente enfrentados. A paciente não se dissociou de seus substitutos, mas identificou-se com eles. Mostrou sua simpatia pelos desejos deles e sentiu que existia um vínculo extraordinariamente forte entre suas amigas e ela própria. O seu superego, que condenava determinada moção pulsional quando se relacionava com o seu próprio ego, era surpreendentemente tolerante em relação a outras pessoas. Gratificava suas pulsões partilhando a gratificação de outros, empregando, para esse fim, os mecanismos de projeção e identificação.[2] A atitude de retraimento que a proibição de seus impulsos a levava a adotar, no que a si própria dizia respeito, desaparecia quando se tratava de satisfazer aos mesmos desejos, depois destes terem sido projetados em outrem. A abdicação de suas moções pulsionais em favor de outras pessoas revestia-se, pois, de um significado egoísta, mas, nos seus esforços para gratificar os impulsos de outros, o seu comportamento só podia considerar-se altruísta.

Esse endosso de seus próprios desejos em favor de outras pessoas era característico de toda a sua vida e podia encontrar-se muito claramente, durante a análise, em pequenos incidentes isolados. Por exemplo, aos 13 anos, ela apaixonou-se secretamente por um amigo de sua irmã mais velha, que tinha anteriormente sido o objeto especial de seu ciúme. Tinha por vezes a idéia de que ele a preferia, em vez da irmã, e estava sempre esperando que o rapaz desse algum sinal de que a amava. Aconteceu uma ocasião, como já acontecera antes, com freqüência, ela ver-se preterida. O rapaz apareceu inesperadamente uma noite para levar sua irmã a um passeio. Na análise, a paciente recordava agora, distintamente, como, depois de ter ficado paralisada

de desapontamento, começou de súbito a azafamar-se, buscando coisas para que a irmã saísse "bonita" e afobando-se em ajudá-la na sua toalete. Enquanto assim fazia, a paciente estava felicíssima e esqueceu por completo que não era ela, mas a irmã, quem iria divertir-se. Projetara seu próprio desejo de amor e seus anseios de ser admirada na sua rival e, tendo-se identificado com o objeto de sua inveja, desfrutou a realização de seu desejo.

Passava pelo mesmo processo quando estava em jogo a frustração, em vez da fruição dos desejos. Gostava de dar às crianças sob a sua responsabilidade boas comidas. Em uma ocasião, a mãe de uma das crianças recusou-se a entregar uma guloseima ao filho. Embora a minha paciente fosse, em geral, indiferente aos prazeres da mesa, a recusa da mãe a deixou furiosamente indignada. Sofrera a frustração do desejo da criança como se fora a própria, tal qual, no outro caso, rejubilara indiretamente com a satisfação dos desejos de sua irmã. Era evidente que ela endossara às outras pessoas o direito a ter seus desejos realizados sem obstáculos.

Esta última característica revelou-se ainda mais nitidamente, nas experiências de outra paciente do mesmo tipo. Uma moça, cujas relações com o seu sogro eram particularmente amistosas, reagiu muito estranhamente à morte da sogra. A paciente e outras mulheres da família ocuparam-se em distribuir o guarda-roupa da defunta. Ao contrário de todas as outras, a minha paciente recusou-se a aceitar qualquer peça de vestuário para seu próprio uso. Mas separou um casaco para dar de presente a uma prima que estava em má situação financeira. A irmã da sogra queria tirar a gola de pele do casaco e ficar com ele, fazendo com que a minha paciente, que até então se mostrara inteiramente indiferente e desinteressada nessa partilha, tivesse um acesso de fúria cega. Dirigiu a fúria total de sua agressividade geralmente inibida sobre a sua tia e insistiu para que a sua protegida recebesse o que ela lhe destinara. A análise desse incidente mostrou que o sentimento de culpa da paciente impedira-a de se apropriar de qualquer coisa que tivesse pertencido a sua sogra. Ficar com uma peça de roupa simbolizava a gratificação do seu desejo de preencher o lugar da sogra junto do sogro. Portanto, renunciou a qualquer pretensão e abdicou em favor da prima do desejo de ser a herdeira da "mãe". Contudo, ao fazê-lo, sentiu todo o impacto do desejo e do seu desapontamento, o que a capacitou para insistir na sua satisfação, coisa que nunca fora capaz de fazer, quando ela própria estava em causa. O superego que assumiu uma atitude tão implacável em relação às moções pulsionais da paciente acedia ao desejo quando este já não estava associado ao próprio ego. Quando a satisfação do desejo de uma outra pessoa estava em causa, o comportamento agressivo e geralmente inibido tornava-se, subitamente, egossintônico.

Grande número de casos semelhantes aos que citei pode ser observado na vida cotidiana, uma vez que a nossa atenção seja chamada para essa combinação de projeção e identificação, para fins defensivos. Por exemplo, uma moça, que tinha escrúpulos de consciência quanto a se casar, fez todo o possível por encorajar sua irmã a ficar noiva. Uma paciente que sofria de inibi

ções obsessivas, quando se tratava de gastar dinheiro com ela própria, não hesitava em gastá-lo perdulária mente em presentes para outros. Outra paciente, a quem a angústia impedia de executar seus planos para viajar, insistia inesperadamente com conselhos para que suas amigas o fizessem. Em todos esses casos, a identificação da paciente com uma irmã, uma amiga ou a recebedora de um presente denunciava-se por um súbito e cordial sentimento da existência de um vínculo entre ambas, o qual durava enquanto seu desejo estivesse sendo indiretamente satisfeito. As anedotas sobre "solteironas casamenteiras" e "expectadores intrometidos, para quem nenhuma parada é alta",[3] não têm fim. A entrega dos desejos próprios a uma pessoa e a tentativa para assim os preencher indiretamente são, com efeito, comparáveis ao interesse e ao prazer com que se observa um jogo no qual não apostamos.

Esse processo defensivo serve a dois propósitos. Por um lado, habilita o sujeito a interessar-se amistosamente na gratificação das pulsões de outras pessoas. E, dessa forma, indiretamente e apesar da proibição do superego, a gratificar as próprias pulsões, enquanto, por outro lado, liberta a atividade e a agressividade inibidas, com o intuito primordial de garantir a satisfação dos desejos pulsionais em sua relação original com o próprio sujeito. A paciente, que não era capaz de levantar um dedo para gratificar seus próprios impulsos orais, pôde sentir-se indignada pelo fato de a mãe de uma criança recusar-se a fazer-lhe uma vontade, isto é, pela renúncia oral imposta a outrem. A nora que estava proibida de reivindicar os direitos da defunta sogra achou permissível defender o direito simbólico de outrem mediante o emprego da força total de sua agressividade. Uma empregada que nunca se atreveria a pedir um aumento de salário para ela própria, assediou subitamente a gerente com exigências para que fossem satisfeitos os direitos de uma de suas colegas. A análise de tais situações mostra-nos que esse processo defensivo tem sua origem no conflito infantil com a autoridade parental sobre uma forma ou outra de gratificação pulsional. Aos impulsos agressivos contra a mãe, proibidos na medida em que se trata de uma questão de satisfazer aos próprios desejos do sujeito, é dada rédea livre quando os desejos são, ostensivamente, os de terceiras pessoas. O representante mais conhecido desse tipo de pessoa é o benfeitor público, que, com a máxima agressividade e energia, exige dinheiro de determinado conjunto de pessoas para depois entregá-lo a outro. Talvez o exemplo mais extremo seja o do assassino que, em nome do oprimido, mata o opressor. O objeto contra o qual a agressão libertada se dirige é invariavelmente o representante da autoridade que impôs a renúncia da pulsão ao sujeito, durante a infância deste.

Vários fatores determinam a seleção do objeto em favor de quem as moções pulsionais são cedidas, Possivelmente, a percepção do impulso proibido em outra pessoa é suficiente para sugerir ao ego a existência de uma oportunidade de projeção. No caso da paciente que ajudava na partilha do guarda- roupa de sua sogra, o fato de que a figura vicária [no significado literal do termo) não era um parente próximo, constituía uma garantia do caráter ino-

fensivo do desejo que, quando acalentado pela própria paciente, representava seus impulsos incestuosos. Na maioria dos casos, o substituto já foi objeto de inveja. A preceptora altruísta, no meu primeiro exemplo, deslocou suas fantasias ambiciosas para os amigos e os desejos libidinais para as amigas. Os primeiros foram os sucessores de sua afeição pelo pai e o irmão mais velho, os quais tinham sido objeto de sua inveja do pênis, ao passo que as amigas representavam a irmã, para quem, em um período relativamente tardio da infância, essa inveja fora deslocada, na forma de inveja da beleza dela. A paciente sentia que o fato de ser moça a impedia de realizar suas ambições. Ao mesmo tempo, não era sequer suficientemente bonita para atrair na realidade os homens. Em seu desapontamento, deslocou os desejos próprios para aqueles objetos que considerava mais bem qualificados para lhe darem satisfação. Seus amigos do sexo masculino iriam realizar indiretamente para ela, na vida profissional, o que ela própria nunca lograria conseguir. Assim como as amigas mais bonitas do que ela fariam o mesmo na esfera do amor. Sua renúncia altruísta era um método de superar a mortificação narcisista.

Essa abdicação dos desejos pulsionais em favor de um objeto mais bem qualificado para realizá-los, determina frequentemente a relação de uma moça com alguns homens a quem ela escolhe para representá-la - em detrimento de qualquer relação autêntica com o objeto. Com base nessa dedicação “altruísta”, ela espera que o homem execute e realize o projeto em que ela se crê prejudicada pelo seu sexo: por exemplo, ela quer que o homem faça uma vida de estudante ou que adote determinada profissão ou fique rico no lugar dela. Em tais casos, o egoísmo e o altruísmo podem ser dosados em proporções muito variadas. Sabemos que os pais, muitas vezes, delegam a seus filhos os projetos que tinham feito para suas próprias vidas, de um modo simultaneamente altruísta e egoísta. E como se esperassem, através do filho, a quem consideram mais bem qualificado para tais propósitos, arrancar à vida o cumprimento das ambições que eles não conseguiram realizar. Talvez a própria relação puramente altruísta entre mãe e filho seja largamente determinada por uma tal rendição de seus próprios desejos em favor do objeto cujo sexo o torna “mais bem qualificado” para a realização daqueles. O sucesso de um homem na vida contribui imensamente, de fato, para compensar as mulheres de sua família pela renúncia às próprias ambições.

O mais detalhado e excelente estudo dessa renúncia altruísta encontra- se na peça Cyrano *de Bergerac,* de Edmond Rostand. O herói da peça é uma figura histórica, um nobre francês do século XVII, poeta e oficial da Guarda Real, famoso por seu intelecto e coragem, mas prejudicado em suas propensões galantes com as damas por um nariz peculiarmente feio. Apaixona-se por sua bela prima, Roxane, mas, consciente de sua fealdade, abandona todas as esperanças de conquistá-la. Em vez de usar sua formidável destreza como espadachim para manter todos os seus rivais a distância, abdica de suas aspirações ao amor de Roxane em favor de um homem de aspecto mais

atraente do que ele. Tendo feito essa renúncia, dedica sua força, sua coragem e sua inteligência ao serviço do amante mais afortunado e faz tudo quanto pode para ajudá-lo a alcançar seus desejos, O clímax da peça é uma cena noturna, sob o balcão da mulher a quem ambos amavam. Cyrano segreda para o seu rival as palavras com que poderá conquistá-la. Então, ele ocupa o lugar do outro na escuridão e fala por si próprio, esquecendo, no ardor de seus galanteios, que não é ele o cortejador e somente no derradeiro instante reverte à sua atitude de renúncia, quando o namoro de Christian, o belo admirador, é aceito e este escala o balcão para ir beijar Roxane. Cyrano torna- se cada vez mais dedicado ao seu rival e, em uma batalha, esforça-se por salvar a vida de Christian, no lugar da própria. Quando essa figura vicária lhe é arrancada pela morte, Cyrano sente que não lhe é permissível cortejar Roxane. Que o poeta está descrevendo, no "altruísmo" de Cyrano, algo mais do que uma estranha aventura de amor, torna-se claro através do paralelo traçado entre a vida amorosa de Cyrano e o seu destino como poeta. Tal como Christian corteja Roxane, com a ajuda dos poemas e cartas de Cyrano, também escritores como Corneille, Molière e Swift aproveitaram cenas inteiras de suas obras desconhecidas, assim aumentando a sua fama. Na peça, Cyrano aceita o destino. Está pronto a emprestar suas palavras a Christian, que é mais belo do que ele, assim como a Molière, que tem maior gênio. O defeito pessoal que ele julga torná-lo desprezível faz também com que pense que os outros, por quem ele é preterido, estão mais bem qualificados para realizar as fantasias nascidas de seus desejos.

Em conclusão, podemos estudar, por um momento, a noção de renúncia altruísta de outro ângulo, ou seja, em sua relação com o medo da morte. Quem tiver amplamente projetado as suas moções pulsionais em outras pessoas nada sabe sobre esse medo. No momento de perigo, o seu ego não está realmente preocupado com sua própria vida. Pelo contrário, experimenta uma excessiva preocupação e angústia pela vida de seus objetos de amor. A observação mostra que esses objetos, cuja segurança é tão vital para ele, são as figuras vicárias sobre quem ele deslocou seus desejos pulsionais. Por exemplo, a jovem preceptora, cujo caso descrevi, sofria de angústia excessiva a respeito de segurança de suas amigas, durante a gravidez e o parto. Como se viu no esboço que fiz da obra, também Cyrano coloca a segurança de Christian, durante a batalha, acima da sua. Seria um erro supor que se trata de uma questão de rivalidade suprimida irrompendo em desejos de morte, que são depois rechaçados. A análise mostra que tanto a angústia como a ausência de angústia são devidas, antes, ao sentimento, por parte do sujeito, de que sua própria vida só vale a pena ser vivida e preservada desde que existam oportunidades nela para a gratificação de suas puisões. Quando seus impulsos foram cedidos em favor de outras pessoas, a vida destas tomou-se mais preciosa do que a própria. A morte das figuras vicárias significa - como a morte de Christian significou para Cyrano - a destruição de toda a esperança de realização.

Só depois da análise, quando caiu doenre, a jovem preceptora descobriu que o pensamento de morrer lhe era penoso. Para sua própria surpresa, constatou que desejava ardentemente viver o tempo suficiente para mobiliar sua nova casa e ser aprovada em um exame que lhe garantiria sua promoção no emprego. Seu lar e o exame significavam, embora de uma forma sublimada, a realização de desejos pulsionais que a análise a habilitou a relacionar, uma vez mais, com sua própria vida.[4]

NOTAS

[L] *Altruistische Abtretung:* **expressão criada por Edward Bibring.**

[2] **Comparar, a esse respeito, a noção de "identificação simpática", de Paul Fedem, e seus comentários sobre esse assunto.** *Imago.* **Vol. XXII, 1936, p. 33.**

[3] *"Kiebitze, denen kein Spiel zu hoch ist"*

[4] **Existe uma óbvia semelhança entre a situação na renúncia altruística e as condições que determinam a homossexualidade masculina. O homossexual transpassa a sua pretensão ao amor da mãe para um irmão mais novo, a quem previamente invejava. É verdade que ele trata de satisfazer essa exigência adotando uma atitude maternal, isto é, fruindo tanto o lado ativo como o passivo da relação entre mãe e filho. É difícil determinar até que ponto esse processo contribuiu para as várias formas de renúncia altruísta que descrevi. Cyrano e a preceptora altruísta devem ambos ter derivado prazer desse mecanismo, mesmo antes de poderem rejubilar-se indiretamente nos êxitos de seus substitutos. Seu arroubos de dar e ajudar mostram que a renúncia é, em si mesma, uma gratificação da pulsão. Tal como no processo de identificação com o agressor, a passividade converte-se em atividade, a mortificação narcisista é compensada pelo senso de poder associado ao papel de benfeitor, ao passo que a experiência passiva dc frustração enconua compensação na concessão ativa de felicidade aos outros.**

Fica ainda em aberto a questão de saber se existe isso a que se possa chamar de relação autenticamente altruística com o nosso semelhante, em que a gratificação dos próprias pulsões não desempenhe qualquer função, mesmo de forma deslocada e sublimada. Em qualquer caso, é certo que a projeção e a identificação não constituem o único meio de adquirir uma atitude que tenha todas as aparências de altruísmo; por exemplo, outro e fáci! caminho para o mesmo objetivo é através de várias formas de masoquismo.

parte

IV

Defesa Motivada pelo Medo da Força das Pulsões

Ilustrada pelos Fenômenos da Puberdade

11

O Ego e o Id na Puberdade

De todos os períodos na vida humana em que os processos pulsionais são, indiscutivelmente, de importância suprema, 0 da puberdade sempre atraiu a maior atenção. Há muito tempo que os fenômenos psíquicos que assinalam o advento da maturidade sexual vêm sendo matéria de estudo psicológico. Nos escritos não-analíticos, encontramos muitas descrições impressionantes das mudanças que ocorrem no caráter durante esses anos, das perturbações no equilíbrio psíquico e, sobretudo, das incompreensíveis e irreconciliáveis contradições então evidentes na vida psíquica. Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do Universo e o único objeto de interesse. Entretanto, em tempo algum de sua vida ulterior são capazes de tanta abnegação e dedicação. Formam as mais apaixonadas relações de amor, para rompê-las tão abruptamente quanto as iniciaram. Por um lado, atiram-se entusiasticamente à fruição da vida da comunidade, mas por outro, possuem uma irresistível ânsia de solidão. Oscilam entre a cega submissão a um líder auto- eleito e a rebelião insolente contra toda e qualquer autoridade. São egoístas e materialistas. Ao mesmo tempo, porém, são cheios de um idealismo grandioso. São ascéticos mas, subitamente, mergulharão na indulgência pulsional do mais primitivo caráter. Por vezes, seu comportamento em relação a outras pessoas é turbulento e irrefletido; contudo, são extremamente sensíveis. Seus estados de espírito variam entre o otimismo leviano e o mais sombrio pessimismo. Algumas vezes, dedicam-se ao trabalho com infatigável entusiasmo e, outras vezes, são preguiçosos, desleixados e apáticos.

A psicologia oficial procura explicar esses fenômenos de duas maneiras muito diferentes. De acordo com uma teoria, essa convulsão na vida psíquica é provavelmente devida a transformações químicas, isto é, constitui a conse-

qüência direta do início do funcionamento das glândulas sexuais. Quer dizer, é simplesmente o acompanhamento psíquico de mudanças fisiológicas. A outra teoria rejeita a idéia de qualquer conexão dessa natureza entre o físico e o psíquico. De acordo com essa teoria, a revolução que tem lugar na esfera psíquica é, simplesmente, um sintoma de que o indivíduo atingiu maturidade psíquica, assim como as simultâneas mudanças físicas são apenas sintomas de maturidade física. É assinalado que o fato de os processos psíquicos e físicos aparecerem simultaneamente não é prova de que um grupo seja a causa do outro. Assim, a segunda teoria pretende que o desenvolvimento psíquico é inteiramente independente dos processos glandulares e pulsionais. Existe um único ponto em que essas duas correntes do pensamento psicológico se encontram: ambas concordam que não apenas os fenômenos físicos, mas também os psíquicos, da puberdade são da máxima importância no desenvolvimento do indivíduo e que aí estão o início e a raiz da vida sexual, da capacidade de amar e do caráter como um todo.

Em contraste com a psicologia acadêmica, a psicanálise mostrou até agora uma inclinação notoriamente escassa para concentrar-se nos problemas psicológicos da puberdade, embora, em outros contextos, tenha adotado muitas'vezes as contradições da vida psíquica como um ponto de partida para as suas investigações. Se excetuarmos algumas obras em que os fundamentos para um estudo da puberdade foram estabelecidos,[1] poderemos dizer que os autores analíticos negligenciaram esse período e dedicaram mais atenção a outras fases do desenvolvimento. A razão é óbvia. A psicanálise não aceita o ponto de vista de que a vida sexual dos seres humanos começa na puberdade. De acordo com a nossa teoria, a vida sexual tem dois pontos de partida. Começa pela primeira vez no primeiro ano de vida. É no período sexual dos primeiros anos de infância, e não na puberdade, que se registram os passos cruciais no desenvolvimento, que se percorrem as importantes fases pré-genitais da organização sexual, que se desenvolvem e entram em ação as diversas pulsões componentes e são determinadas a normalidade ou anormalidade do indivíduo, a sua capacidade ou incapacidade de amor. Esperamos derivar do nosso estudo desse período remoto o conhecimento da origem e do desenvolvimento da sexualidade, o que a psicologia acadêmica procura obter em seu estudo da puberdade. A puberdade é, meramente, uma das fases no desenvolvimento da vida humana. É a primeira recapitulação do período sexual infantil. Em um período ulterior da vida, uma segunda fase tem lugar no climatério. Cada um dos períodos sexuais é uma renovação e ressuscitação do que antes se passou. Além disso, claro, cada um contribui com algo próprio para a vida sexual humana. Devido ao fato de que a maturidade física sexual é atingida na puberdade, a genitalidade ocupa o primeiro plano nesse período e as tendências genitais predominam sobre as pulsões componentes do período pré-genital. No climatério, quando se registra um declínio nas funções físicas sexuais, os impulsos genitais têm suas últimas manifestações e os impulsos pré-genitais se restabelecem.

Até agora, as obras psicanalíticas interessaram-se principalmente pelas *semelhanças* entre esses três períodos de turbulenta sexualidade na vida humana. Assemelham-se entre eles, sobretudo, nas relações quantitativas entre a força do ego e a das pulsões. Em cada caso - no primeiro período infantil, na puberdade e no dimatério um id relativamente forte defronta-se com um ego relativamente fraco. Assim, poderemos afirmar que se trata de períodos em que o id é vigoroso e o ego está debilitado. Existe, aliás, uma forte semelhança qualitativa a respeito de um ou dois fatores na relação ego-id desses três períodos. O id de um homem conserva-se sensivelmente igual durante a vida inteira. É certo que as moções pulsionais são capazes de uma transformação quando entram em choque com o ego e as exigências do mundo exterior. Mas, dentro do próprio id, pouca ou nenhuma transformação ocorre, salvo o progresso feito no sentido das finalidades pulsionais pré- genitais para as genitais. Os desejos sexuais, que estão sempre prontos, assim que se registra um reforço da libido, a emergir do recalcamento e os investimentos de objeto e fantasias que lhes estão associados, pouco se alteram na infância, na puberdade, na vida adulta e no climatério. Vemos, portanto, que as semelhanças qualitativas entre os três períodos da vida humana em que a libido aumenta são devidas à relativa imutabilidade do id.

Até agora, os autores psicanalíticos prestaram menos atenção às *diferenças* entre esses períodos. Essas diferenças derivam do segundo fator na relação entre o id e o ego, a saber, a grande capacidade de transformação do ego humano. A imutabilidade do id é compensada pela mutabilidade do ego. Tomemos como exemplo o ego no começo da infância e o ego na puberdade. Em um e em outro período, difere de âmbito, de conteúdo, de conhecimento e capacidades, assim como nas relações subordinadas e angústias. Conse- qüentemente, em seus conflitos com as pulsões, utiliza mecanismos de defesa diferentes, nos diferentes períodos. E de se esperar que um exame mais detalhado dessas diferenças entre o começo da infância e a puberdade elucide a formação do ego, tal como a vida pulsional foi elucidada pelo estudo das semelhanças entre esses períodos.

Tal como na investigação dos processos pulsionais, no estudo do ego o desenvolvimento posterior só pode ser compreendido a partir do anterior. Devemos apreender a natureza da situação do ego nos primeiros tempos da infância, antes de podermos explicar as perturbações de que o ego é passível, na puberdade. Nas crianças, o conflito entre o ego e o id reveste-se de condições particulares. As exigências de gratificação pulsional que brotam dos desejos característicos das fases oral, anal e fálica são extraordinariamente urgentes e os afetos e as fantasias associados ao complexo de Edipo e ao complexo de castração são intensamente vividos. O ego que os defronta está ainda em processo de formação; quer dizer, é ainda fraco e subdesenvolvido. Não obstante, uma criança não é um ser de pulsão desenfreada nem, em circunstâncias normais, tem conhecimento da pressão da angústia pulsional que se exerce dentro dela. No mundo externo, isto é, nas influências educativas

que influem sobre a criança, o seu frágil ego conta, com um poderoso aliado contra a sua vida pulsional. Não surge uma situação em que o ego tenha de medir suas próprias e insignificantes forças contra as muito mais fortes moções pulsionais, as quais, se estivessem desamparadas, o ego inevitavelmente sucumbiria. Dificilmente lhe damos tempo para se aperceber de seus próprios desejos ou para calcular sua própria força ou fraqueza em relação às pulsões. A atitude infantil em relação ao seu próprio ego é simplesmente ditada pelas promessas e ameaças de outras pessoas, quer dizer, pela esperança de amor e a expectativa de punição.

Sob uma tal influência externa, as crianças, no decurso de alguns anos, adquirem uma capacidade muito considerável para controlarem sua vida pulsional, mas é impossível determinar até que ponto essa conquista deve ser atribuída ao ego ou à pressão direta de forças externas. Se, nessa situação de conflito, o ego da criança se coloca do lado das influências externas, diz-se que a criança é “boa”. Se ficar do lado do id e luta contra as restrições impostas à gratificação pulsional pela educação, é “má” ou “traquina”. A ciência que se dedicou ao estudo meticuloso dessa oscilação do ego infantil entre o id e o mundo exterior é a pedagogia. Investiga os meios para tornar a aliança entre as forças educacionais e o ego ainda mais sólida e a luta comum para o domínio das pulsões ainda mais bem-sucedida.

Mas, nas crianças, existe um conflito endopsíquico, fora do alcance da educação. O mundo exterior cedo estabelece uma representação na psique infantil, na forma de angústia objetiva. A ocorrência de tal angústia não constitui, por si só, prova da formação de uma instância superior - a consciência ou superego - dentro do ego, mas é sua precursora. A angústia objetiva é a previsão de sofrimentos que podem ser infligidos à criança, como no caso de um castigo por agentes externos, uma espécie de “ante-dor” que governa o comportamento do ego, quer o esperado castigo se concretize ou não. Por um lado, essa angústia *é* aguda, em proporção ao comportamento perigoso ou ameaçador daqueles com quem a criança está em contato. Por outro, é reforçada pela reversão dos processos pulsionais contra o ego, combina-se freqüentemente com a angústia originada na fantasia e não se dá conta de mudanças objetivas, pelo que a sua conexão com a realidade se torna cada vez mais fraca. É certo que, na mente das crianças, as solicitações pulsionais conflitam com a aguda angústia objetiva e os sintomas de neurose infantil são tentativas para solucionar esse conflito. O estudo e a descrição dessas lutas íntimas constituem um campo de debate entre os cientistas: alguns sustentam que fazem parte da província da pedagogia, ao passo que temos a certeza de que cabem no domínio da teoria das neuroses.

Há outra característica dominante na situação do ego das crianças de pouca idade e que nunca mais se reproduz na vida ulterior. Em todas as situações posteriores de defesa, ambos os combatentes já se encontram presentes: uma pulsão defronta um ego mais ou menos rígido, com o qual terá de chegar a termos. Mas, nas crianças, o ego é o produto do próprio conflito. Aquela parte

do ego que, ao longo da vida, terá de assumir a tarefa de dominar as pulsões só nasce nesse remoto período, sob a pressão combinada das exigências pulsionais do id e da angústia objetiva, que é externa em sua origem. Pode-se dizer que o ego é “feito sob medida",[2] isto é, perfeitamente adaptado para manter o equilíbrio entre as duas forças: as solicitações urgentes da pulsão e as pressões exteriores. Consideramos terminado o primeiro período infantil quando essa parte da formação do ego atingiu Um certo estágio. O ego assumiu a posição que pretende ocupar na sua batalha contra o id. Decidiu qual a proporção de gratificação e de renúncia pulsional que está disposto a consentir para a solução dos vários conflitos. Habituou-se a certa medida de demora na obtenção de seus desejos. Os métodos de demora de sua preferência levam o cunho da angústia objetiva. Podemos dizer que um *modus vivendi* foi estabelecido entre o id e o ego, ao qual ambos aderirão daí em diante.

No curso de alguns anos, a situação se altera. Estabelece-se o período de latência, com um declínio fisiologicamente condicionado na força das pulsões, e registra-se um armistício na guerra defensiva deflagrada pelo ego. Ele tem agora tempo suficiente para dedicar-se a outras tarefas e adquire novos conteúdos, conhecimentos e capacidades. Ao mesmo tempo, torna-se mais forte em relação ao mundo exterior e menos impotente e submisso, deixando de encarar o mundo como a entidade onipotente que lhe parecia antes. Sua atitude geral em relação aos objetos externos muda gradualmente, à medida que supera a situação edípica. Cessa a dependência completa dos pais e a identificação começa ocupando o lugar do amor-objeto. Cada vez mais os princípios impostos à criança por seus pais e professores - seus desejos, requisitos e ideais - são introjetados. Na sua vida íntima, o mundo externo já não faz sentir-se unicamente na forma de angústia objetiva. Estabeleceu dentro de seu ego uma instância permanente, na qual estão consubstanciadas as solicitações de todos os que rodeiam a criança: é o que chamamos de superego. Simultaneamente com esse progresso, tem lugar uma transformação na angústia infantil. O medo do mundo exterior sofre uma redução e, gradualmente, dá lugar ao medo dos novos representantes da antiga força: a angústia do superego, a angústia da consciência e o sentimento de culpa. Isso significa que o ego do período de latência adquiriu um novo aliado na luta para dominar os processos pulsionais. A angústia da consciência instiga a defesa contra a pulsão, no período de latência, tal como era incentivada pela angústia objetiva, no primeiro período infantil. Tal como antes, é difícil determinar o montante de controle sobre as pulsões, adquirido durante o período de latência, que deve ser atribuído ao próprio ego - e até que ponto se deve à poderosa influência do superego.

Porém, o interregno facultado pelo período de latência não dura muito. A luta entre os dois antagonistas, o ego e o id, mal terminara nesse armistício temporário quando os termos de acordo foram radicalmente alterados pelo reforço de um dos combatentes. O processo fisiológico que marca o advento da maturidade física sexual é acompanhado pela estimulação dos processos pulsionais, a qual é transportada para a esfera psíquica, na forma de um influ

xo de libido. A relação estabelecida entre as forças do ego e do id é destruída, o equilíbrio psíquico penosamente conquistado é destruído, resultando que os conflitos internos entre as duas instâncias se deflagram de novo.

No começo, pouco há a relatar do lado do id. O intervalo entre a latência e a puberdade - o chamado período pré-puberal - é meramente preparatório para a maturidade física sexual. Até aí, nenhuma mudança qualitativa teve lugar na vida pulsional, mas a quantidade de energia pulsional aumentou. Esse incremento não se confina à vida sexual. Há mais libido à disposição do id e precede ao investimento, indiscriminadamente, de qualquer impulso do id que estiver ao seu alcance. Os impulsos agressivos são intensificados a ponto de completo desregramento; a fome converte-se em voracidade; e a traquinice do período de latência redunda no comportamento criminoso da adolescência. Os interesses orais e anais, há muito submersos, voltam à superfície. Os hábitos de limpeza, laboriosamente adquiridos durante o período de latência, cedem seu lugar ao prazer na imundície e na desordem. E, em vez de modéstia e simpatia, deparamo-nos com as tendências exibicionistas, brutalidade e crueldade com os animais. As formações reativas, que pareciam firmemente estabelecidas na estrutura do ego, ameaçam cair em pedaços. Ao mesmo tempo, antigas tendências que tinham desaparecido surgem na consciência. Os desejos edípicos são realizados na forma de fantasias e divagações, nas quais sofreram apenas ligeiras distorções. Nos rapazes, as idéias de castração e, nas meninas, a inveja do pênis tornam-se uma vez mais o centro de interesse. Há muito poucos elementos novos nas forças invasoras. Sua investida apenas traz outra vez à superfície o conteúdo familiar da sexualidade infantil nas crianças de tenra idade.

Mas a sexualidade infantil, assim ressuscitada, já não encontra as condições anteriores. O ego do primeiro período infantil não estava ainda desenvolvido nem determinado, era impressionável e flexível, sob a influência do id; no período pré-puberal, pelo contrário, é rígido e firmemente consolidado. Já conhece sua própria mente. O ego infantil era capaz de revoltar-se, subitamente, contra o mundo exterior e de aliar-se ao id para obter gratificação pulsional, mas, se o ego do adolescente fizer isso, envolver-se-á em conflitos com o superego. Sua relação firmemente estabelecida com o id, por um lado, e com o superego, por outro - a que chamamos de caráter -, torna o ego inflexível. Só pode conhecer um desejo: preservar o caráter desenvolvido durante o período de latência, restabelecer a relação anterior entre suas próprias forças e as do id e replicar a maior urgência das solicitações pulsionais com redobrados esforços para se defender. Nessa luta para preservar a imutabilidade de sua própria existência, o ego é igualmente motivado pela angústia objetiva e pela angústia de consciência, empregando indiscriminadamente todos os métodos de defesa a que sempre teve acesso, como recurso, tanto na infância como durante o período de latência. Recalca, desloca, nega, inverte as pulsões e reverte-as contra o ego. O ego produz fobias, sintomas histéricos e subjuga a angústia por meio do pensamento e do com

portamento obsessivos. Se investigarmos essa luta pela supremacia entre o ego e o id, perceberemos que quase todos os fenômenos inquietantes do período pré-puberal correspondem a diferentes fases no conflito. Maior atividade da fantasia, lapsos na gratificação sexual pré-genital (isto é, perversa); o comportamento agressivo ou criminoso significa êxitos parciais do id; a ocorrência de várias formas de angústia, o desenvolvimento de traços ascéticos e a acentuação dos sintomas e inibição de radical neurótico denotam uma defesa mais vigorosa, isto é, o sucesso parcial do ego.

Atingida a maturidade física sexual, o começo da puberdade propriamente dita, verifica-se uma nova mudança, dessa vez de caráter qualitativo. Até então, o aumento de investimento pulsional fora de uma natureza genérica, indiferenciada. Agora, porém, ocorre uma mudança (pelo menos, no caso dos varões), os impulsos genitais tornam-se mais poderosamente acumulados. Na esfera psíquica, isso significa que o investimento libidinal é subtraído aos impulsos pré-genitais e concentrado em sentimentos, idéias de objetos e objetivos genitais. A genitalidade adquire, assim, uma crescente importância psíquica, enquanto as tendências pré-genitais são relegadas para segundo plano. O primeiro resultado é, aparentemente, uma melhoria na situação. Os responsáveis pela educação do adolescente, que estiveram preocupados e perplexos pelo caráter pré-genital de sua vida pulsional, durante o período pré-puberal, observam agora, com alívio, que o turbilhão de grosseria, de agressividade e comportamento perverso desvaneceu-se como um pesadelo. A masculinidade genital consegue encontrar um juízo crítico muito mais favorável e indulgente, mesmo quando transgride os limites da convenção social. Entretanto, essa cura fisiológica e espontânea da pré-genitalidade, o resultado do desenvolvimento natural que ocorre na puberdade, é amplamente ilusória. Pode haver uma compensação benéfica, mas só nos casos até aí caracterizados por fixações pré-genitais bem-definidas. Por exemplo, um rapaz cuja atitude foi passiva e feminina se transferirá subitamente para a posição masculina-ativa. Mas isso não significa que a angústia de castração e os conflitos que deram origem à sua atitude feminina tenham sido solucionados ou abolidos. Foram meramente sobrepujados pelo incremento transitório do investimento genital. Quando a pressão das pulsões, que se torna tão grande na puberdade, cai para o seu nível normal na vida adulta, a angústia e os conflitos reaparecem, provavelmente, sem alterações e interferindo de novo com a masculinidade. O mesmo se pode dizer das fixações oral e anal, que, por um tempo, diminuem de importância, durante o afluxo de libido na puberdade. Não obstante, no fundo, têm a mesma importância de sempre e a antiga atração patogênica dessas formações pré-genitais voltará a ser grande na vida ulterior. Também pode não haver efeito compensatório, na puberdade, quando os interesses mais fálicos do que orais e anais já predominaram na infância e no período pré-puberal, por outras palavras, nos rapazes com tendência para o exibicionismo fálico. Em tais casos, o afluxo de libido genital na puberdade não só não atenua as dificuldades como, de fato, as promove.

Não se verifica qualquer cura espontânea na perversão infantil, pelo contrário, registra-se uma acentuação extremamente inquietante do estado mórbido. As tendências fálicas são levadas a um grau tão agudo que a masculinidade genital do paciente é exagerada de maneira anormal e torna-se incontrolável.

Essa estimativa da normalidade ou anormalidade de determinados fins pulsionais depende, porém, do padrão de valores que pertence à vida adulta e tem pouco ou nada a ver com o ego do adolescente. O conflito defensivo interior prossegue e não presta muita atenção a esses valores. Na adolescência, a atitude do ego em face do id é primordialmente determinada por considerações quantitativas, não qualitativas. O ponto em questão não é gratificação deste ou daquele desejo pulsional, mas a natureza da estrutura psíquica na infância e latência, como um todo e em sua generalidade. Existem dois extremos em que o conflito pode terminar. Ou o id, agora robustecido, supera o ego, caso em que não ficarão vestígios do caráter prévio do indivíduo e o ingresso na vida adulta será marcado por um tumulto de gratificações desinibidas da pulsão; ou o ego sai vitorioso, e nesse caso o caráter do indivíduo, durante o período de latência, manifestar-se-á e ficará consolidado para sempre. Quando isto acontece, os impulsos do id do adolescente são confinados aos estreitos limites prescritos para a vida pulsional da criança. Não se pode utilizar o maior volume de libido e tem de haver um dispêndio constante em contra-investimentos, mecanismos de defesa e sintomas, a fim de o manter em permanente controle. Além da multidão resultante da vida pulsional, o fato de o ego vitorioso tornar-se rigidamente fixo é permanentemente lesivo para o indivíduo. As instâncias do ego, que resistiram às investidas da puberdade sem ceder, se mantêm geralmente inflexíveis durante a vida inteira, inacessíveis e insuscetíveis da retificação que uma realidade variável exige.

Pareceria natural supor que o desfecho do conflito, em um ou em outro desses extremos, ou sua feliz solução em novo acordo entre as instâncias psíquicas e, além disso, as muitas fases diferentes por que passa, são determinados por um fator quantitativo, a saber, as variações na força absoluta das pulsões. Mas essa simples explicação é contraditada pela observação analítica dos processos, em indivíduos na puberdade. Evidentemente, não é o caso, quando as pulsões ganham mais força por motivos fisiológicos, de o indivíduo ficar necessariamente à sua mercê ou, por outro lado, daqueles fenômenos psíquicos em que o ego e o superego desempenham um papel mais importante do que o id ficarem mais proeminentes, com o declínio da força das pulsões. Sabemos que, pelo estudo dos sintomas neuróticos e dos estados pré-menstruais, sempre que as solicitações da pulsão se tornam mais urgentes, o ego é impelido a redobrar suas atividades defensivas. Por outro lado, quando as reivindicações pulsionais são menos prementes, o perigo associado às pulsões diminui e, com ele, a angústia objetiva, a angústia da consciência e a angústia pulsional do ego. Exceto nos casos em que o ego é

inteiramente submergido pelo id, encontramos o inverso da relação sugerida. Qualquer pressão adicional das exigências pulsionais endurece a resistência do ego à pulsão em questão e intensifica os sintomas, as inibições, etc., baseados nessa resistência. Ao passo que, se as pulsões se tornarem menos insistentes, o ego será mais flexível e mais disposto a permitir a gratificação. Isso significa que a força absoluta das pulsões, durante a puberdade (a qual, de qualquer modo, não pode ser medida ou calculada independentemente), não proporciona qualquer prognóstico sobre o desfecho da puberdade. Os fatores que o determinam são relativos: primeiro, a força dos impulsos do id, que está condicionada pelo processo fisiológico na puberdade; segundo, a tolerância ou intolerância do ego em relação à pulsão, o que depende do caráter formado durante o período de latência; terceiro, e é esse o fator qualitativo que decide o conflito quantitativo, a natureza e a eficácia dos mecanismos de defesa a mando do ego, que variam com a constituição de cada indivíduo, isto é, a sua disposição para a histeria ou para a neurose obsessiva, e com ás diretrizes do seu desenvolvimento.

NOTAS

[1] **Freud,** *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade.* **Ernest Jones, "Einige Probleme des jugendlichen Alters",** *Imago,* **vol. IX, 1923, pp. 15ss. S. Bernfeld, "Über eine typische Form der männlichen Pubertät",** *ibid.,* **pp. 169ss.**

[2] **Os métodos educacionais ultramodernos poderiam ser descritos como uma tentativa para fazer o mundo exterior "ajustar-se" à criança.**

Angústia Pulsional Durante a Puberdade

12

Sempre foi reconhecido que as fases da vida humana em que se registra um incremento da libido são de uma importância imensa para a investigação analítica do id. Devido ao incremento do investimento, desejos, fantasias e processos pulsionais, que, em outros períodos, passam despercebidos ou estão confinados ao inconsciente, surgem na consciência e, sempre que necessário, superam os obstáculos colocados em seu caminho pelo recalcamento, tornando-se dessa maneira acessíveis à observação, logo que forçaram sua passagem para a superfície desimpedida e clara,

E igualmente importante focalizar a nossa atenção naqueles períodos de maior volume de libido, quando estudamos o ego. Como já vimos, o efeito indireto da intensificação das moções pulsionais é o redobrar de esforços do sujeito para dominar as pulsões. As tendências gerais no ego, que em períodos de tranqüilidade na vida pulsional dificilmente se notam, se tomam mais claramente definidas e os mecanismos bem acentuados do ego no período de latência ou na vida adulta podem ser tão exagerados que produzem uma distorção mórbida do caráter. Das várias atitudes que o ego pode adotar em relação à vida pulsional, existem duas, em particular, que, quando acentuadas na puberdade, impressionam o observador com renovada força e explicam algumas das peculiaridades desse período. Refiro-me ao ascetismo e à intelectualidade da adolescência.

ASCETISMO NA PUBERDADE

Alternando com os excessos e as irrupções pulsionais do id e com outras atitudes, aparentemente contraditórias, registra-se por vezes, na adolescên-

cia, um antagonismo em relação às pulsões que ultrapassa de longe, em intensidade, tudo o que, a título de recalcamento, estamos habituados a ver em condições normais ou nos casos mais ou menos graves de neurose. Na maneira como se manifesta e na amplitude de seu âmbito, parece-se menos com os sintomas de uma pronunciada doença neurótica do que com o ascetismo dos fanáticos religiosos. Na neurose, verificamos haver sempre uma conexão entre o recalcamento de uma pulsão e a natureza ou qualidade da pulsão recalcada. Assim, os histéricos recalcam os impulsos genitais associados com os desejos objetivados do complexo de Edipo, mas são mais ou menos indiferentes ou tolerantes em sua atitude relativamente a outros desejos pulsionais, por exemplo, os impulsos anais ou agressivos. Os neuróticos obsessivos reprimem os desejos sádico-anais que, em conseqüência da regressão, passaram a ser os veículos de sua sexualidade, mas toleram a gratificação oral e não se mostram particularmente desconfiados de quaisquer impulsos exibicionistas que possam ter, desde que não estejam diretamente ligados ao núcleo de suas respectivas neuroses. Na melancolia, as tendências orais são as que sofrem particular repúdio, ao passo que os pacientes fóbicos recalcam os impulsos associados ao complexo de castração. Em nenhum desses casos se verifica um repúdio indiscriminado da pulsão e sempre apuramos, ao analisá-los, a existência de uma relação definida entre a qualidade da pulsão recalcada e as razões do sujeito para expulsá-la da consciência.

Deparamo-nos com um quadro diferente quando, ao analisarmos adolescentes, investigamos os motivos do seu repúdio da pulsão. E verdade que, também nesse caso, o ponto de partida do processo se encontra naqueles centros de vida pulsional que estão sujeitos a uma inibição especial, como as fantasias de incesto do período pré-puberal ou a crescente tendência para atividades físicas onanistas, em que tais desejos encontram sua descarga. Mas, a partir desse ponto, o processo amplia-se mais ou menos indiscriminadamente a toda a vida. Como já observei, os adolescentes estão menos preocupados com a gratificação ou frustração de desejos pulsionais específicos do que com a gratificação ou frustração pulsional como tal. Os jovens que passam peta espécie de fase ascética que tenho em mente parecem temer mais a quantidade do que a qualidade de suas pulsões. Desconfiam da fruição em geral e, assim, sua política mais segura parece ser, simplesmente, contrariar os desejos mais urgentes com proibições mais severas. Sempre que a pulsão diz “Eu quero", o ego replica “Não terás”, de um modo bastante parecido ao empregado pelos pais rigorosos, nos primeiros anos de treino de seus filhos pequenos. Essa desconfiança adolescente da pulsão tem uma perigosa tendência para generalizar-se. Poderá começar pelos desejos pulsionais, propriamente ditos, e ampliar-se às necessidades físicas mais comuns. Todos nós conhecemos jovens que renunciaram severamente a quaisquer impulsos que tivessem o sabor de sexualidade e evitaram a sociedade dos de sua própria idade, declinando participar em quaisquer divertimentos e, à moda verdadeiramente puritana, recusando ter alguma coisa a ver com teatro, música

ou dança. Podemos compreender que existe uma conexão entre a abstenção de bonitas e atraentes roupas e a proibição de sexualidade. Começamos, porém, a ficar inquietos quando essa renúncia se estende a coisas que são inofensivas e necessárias, como no caso de um jovem que recusa qualquer proteção contra o frio, mortificando o corpo de todos os modos possíveis e expondo sua saúde a riscos desnecessários; quando não só renuncia a determinadas espécies de prazer oral mas, “em princípio”, reduz sua alimentação diária ao mínimo; quando, pelo fato de ter gozado de longas noites de profundo sono, se obriga a estar de pé muito cedo; quando é relutante ao riso ou ao sorriso; ou quando, em casos extremos, retém a defecação e a micção o maior tempo possível, baseando-se em que não deve ceder imediatamente a todas as necessidades físicas.

Há ainda outro ponto em que essa espécie de repúdio da pulsão difere do recalcamento ordinário. Na neurose, estamos acostumados a ver que, quando certa gratificação da pulsão é recalcada, se encontra um substituto para a mesma. Na histeria, isso se faz por meio da conversão, isto é, a excitação sexual encontra uma via de descarga em outras zonas ou processos corporais que se tornaram sexualizados. Na neurose obsessiva, registra-se um prazer substitutivo no nível em que a regressão teve lugar, ao passo que nas fobias há, pelo menos, algum ganho triunfal. Ou as formas proibidas de gratificação são trocadas por outros modos de fruição, através do processo de deslocamento e formação reativa, enquanto sabemos que verdadeiros sintomas neuróticos, como os ataques histéricos, os tiques, as ações obsessivas, o hábito de ficar cismático, etc., representam compromissos em que as solicitações pulsionais do id não são menos efetivamente satisfeitas do que os ditames do ego e do superego. Porém, no repúdio da pulsão, característico da adolescência, não há escapatória para tal gratificação substitutiva: o mecanismo parece ser de natureza diferente. Em vez de formações de compromisso (correspondentes aos sintomas neuróticos) e os usuais processos de deslocamento, regressão e inversão contra o ego, encontramos, quase invariavelmente, uma transição radical do ascetismo para o excesso pulsional, em que o adolescente induz, de súbito, em tudo o que ele anteriormente considerara proibido e despreza qualquer espécie de restrição externa. Em virtude de seu caráter anti-social, os excessos desses adolescentes são manifestações indesejáveis; não obstante, do ponto de vista analítico, representam uma recuperação transitória e espontânea do estado anterior de ascetismo. Quando essa recuperação não ocorre, e o ego, de certo modo inexplicável, é suficientemente forte para manter seu repúdio da pulsão, sem desvios de qualquer espécie, o resultado é uma paralisia das atividades vitais do sujeito - uma espécie de condição ou estado catatônico que já não pode continuar a ser olhado como um fenômeno normal da puberdade e deve ser reconhecido como uma afecção psicótica.

Levanta-se a questão de saber se estamos realmente justificados em diferenciar o repúdio da pulsão, durante a puberdade, do usual processo de recalcamento. A base para tal distinção teórica é que, no caso dos adolescentes,

o processo se inicia cora o medo mais da quantidade da pulsão do que da qualidade de quaisquer impulsos dados; e acaba, não em gratificações substitutivas ou formações de compromisso, mas em uma justaposição ou sucessão abrupta de renúncias pulsionais e excessos pulsionais ou, como seria mais correto dizer, na sua alternação. Por outro lado, sabemos que no recalcamento neurótico comum o investimento quantitativo da pulsão a ser recalcada é um importante fator e que na neurose obsessiva é muito usual a proibição e a indulgência sucederem-se reciprocamente. Não obstante, ainda temos a impressão de que um processo mais primitivo e menos complexo está em ação, não no recalcamento propriamente dito, mas no ascetismo da adolescência; possivelmente, este representa um caso especial ou, melhor, uma fase preliminar do recalcamento.

O estudo analítico das neuroses sugeriu, há muito tempo, a existência na natureza humana de uma disposição para repudiar certas pulsões, em particular as pulsões sexuais, de um modo indiscriminado e independente da experiência individual. Essa disposição parece constituir uma herança filo- genética, uma espécie de depósito acumulado de atos de recalcamento praticados durante muitas gerações e meramente continuados, não iniciados, por indivíduos. Para descrever essa atitude dualista da humanidade em face da vida sexual aversão constitucional conjugada com o desejo apaixonado Bleuler cunhou o termo *ambivalência*.

Durante os períodos mais calmos da vida, o antagonismo primordial entre o ego e a pulsão - o medo da força das pulsões, como lhe chamamos - é pouco mais do que um conceito teórico. Presumimos que seja, invariavelmente, a base para a angústia pulsional, mas, para o observador, tende a obscurecer-se, em virtude dos fenômenos mais notórios e salientes que decorrem da angústia objetiva ou da angústia de consciência e resultantes de choques a que o indivíduo foi exposto.

Provavelmente, o aumento da quantidade de pulsão na puberdade e em outros períodos da vida, em que há um súbito afluxo de energia pulsional, acentua esse antagonismo primário em um grau tal que se converte em um específico e ativo mecanismo de defesa. Sendo assim, o ascetismo da puberdade deve ser interpretado não como uma série de atividades de recalcamento, qualitativamente condicionadas, mas simplesmente uma manifestação da hostilidade inata entre o ego e as pulsões, a qual é indiscriminada, primária e primitiva.

INTELECTUALIZAÇÃO NA PUBERDADE

Chegamos à conclusão de que, em períodos caracterizados por um afluxo de libido, as atitudes gerais do ego podem redundar em métodos de defesa definidos. Sendo assim, podem-se explicar outras mudanças que ocorrem no ego, durante a puberdade.

Sabemos que a maior parte das transformações, no decorrer desse período, tem lugar na vida pulsional e afetiva. Além disso, o ego sofre sempre uma

modificação secundária, quando está diretamente empenhado na tentativa de dominar as pulsões e os afetos. Mas isso não exaure, de maneira alguma, as possibilidades de mudança no adolescente. Com o afluxo de energia pulsional, passa a ser mais uma criatura de pulsão; isso é natural e não requer maior explicação. Também se torna mais moral e ascético, sendo a explicação para isso que um conflito está tendo lugar entre o ego e o id. Mas também se tornou, além disso, mais inteligente, sendo que todos os seus interesses intelectuais ficaram mais vivos. De início, não vemos como esse progresso no desenvolvimento intelectual possa estar relacionado com o avanço no desenvolvimento das pulsões e o robustecimento das instâncias do ego, para resistirem aos assaltos mais ferozes contra ele desencadeados.

Em geral, esperaríamos apurar que as tempestades da pulsão ou do afeto têm uma relação inversa com a atividade intelectual do sujeito. Mesmo quando está normalmente amoroso, as capacidades intelectuais de um homem tendem a diminuir e seu raciocínio é menos idôneo do que habitualmente. Quanto mais apaixonado for o seu desejo de satisfazer as moções pulsionais, menos propensão tem, normalmente, para fazer com que o seu intelecto exerça influência sobre eles ou para examiná-lo em uma base racional.

Parece, à primeira vista, que na adolescência o inverso é verdadeiro. Há um tipo de jovem cujo súbito desabrochar no desenvolvimento intelectual não é menos notório nem surpreendente do que o seu rápido desenvolvimento em outras direções. Sabemos com que freqüência os interesses globais dos rapazes, durante o período de latência, concentram-se em coisas que têm uma existência real e objetiva. Alguns rapazes gostam de ler sobre descobertas e aventuras, ou estudar números e proporções, ou devorar descrições de animais e objetos estranhos, enquanto outros limitam suas atenções às máquinas, das mais simples às mais complicadas. O ponto que esses dois tipos geralmente têm em comum é que o objeto de seu interesse deve ser concreto, não o produto de fantasia, como os contos de fadas e as fábulas do começo da infância, mas algo que tenha uma existência física real. Quando o período pré-puberal começa, torna-se cada vez mais acentuada a tendência para que os interesses concretos do período de latência ocupem o lugar das abstrações. Em particular, os adolescentes do tipo que Bernfeld descreve como caracterizados por uma “puberdade prolongada” têm um insaciável desejo de meditar sobre assuntos abstratos, dar-lhes voltas na mente e falar a respeito dos mesmos. Muitas das amizades juvenis baseiam-se e mantêm-se por esse desejo de cogitar e discutir tais assuntos em conjunto. A gama desses interesses abstratos e dos problemas que os jovens tentam solucionar é muito vasta. Argumentarão a favor e contra o amor livre, o casamento e a vida familiar, a existência autônoma ou adoção de uma profissão, a vida errante ou a fixação. Além disso, discutirão problemas filosóficos como religião ou livre-pensamento, diferentes teorias políticas, tais como revolução *versus* submissão à autoridade, ou a própria amizade, sob todas as formas. Se, como acontece por vezes em análise, recebermos um relato fiel das

conversas entre jovens, ou se - como tem sido feito por muitos dos que se dedicam ao estudo da puberdade - examinarmos os diários e os apontamentos de adolescentes, ficaremos não apenas surpreendidos pelo vasto e desimpedido âmbito de seus pensamentos, mas impressionados, também, pelo grau de empatia e compreensão manifestado, pela sua aparente superioridade em relação a pensadores mais maduros e até, por vezes, pela sabedoria que revelam no tratamento dos mais difíceis problemas.

Revemos a nossa opinião quando passamos do exame dos processos intelectuais do adolescente para a consideração do modo como se ajustam ao quadro geral de suas vidas. Ficamos surpreendidos por descobrir que esse brilhante: desempenho intelectual pouca diferença faz, ou nenhuma, para o seu comportamento real. Sua empatia com os processos mentais de outras pessoas não o impede de exibir a mais gritante falta de consideração pelos que com ele privam de perto. Seu grandioso conceito de amor e das obrigações de um amante não atenua a infidelidade e a insensibilidade de que é repetidamente culpado em seus vários casos amorosos. O fato de sua compreensão da (e interesse na) estrutura da sociedade, com freqüência, exceder imensamente a de anos subseqüentes em nada o ajuda para encontrar seu verdadeiro lugar na vida social, nem a multiplicidade de seus interesses o dissuade de se concentrar inteiramente em um único ponto: a preocupação com a sua própria personalidade.

Reconhecemos, especialmente quando passamos a investigar esses interesses intelectuais na análise, que estamos na presença de algo muito diferente da intelectualidade, na acepção corrente da palavra. Não devemos supor que um adolescente pondera sobre as várias situações no amor ou sobre a escolha de uma profissão, a fim de apurar a diretriz correta de comportamento, como sucederia a um adulto ou a um rapaz no período de latência, ao estudar um mecanismo qualquer, a fim de ser capaz de desmontá-lo e voltar a montá-lo peça por peça. A intelectualidade adolescente parece servir, meramente, às divagações. Mesmo as fantasias ambiciosas do período pré-puberal não têm o intuito de ser traduzidas para a realidade. Quando um rapaz fantasia que é um grande conquistador, não sente que, por isso. tenha a obrigação de prestar provas de sua coragem e resistência na vida real. Do mesmo modo, é evidente que ele deriva gratificação do mero processo de pensar, especular ou discutir. O seu comportamento é determinado por outros fatores e não está influenciado, necessariamente, pelos resultados de sua ginástica intelectual.

Ainda há outro ponto que nos impressiona, quando analisamos os processos intelectuais dos adolescentes. Um exame mais profundo mostra que os assuntos em que estão principalmente interessados são os mesmos que deram origem aos conflitos entre as diferentes instâncias psíquicas. Uma vez mais, o ponto em questão é como relacionar o lado pulsional da natureza humana com o resto da vida, como decidir entre pôr os impulsos sexuais em prática e renunciar a eles, entre liberdade e restrição, entre a revolta contra a autoridade e a submissão a ela. Como vimos, o ascetismo, com sua proibição

categórica da pulsão, não realiza, em geral, o que o adolescente espera. Como o perigo é onipresente, tem de arquitetar múltiplos recursos para superá-los. O ato de *refletir* sobre o conflito pulsional - a sua intelectualização - parecia ser um meio apropriado. A fuga ascética às pulsões é aí trocada por um retorno ao domínio pulsional. Mas isso ocorre, meramente, no pensamento; é um processo intelectual. As discussões e especulações intelectuais *in abstractum*, em que os jovens se deliciam, não constituem tentativas autênticas para a solução das tarefas impostas pela realidade. Sua atividade mental é, antes, uma indicação do estado de tensão vigilante em face dos processos pulsionais e a tradução em pensamento abstrato do que eles apreendem. A filosofia da vida que os jovens elaboram - poderá ser, por exemplo, a exigência de revolução no mundo exterior - constitui, realmente, a sua resposta à percepção das novas exigências pulsionais em seus próprios e respectivos ids, que ameaçam revolucionar sua vida. Seus ideais de amizade e eterna lealdade são, simplesmente, um reflexo da intranqüilidade do ego, quando percebe o desvanecimento de todas as suas novas e apaixonadas relações com o objeto.[1] A ânsia de orientação e apoio, na muitas vezes desesperada batalha contra suas próprias e poderosas pulsões, pode ser transformada em engenhosos argumentos sobre a incapacidade do homem para chegar a decisões políticas independentes. Vemos, pois, que os processos pulsionais são traduzidos em termos de intelecto. Mas a razão pela qual a atenção é assim focalizada nas pulsões está no fato de se realizar uma tentativa para dominá-las em um diferente nível psíquico.

Recordamos que, na metapsicologia psicanalítica, a associação de afetos e processos pulsionais com idéias de palavras é considerada o primeiro e mais importante passo no sentido do domínio das pulsões. Esse passo tem de ser dado à medida que o indivíduo evolui. O pensar é descrito, nessas obras, como “um processo experimental em que são empregadas as menores quantidades possíveis de pulsão”. Essa intelectualização da vida pulsional, a tentativa de manter o controle dos processos pulsionais mediante a sua vinculação a idéias que podem ser manejadas na consciência, é uma das mais genéricas, mais antigas e necessárias aquisições do ego humano. Consideramo-la não uma atividade do ego, mas como um de seus indispensáveis componentes.

Uma vez mais, temos a impressão de que os fenômenos aqui compreendidos na noção de “intelectualização na puberdade” representam, simplesmente, o exagero, sob as condições peculiares de um súbito afluxo de libido, de uma atitude geral do ego. E meramente o incremento na quantidade de libido que atrai a atenção para uma função do ego desempenhada em outras alturas como uma questão de rotina, sílenciosamente e como se fosse de passagem. Sendo assim, significa que a intensificação da intelectualidade durante a adolescência - e talvez, também, o próprio e acentuado progresso na compreensão intelectual dos processos psíquicos, que é sempre característico de um acesso de doença psicótica - faz parte, simplesmente, dos esforços habituais do ego para dominar as pulsões por meio do pensamento.

Nesse ponto, creio, talvez notemos uma descoberta secundária, para a qual somos levados por essa ordem de idéias. Se é certo que um incremento no investimento libidinal tem, invariavelmente, o efeito automático de fazer com que o ego redobre seus esforços para eliminar intelectualmente os processos pulsionais, então isso explicaria o fato de o perigo pulsional tornar os seres humanos inteligentes. Nos períodos de calma da vida pulsional, quando não existe perigo, o indivíduo pode permitir-se um certo grau de estupidez. A esse respeito, a angústia pulsional exerce o conhecido efeito de angústia objetiva. O perigo e as privações objetivas incitam os homens a realizarem seus feitos intelectuais e tentativas engenhosas para resolverem suas dificuldades, enquanto a segurança e superfluidade objetivas tendem a torná- los confortavelmente estúpidos. A focalização do intelecto nos processos pulsionais é análoga à vigilância que o ego humano considerou necessária, em face dos perigos objetivos que o cercam.

Até agora, o declínio na inteligência das crianças, no início do período de latência, fora explicado de outro modo. Nos primeiros anos da infância, suas brilhantes realizações intelectuais estão estreitamente associadas às suas investigações sobre os mistérios do sexo e, quando esse assunto passa a ser tabu, a proibição e a inibição ampliam-se a outros domínios do pensamento. Não constitui surpresa o fato de que, com o reacender da sexualidade no período pré-puberal, isto é, com o colapso do recalcamento sexual da infância, as capacidades intelectuais do sujeito revivam em roda a sua antiga força.

Essa é a explicação ordinária, à qual poderíamos agora acrescentar uma segunda. Pode ser que, no período de latência, as crianças não só se *atrevam* a não induzir no pensamento abstrato, mas tenham necessidade de assim fazer. A infância e a. puberdade são períodos de perigo pulsional e a “inteligência” que os caracteriza serve, pelo menos em parte, para ajudar o sujeito a superar o perigo. Na latência e na vida adulta, por outro lado, o ego é relativamente forte e pode, sem detrimento para o indivíduo, abrandar seus esforços para intelectualizar os processos pulsionais. Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que essas realizações mentais, especiaimente na puberdade, embora brilhantes e notáveis, se mantêm em grande parte infrutíferas. Isso é verdade, em um aspecto, mesmo a respeito das proezas intelectuais da infância, que admiramos e temos em tão alto apreço. Basta pensar como as investigações sexuais infantis, que a psicanálise considera como a mais clara manifestação da atividade intelectual infantil, dificilmente conduzem a um conhecimento dos verdadeiros fatos da vida sexual adulta. Em geral, resultam na construção de teorias sexuais infantis que não representam a realidade, mas refletem apenas os. processos pulsionais na mente do observador infantil.

O trabalho intelectual desempenhado pelo ego durante o período de latência e na vida adulta é incomparavelmente mais sólido, mais idôneo e, sobretudo, muito mais estreitamente ligado com a ação.

OBJETO DE AMOR E IDENTIFICAÇÃO NA PUBERDADE

Consideremos agora como o ascetismo e a intelecmalização, característicos da puberdade, se ajustam ao nosso esquema de orientação dos processos defensivos, de acordo com a angústia e o perigo. Vemos imediatamente que ambos os métodos em questão estão abrangidos no terceiro tipo de defesa. O perigo que ameaça o ego é o de poder ser submergido pelas pulsões; o que sobretudo receia é a *quantidade* de puisão. Acreditamos que essa angústia se origina muito cedo no desenvolvimento do indivíduo. Cronologicamente, pertence ao período durante o qual um ego se destaca e se isola gradualmente do id indiferenciado. As medidas defensivas que o seu medo da força das pulsões o impele a adotar têm por objetivo manter essa diferenciação entre o ego e o id e garantir a permanência da recém-estabelecida organização do ego. A tarefa que o ascetismo se impõe é manter o id dentro de seus limites, mediante a simples imposição de proibições; a finalidade da intelectualização é vincular estreitamente os processos pulsionais aos conteúdos ideativos, tornando assim os primeiros acessíveis à consciência e passíveis de controle.

Ora, quando o indivíduo, com o súbito afluxo da libido, recai no seu primitivo nível de temor da força das pulsões, os restantes processos pulsionais e do ego são fatalmente afetados. No que se segue, selecionarei duas das mais importantes entre as muitas peculiaridades da puberdade e descreverei suas relações com esse processo de recalcamento do ego.

Os mais notáveis fenômenos na vida dos adolescentes estão, no fundo, associados às suas relações com os objetos. E aqui que o conflito entre duas tendências opostas é mais visível. Já vimos que o recalcamento, instigado pelo antagonismo geral à puisão, seleciona, usualmente, para o seu primeiro ataque, as fantasias incestuosas do período pré-puberal. A suspeita e o ascetismo do ego são primariamente dirigidos contra a fixação do sujeito em todos os objetos de amor da sua infância. O resultado disso é, por um lado, o jovem tender a isolar-se; a partir de então, viverá com os membros da sua própria família como se fossem estranhos. Mas não é apenas a sua relação com os objetos de amor externos que atrai o antagonismo inato do ego em relação à puisão; sua relação com o superego sofre igualmente. No que diz respeito ao superego, nesse período, ainda está carregado de energia da libido, derivada das relações com os pais; ele próprio é tratado como um suspeito objeto incestuoso e cai vitimado pelas conseqüências do ascetismo. O ego também se divorcia do superego. Para os jovens, esse recalcamento parcial do superego, a alienação de uma parte do seu conteúdo, constitui um dos grandes problemas da adolescência. O principal efeito da ruptura da relação entre o ego e o superego é aumentar o perigo ameaçador proveniente das pulsões. O indivíduo tende a tornar-se associai. Antes dessa perturbação ocorrer, a angústia da consciência e o sentimento de culpa, que derivavam da relação entre o ego e o superego,

eram os mais poderosos aliados do primeiro em sua luta com as pulsões. No início da puberdade, registram-se com freqüência provas evidentes de uma tentativa transitória para efetuar uma hiperinvestimento de todo o conteúdo do superego. É essa, provavelmente, a explicação para o chamado "idealismo" da adolescência. Temos agora a seguinte situação: o ascetismo, devido a um incremento no perigo pulsional, conduz realmente à ruptura da relação com o superego. Assim, tornam-se inoperantes as medidas defensivas fomentadas pela angústia do superego; daí resulta que o ego é ainda mais violentamente projetado de volta ao nível de pura angústia pulsional e aos mecanismos primitivos de proteção, característicos desse nível.

O auto-isolamento e o afastamento dos objetos de amor não constituem, porém, as únicas tendências que entram em jogo nas relações dos adolescentes com os objetos. Muitas novas vinculações podem ocupar o lugar das fixações recalcadas nos objetos de amor da infância. Por vezes, o indivíduo dedica-se a outras pessoas da sua idade, em cujo caso a relação assume a forma de amizade fervorosa ou, realmente, de amor. Outras vezes, a vinculação é com uma pessoa mais velha, que é investida do papel de líder e se apresenta, claramente, como um substituto para os abandonados objetos parentais. Enquanto durarem, essas relações de amor são apaixonadas e exclusivas; mas são de curta duração. As pessoas são selecionadas como objetos e abandonadas, sem qualquer consideração pelos seus sentimentos, escolhendo-se logo outras para ocuparem o lugar delas. Os objetos abandonados são rápida e completamente esquecidos, mas a forma da relação com eles é conservada no mínimo detalhe e geralmente reproduzida, com uma exatidão que quase sugere obsessão, nas relações com os novos objetos seguintes.

Além dessa impressionante infidelidade ao objeto de amor, notamos outra peculiaridade nas relações com o objeto, durante a puberdade. O adolescente não almeja tanto apossar-se do objeto, na vulgar acepção física do termo, quanto se assimilar, o mais possível, à pessoa que, no momento, ocupa o lugar central na sua afeição.

A variabilidade dos jovens é um lugar-comum. Em sua caligrafia, modo de falar, maneira de pentear, de vestir e todas as espécies de hábitos, são muitíssimo mais adaptáveis do que em qualquer outro período da vida. Muitas vezes, um simples relance nos dirá quem é o amigo mais velho que esse adolescente admira. Mas sua capacidade de mudança vai ainda mais longe. A filosofia da vida, religião e política do adolescente altera-se à medida que ele transita de um modelo para outro; e, seja qual for a freqüência dessas mudanças, estará sempre convencido, de um modo firme e apaixonado, da justeza e retidão dos pontos de vista que avidamente adotou. A esse respeito, assemelham-se a um tipo de paciente, descrito por Helene Deutsch, em um trabalho clínico sobre a psicologia dos adultos, como situado na linha fronteiriça entre a neurose e a psicose[2]. Classificou-as de pessoas do tipo "como se" ("ais *ob" Typus)*, pois, em cada nova relação com o objeto, viviam *como se* estives-

sem realmente vivendo a própria vida do objeto, exprimindo os respectivos sentimentos, opiniões e pontos de vista.

Em uma menina a quem analisei, o mecanismo em que esses processos de transformação se baseiam era especialmente nítido. Muitas vezes, no decurso de um só ano, ela mudou dessa maneira de uma amizade para outra, de meninas para rapazes e de rapazes para mulheres mais velhas. Em cada ocasião, não só ficava indiferente ao objeto de amor abandonado, mas passava a alimentar pela pessoa em questão uma peculiar e violenta antipatia - raiando pela hostilidade - e sentia que qualquer encontro acidental ou inevitável entre ambas era quase insuportável. Após uma boa dose de trabalho analítico, descobrimos finalmente que esses sentimentos em relação a seus anteriores amigos não eram seus, em absoluto. Cada vez que mudava de objeto de amor, sentia-se obrigada a moldar seu comportamento e a adotar opiniões, em todos os assuntos, em conformidade com o novo amigo ou amiga, tanto no que dizia respeito à sua vida interior como à exterior. Assim, deixara de sentir seus próprios afetos e sim os do amigo do momento. A antipatia pelas pessoas a quem antes amara não era realmente sua. Por um processo de empatia, acaba compartilhando os sentimentos da nova amizade. Assim, estava dando expressão ao ciúme que eia fantasiara que o *novo amigo* sentia em relação a todos os que a paciente já amara, ou a hostilidade *dele* (não a dela), por causa de possíveis rivais.

A situação psíquica, nessa e em semelhantes fases da puberdade, pode ser muito simplesmente descrita. Essas apaixonadas e evanescentes fixações de amor não constituem, em absoluto, relações com o objeto, no sentido em que usamos o termo ao falar de adultos. São identificações de uma espécie muito primitiva; tal como encontramos em nosso estudo do desenvolvimento infantil nos primeiros anos, antes de existir qualquer objeto de amor. Assim, a volubilidade característica da puberdade não indica qualquer mudança interior no amor ou nas convicções do indivíduo mas, igualmente, uma perda de personalidade em conseqüência de uma mudança na identificação.

Os processos revelados pela análise de uma menina de 15 anos talvez elucidem, de algum modo, o papel desempenhado por essa propensão para a identificação. A minha paciente era uma menina excepcionalmente bonita e encantadora, desempenhando já um papel no seu círculo social. Apesar disso, era atormentada por um ciúme frenético de uma irmãzinha que era ainda uma criança. Na puberdade, a paciente renunciou a todos os seus anteriores interesses e passou a atuar em função de um único desejo - conquistar a admiração e o amor dos rapazes e homens que eram seus amigos. Enamorou-se violentamente, a distância, de um rapaz mais velho do que ela, que costumava encontrá- lo ocasionalmente em festas e bailes. Nessa altura, escreveu-me uma carta em que exprimia suas dúvidas e preocupações a respeito desse caso de amor.

"Por favor, diga-me", escreveu ela, "como devo comportar-me quando o encontro? Devo mostrar-me séria ou alegre? Gostará ele mais de mim, se eu

mostrar que sou inteligente ou se fingir que sou estúpida? Aconselhar-me-ia a falar a respeito *dele* o tempo todo, ou deverei falar também a meu respeito?...” Quando a paciente me visitou de novo, respondi verbalmente às suas perguntas. Sugeri que talvez não fosse necessário planejar o seu comportamento antecipadamente. Quando chegasse o momento, não poderia ser apenas ela própria e conduzir-se de acordo com o que sentia? Garantiu-me que isso jamais daria resultado e fez-me uma longa dissertação sobre a necessidade de se ajustar às preferências e aos desejos das outras pessoas. Disse-me que só dessa maneira poderia estar certa de que as outras pessoas a queriam e, se esse rapaz não a amasse, ela não poderia, simplesmente, continuar vivendo.

Pouco depois, essa paciente contou uma fantasia em que descrevia algo como o fim do mundo. Que aconteceria, perguntou ela, se toda a gente morresse? Passou em revista todos os seus amigos e relações, até que, por fim, se imaginou sozinha sobre a terra. Sua voz, sua ênfase, e a maneira como descreveu todos os detalhes, mostraram que essa fantasia era a realização de um desejo. Sentia prazer em relatar o caso e não lhe causava qualquer angústia.

Nesse ponto, recordei-lhe seu apaixonado desejo de ser amada. A simples idéia de um de seus amigos não gostar dela ou de perder o seu amor fora suficiente, um. dia antes, apenas, para que mergulhasse no desespero. Mas quem a amaria, se ela fosse a única sobrevivente da raça humana? Repudiou calmamente eu recordar-lhe suas preocupações de véspera. “Nesse caso, eu amar-me-ia a mim própria”, disse ela, como se tivesse, finalmente, ficado livre de todas as suas angústias e soltou um profundo suspiro de alívio.

Essa pequena observação analítica, no caso de determinada paciente, indica, penso, algo que é característico de certas relações com o objeto na puberdade. A ruptura de anteriores relações, o antagonismo com as pulsões e o ascetismo têm todos o efeito de deslibidinizar o mundo externo. O adolescente está em perigo de retirar sua libido-objeto daqueles que o cercam e concentrá-la em si próprio; tal como regrediu dentro do ego, poderá também regredir na sua vida libidinal do amor ao objeto para o narcisismo. Foge a esse perigo mediante esforços convulsivos para estabelecer contato, uma vez mais, com os objetos externos, mesmo que seja apenas por intermédio do seu narcisismo, isto é, através de uma série de identificações. De acordo com essa opinião, as relações apaixonadas com o objeto, na adolescência, representam tentativas de recuperação - outro aspecto em que os adolescentes lembram o estado dos pacientes psicóticos, cuja doença está prestes a atravessar mais uma de suas periódicas fases para pior.

Em minha descrição da puberdade, comparei tantas vezes as características próprias desse período com os fenômenos de uma grave doença (embora este estudo não pretenda ser completo e esgotar o problema), que talvez deva dizer uma palavra sobre a normalidade ou anormalidade dos processos que ocorrem durante essa fase.

Vimos que a base de comparação entre a puberdade e o princípio de um dos avanços periódicos na doença psicótica é o efeito que atribuímos às mu-

danças quantitativas no investimento. Em cada caso, o aumento de investimento libidinal do id amplia o perigo pulsional, fazendo com que o ego redobre seus esforços para defender-se de todos os modos possíveis. Sempre se entendeu em psicanálise que, em virtude desses processos quantitativos, todos os períodos da vida humana em que a libido sofreu um aumento podem constituir, comprovadamente, um ponto de partida para a doença neurótica ou psicótica.

Secundariamente, a puberdade e tais acessos psicóticos assemelham-se mutuamente na emergência de primitivas atitudes defensivas que associamos ao medo do ego em face da força das puisões - uma angústia que recua muito além da angústia objetiva ou angústia da consciência.

A impressão que recebemos da normalidade ou anormalidade dos processos na puberdade, em qualquer indivíduo dependerá provavelmente de haver um predomínio de uma ou outra das características que enumerei ou de muitas delas, simultaneamente. O adolescente ascético impressiona-nos como normal, enquanto seu intelecto funcionar livremente e possuir certo número de relações saudáveis com objetos. Uma cláusula semelhante se aplica aos adolescentes do tipo que intelectualiza os processos pulsionais, aos do tipo idealista e também aos que se lançam entusiasticamente de uma amizade a outra. Mas se a atitude ascética for rigorosamente mantida, se o processo de intelectualização invadir todo o campo da vida mental e as relações com outras pessoas basearem-se exclusivamente em sucessivas identificações, será difícil, para um professor ou analista, decidir pela observação de até que ponto poderá ser considerada uma fase transitória no desenvolvimento normal ou até que ponto já é patológica.

NOTAS

***• Devo a Margit Dubovitz, de Budapeste, a sugestão de que a tendência dos adolescentes para meditarem sobre o significado da vida e da morte reflete as atividades destrutivas de sua própria psique.**

[2]- Helene Deutsch, "Über einen Typus der Pseudoaffektivität" ('als ob'), *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse,* **vol. XX, 1934, pp. 323 e seguintes.**

Conclusão

Nos capítulos precedentes, tentei classificar os vários mecanismos de defesa de acordo com as específicas situações de angústia que os acionam e ilustrei as minhas observações com uma série de exemplos clínicos. A medida que o nosso conhecimento da atividade inconsciente do ego avançar, uma classificação muito mais precisa tornar-se-á provavelmente possível. Verifica- se ainda uma considerável obscuridade sobre a ligação histórica entre experiências típicas no desenvolvimento do indivíduo e a produção de determinados modos de defesa. Os meus exemplos sugerem que as situações típicas em que o ego recorre ao mecanismo de negação são aquelas que se encontram associadas com idéias de castração e perda de objetos de amor. Por outro lado, a renúncia altruísta das moções pulsionais parece, em certas condições, ser um meio específico para superar a mortificação narcisista.

No estado presente dos nossos conhecimentos, já podemos falar com maior segurança sobre os paralelos entre as medidas defensivas do ego contra o perigo externo e contra o perigo interno. O *recalcamento* livra-se dos derivados pulsionais, tal como os estímulos externos são abolidos por *negação.* A *formação reativa* garante o ego contra o regresso dos impulsos recalcados de dentro, ao passo que, nas *fantasias em que a situação real é invertida*, a negação é mantida contra a subversão de fora. A *inibição* das moções pulsionais corresponde às *restrições impostas* ao ego para evitar a “dor” oriunda de fontes externas. A *intelectualização* dos processos pulsionais como precaução contra o perigo de dentro, é análoga à constante *vigilância* do ego em face dos perigos externos. Todas as outras medidas defensivas que, como a inversão e a reversão contra o próprio sujeito, acarretam uma alteração nos processos pulsionais têm sua réplica nas tentativas do ego para enfrentar o peri-

go externo mediante uma intervenção ativa, no sentido de mudar as condições do mundo circundante. Não posso discorrer aqui longamente sobre este último aspecto das atividades do ego.

Essa comparação dos processos paralelos sugere estas perguntas: de onde é que o ego deriva a forma de seus mecanismos de defesa? Será a luta com as forças externas vazada nos moldes do conflito com as pulsões? Ou será o caso inverso: as medidas adotadas na luta externa serão o protótipo dos vários mecanismos de defesa? A decisão entre essas duas alternativas dificilmente poderá ser direta. O ego infantil experimenta a investida dos estímulos pulsionais e externos ao mesmo tempo; se deseja preservar a sua existência, terá de se defender simultaneamente nas duas frentes. Na luta com as diferentes espécies de estímulos que tem de dominar, adapta provavelmente suas armas a determinada necessidade, armando-se ora contra o perigo interno, ora contra o perigo de fora.

Até que ponto o ego obedece às suas próprias leis, em sua defesa contra as pulsões. E até que ponto é influenciado pelo caráter dos próprias pulsões? Talvez se possa elucidar esse problema por uma comparação com um processo análogo, o da *distorção onírica.* A tradução dos pensamentos oníricos latentes em conteúdo manifesto de um sonho é efetuada a mando do censor, isto é, do representante do ego no sono. Mas a elaboração onírica não é feita pelo ego. A condensação, o deslocamento e os inúmeros e estranhos modos de representação que ocorrem nos sonhos são processos peculiares do id e são meramente utilizados para os propósitos de distorção. Do mesmo modo, as várias medidas de defesa não são inteiramente obra do ego. A medida que os processos pulsionais são modificados, foram utilizadas propriedades peculiares à pulsão. Por exemplo, a facilidade com que tais processos podem ser *deslocados* auxilia ao mecanismo *de sublimação,* por cujo intermédio o ego realiza seu propósito de desviar as moções pulsionais de sua meta puramente sexual para finalidades que a sociedade considera mais elevadas. Também ao conseguir recalcamentos, por meio da *formação reativa, o* ego serve-se da capacidade de inversão da pulsão. Podemos conjecturar que uma defesa só é prova contra um ataque se estiver edificada nessa dupla base: por um lado, o ego; e, por outro, a natureza essencial dos processos pulsionais.

Mas, admitindo mesmo que o ego não goza de completa liberdade para arquitetar os mecanismos de defesa que emprega, o nosso estudo desses mecanismos impressiona-nos pela amplitude e grandeza de suas realizações. A existência de sintomas neuróticos indica-nos que o ego foi sobrepujado e cada retorno de impulsos recalcados, com seu reflexo na formação de compromisso, mostra que um certo plano de defesa abortou e o ego sofreu uma derrota. Mas o ego sai vencedor, quando as suas medidas defensivas atingem seus propósitos, isto é, quando habilitam o ego a restringir o desenvolvimento de angústia e "dor", transformando as pulsões de modo que, mesmo em circunstâncias difíceis, uma certa medida de gratificação seja obtida; assim, se estabelecem as relações mais harmoniosas possíveis entre o id, o superego e as forças do mundo externo.

Artmed® Editora S. A.
Av. Jerônimo de Ornelas, 670
90040-340 Porto Alegre, RS, Brasil
Fone (51) 3027-7000 Fax (51) 3027-7070
e-mail: artmed@artmed.com.br

Zimerman, D.E. - Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão
Zimerman, D.E. - Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus
Zimerman, D.E. - Vocabulário contemporâneo de psicanálise
Young-Eisendrath & Dawson - Manual de Cambridge para estudos junguianos

*** Livros em produção no momento desta edição, mas que em breve estarão à disposição em língua portuguesa.**

RECORTE E USE COMO UM MARCADOR DE PÁGINA

ANNA FREUD

O EGO E OS MECANISMOS DE DEFESA

Este é um texto clássico de grande importância para a psicanálise, em especial para a psicanálise infantil e para a compreensão do que se pode chamar de "normalidade". Mais do que uma seguidora do pai –Sigmund Freud– Anna Freud foi responsável por um importante desenvolvimento, a criação da psicologia do ego, que abriu as portas para o tratamento de crianças e adolescentes e para a aplicação da psicanálise na educação e nas demais áreas da saúde.

Com uma escrita fácil e envolvente, a autora retomou os conceitos básicos da teoria psicanalítica e focou os processos metais acessíveis, em parte, ao consciente, demonstrando como o ego funciona, como reage às demandas inconscientes e como podemos entender as repercussões desse jogo de forças mentais no comportamento das crianças e suas conseqüências na vida adulta.

ISBN 85-363-0588-6

artmed® EDITORA
RESPEITO PELO CONHECIMENTO

www.artmed.com